

LABORO – EXCELÊNCIA EM PÓS-GRADUAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICANÁLISE,
FILOSOFIA E CONTEMPORANEIDADE

ALCEBÍADES TAVARES DANTAS

ADOECEER NA CONTEMPORANEIDADE:

visão da psicanálise e filosofia

São Luís

2009

ALCEBÍADES TAVARES DANTAS

ADOCER NA CONTEMPORANEIDADE:

visão da psicanálise e filosofia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Psicanálise, Filosofia e Contemporaneidade do LABORO-Excelência em Pós-Graduação/Universidade Estácio de Sá, para obtenção do título de Especialista em Psicanálise, Filosofia e Contemporaneidade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Mônica Elinor Alves Gama.

São Luís

2009

Dantas, Alcebíades Tavares.

Adoecer na contemporaneidade: visão da psicanálise e filosofia/Alcebíades Tavares Dantas. – São Luís, 2009.

133 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicanálise, Filosofia e Contemporaneidade) – Curso de Psicanálise, Filosofia e Contemporaneidade, LABORO-Excelência em Pós-Graduação, Universidade Estácio de Sá, 2009.

1. Adoecer 2. Sofrimento 3. Psicanálise. 4. Filosofia 5. Contemporaneidade I. Título.

CDU 159.9:128

ALCEBÍADES TAVARES DANTAS

ADOCER NA CONTEMPORANEIDADE:

visão da psicanálise e filosofia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Psicanálise, Filosofia e Contemporaneidade do LABORÓ-Excelência em Pós-Graduação/Universidade Estácio de Sá, para obtenção do título de Especialista em Psicanálise, Filosofia e Contemporaneidade.

Aprovado em / /

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Mônica Elinor Alves Gama (Orientadora)

Doutora em Medicina

Universidade de São Paulo-USP

Prof. Eduardo Riaviz

Doutor em Literatura

Universidade Federal de Santa Catarina

Ao Cristo, que venceu a morte.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Doutora Mônica Elinor Alves Gama pela segura orientação.

Ao Prof. Eduardo Riaviz, pelo acompanhamento e incentivo constante.

À Bibliotecária Elidinalva Silva de Sousa, pela sua contribuição profissional.

Ao professor Jader Cavalcante de Araujo.

E a todos aqueles que, direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

*“Nossa vida é tecida pelos mesmos fios dos
nossos sonhos”.*

William Shakespeare

RESUMO

Pesquisa bibliográfica com conteúdos selecionados divididos em oito partes, acentuando-se os princípios introdutórios com delimitação sobre o sofrimento e adoecer. Resgata-se o retrato dos tempos contemporâneos e sua relação com a questão do adoecer. Em seguida, relatam-se as diferenças entre normal e patológico, discorre-se sobre o individualismo na psicologia, reportando ao adoecer humano e a pulsão de morte, além de destacar o adoecer e as transformações contemporâneas e finaliza-se ressaltando a relação entre a natureza e adoecer.

Palavras-chave: Adoecer. Sofrimento. Psicanálise. Filosofia. Contemporaneidade.

ABSTRACT

A bibliographic resource with selected contents divided into eight sections where emphasis is placed on the introductory principles with delineation on the sufferings and being ill. The portrait of contemporary times is revived as well as its relation to the matter of falling ill. The difference between the normal and the pathological is described; individualism in psychology is analyzed, concerning the human illness, and both the impulse of death and the contemporary transformations are highlighted. The interrelationship of nature and being ill is finally pointed out.

Key words: Falling ill. Psychoanalysis. Philosophy. Contemporaneity.

SUMÁRIO

	p.
1 INTRODUÇÃO	9
2 SOFRIMENTO E ADOECER	10
3 RETRATO DOS TEMPOS CONTEMPORÂNEOS E SUA RELAÇÃO COM A QUESTÃO DO ADOECER	42
4 DIFERENÇAS ENTRE NORMAL E PATOLÓGICO	76
5 O INDIVIDUALISMO NA PSICOLOGIA	89
6 O ADOECER HUMANO E A PULSÃO DE MORTE	97
7 O ADOECER E AS TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS	104
8 NATUREZA E ADOECER	122
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	129

1 INTRODUÇÃO

O homem, aparentemente sadio, muitas vezes enferma, adoecer ou apresenta conflitos ou desequilíbrios psíquicos, individuais ou sociais, que levam à decadência do físico e à morte. Percebendo isso, pergunta-se o que, na óptica da psicanálise e da filosofia, os autores têm a dizer sobre o adoecer.

Com base nessa constatação, esta pesquisa foi desenvolvida objetivando buscar as respostas em publicações, descrever as reflexões oriundas das pesquisas, sobretudo esclarecer os estudos que permitam mostrar a relação entre psicanálise e filosofia, o individual e o coletivo na questão do adoecer, mas sem dirigir os estudos para casos específicos ou para uma visão da área médica.

Para alcançar esses objetivos, foi realizada pesquisa de molde descritivo com base bibliográfica e com conteúdos selecionados, que abordam o adoecer na contemporaneidade. Procurou-se também definir o que é contemporaneidade e enfatizar a distinção entre adoecer, enfermidade, sofrimento psíquico, mal-estar e defeito social, além do que pode ou deve ser entendido como normal e o patológico, e, ainda, procurar responder se existe ou não um adoecer coletivo distinto do adoecer individual e a possibilidade de estabelecer as relações entre o adoecer individual e a sociedade, especialmente a relação do adoecer com a natureza.

O adoecer tem sido fonte de outras preocupações que não estão voltadas ou destinadas a promover a saúde, além de ser fonte de conflitos e da apropriação pelo mercado, tendo o presente trabalho o objetivo de fornecer uma contribuição na área social, na esfera da saúde pública, sobretudo, subsídios para outras pesquisas.

Os estudos nos levaram a observar que conceitos freudianos de mal estar e pulsão de morte, na forma como vem sendo usada na Psicanálise, precisam ser inter-relacionados com o adoecer e com todas as conseqüências daí advindas.

Procurou-se mostrar também a existência de um fio unificador que perpassa os diversos objetivos do ser humano, seja na área médica, seja na religião, ou em outros diversos campos da ciência, reflexos da luta do indivíduo para conseguir equilíbrio e o prolongamento de sua existência, assim como denunciar as condições que levam muitas vezes à prevalência da pulsão de morte, ou da existência de condições autônomas que se tornam senhoras e mestras dos destinos individuais e coletivos, escravizando o ser humano.

2 SOFRIMENTO E ADOECER

Uma visão do adoecer, na qual se enfatizem as dimensões situadas entre o individual e o social e a natureza também exige a descrição da contemporaneidade, assim como obriga que se inclua a questão da natureza numa dupla visão: a externa, próxima da questão ecológica e a do que homem faz com a natureza, ou do que dela recebe em troca; na visão do ser humano interno, terreno do inconsciente, que é uma expressão que não é aceita pela psicanálise ou filosofia, embora seja aceita pela teologia, que é uma das correntes da metafísica.

Também exige que seja demonstrada a questão do adoecer e sua ligação e a inserção do ser humano na natureza e em processos mais vastos e complexos, embora difíceis de serem percebidos, descritos, ou cientificamente provados, uma vez que a interrogação sobre as origens do psiquismo é uma questão ampla, local de mal-entendidos, além de dizer respeito às origens, que não costuma ser um tema científico, muito menos um tema psicanalítico.

Exige ainda a reflexão sobre os processos decorrentes do campo social e cultural que enfermam o ser humano e a explicação dos modos e formas como a contemporaneidade adoecer o ser humano, temas aparentemente distantes e abandonados às preocupações e projetos da psicanálise, uma vez que ela está prioritariamente voltada para uma clínica da individualidade e para a subjetividade dos pacientes, embora não tenha ela conseguido afastar-se inteiramente dessas preocupações.

Quando olhamos epidemias, ameaças de pandemias, enchentes, furacões e terremotos destruindo vidas e bens, ou quando se vê o homem saqueando e destruindo a natureza, torna-se fácil perceber, descrever e aceitar a relação externa das causas do adoecer e do sofrimento que são oriundos da natureza, ou mesmo das causas provocadas pelo ser humano através dos processos culturais. Também é de fácil percepção a relação entre psicopatologia e processos culturais e sociais, mas não é fácil demonstrar, provar, ou aceitar a inserção e imbricação do que muitos designam como “interno” ou “ser interno” na natureza e nos seus processos.

Também não é fácil aceitar a expressão “ser interno”, embora a psicanálise, objetivando explicar o funcionamento psíquico e o inconsciente, tenha

aceitado com as duas tópicas freudianas a existência do que podemos chamar de instâncias ou aspectos no ser humano e o dinamismo da relação interno-externo no ser humano, embora priorizando o psíquico.

Torna-se ainda mais difícil aceitar a expressão “ser interno” quando Lacan estuda o que é um sujeito, como alguém se torna um sujeito ou mesmo as condições responsáveis pelo fracasso em tornar-se um sujeito.

O adoecer é um tema que diz respeito a todos, individual ou coletivamente. Individualmente quando se é afetado por diversos tipos de enfermidades, sofrimentos, doenças, mal-estar e, coletivamente, por circunstâncias vindas de diversos modos e formas, como é o caso de uma guerra, ou de epidemias humanas, ou epidemias oriundas de animais (gripe aviária, gripe dos porcos), epidemias nas plantas, estas, objeto da Fitopatologia, ciência que estuda a doença das plantas, cujas referências mais antigas são citadas e exemplificadas, por Bergamin Filho, Kimati; Amorim¹, as seguintes:

[...] são encontradas na Bíblia e atribuídas a causas místicas: “Eu vos feri com um vento abrasador e com ferrugem a multidão de vossas hortas e de vossas vinhas. Aos vossos olivais e aos vossos figueirais comeu a lagarta; e vós não voltastes para Mim, diz o Senhor (Amós: 4:9), ciência que também nos dá referências históricas de que, “aproximadamente dois séculos após sua introdução, a batata (*Solanum tyberosum*) tornou-se a base da alimentação dos habitantes do norte da Europa Ocidental. Ela desalojou os cereais desta posição em virtude de sua alta produtividade, fácil adaptação e alto valor nutritivo. Quanto mais rural a área, mais a batata pesava na dieta; quanto mais pobre a região, mais batata se comia. Não raro o cardápio nestas casas simples consistia de sopa de batata no café da manhã, batata cozida no almoço e batata assada no jantar. Por mais inacreditável que possa parecer nos dias que correm, a ração diária de um trabalhador irlandês no início do século XIX consistia quase que exclusivamente de 4 a 8 kg de batatas frescas. Este tipo de alimentação, apesar de enfadonho, dava às pessoas quantidades adequadas de proteínas, carboidratos e vitaminas.

Os referidos autores também ressaltam que:

Além disto, poucos problemas fitossanitários ocorriam na lavoura e a produção era estável de ano para ano, fato de grande importância naqueles árduos tempos. Por volta de junho de 1845, porém, uma nova e destrutiva doença (hoje conhecida como requeima, causada pelo fungo *Phytophthora infestans* foi vista na Bélgica. Duas ou três semanas após, os mesmos sintomas foram encontrados em Flandres e na vizinha Holanda. A França veio em seguida. A doença era tão destrutiva que todos os jornais da época se ocuparam do assunto. O público e os governos estavam tão alarmados com as consequências que poderiam advir de tão terrível mal que médicos brigavam com químicos, que por sua vez brigavam com botânicos, todos querendo ter a primazia e a exclusividade de lutar contra o novo inimigo. Nesta época longínqua, os fitopatologistas, como nos lembra Bourke (1964), não haviam ainda sido inventados... E

¹ BERGAMIN FILHO, A.; KIMATI, H.; AMORIM, L. **Manual de Fitopatologia**. 3 ed. São Paulo: Agronômica Ceres, 1995.

nada ilustra melhor a preocupação reinante naquele tempo que a convocação, em 20 de agosto de 1845, da *Societé Royale et Centrale d'Agriculture de Paris*, em plenas férias de verão! Neste mesmo mês, a doença foi identificada no sul da Inglaterra. E, a 6 de setembro, uma nota publicada no *Dublin Evening Post* indicava que o patógeno já havia chegado à Irlanda. Estatísticas da época indicam que a queda de produção, em 1845, naquele país, chegou a 25%, nada desprezível, mas ainda longe da catástrofe que se avizinhava [...] As consequências são ainda hoje inimagináveis: dois milhões de mortos e um milhão de emigrantes. A população da Irlanda, que era de 8,3 milhões em 1846, passou para 5,2 milhões, 30 anos depois.²

Citam ainda Bergamin Filho, Kimati; Amorim³, como causas oriundas da natureza e do interrelacionamento com fatores culturais, que a história registra a catástrofe de Bengala, cuja situação tornou-se desesperadora porque era dependente do arroz para a alimentação do povo, cuja plantação também foi dizimada por um fungo, naquele tempo conhecido como *Helmithosporium oryzae*, provocando danos em 50% da produção, situação agravada pela guerra na Ásia, cujo apogeu ocorreu em 1942, guerra que consumiu todo o estoque de alimentos da região e impediu a importação de alimentos. O resultado, dizem os autores, é descrito com emoção e detalhes por Padmanabhan⁴:

[...] o autor foi indicado como micologista em Bengala quando a fome estava no seu máximo. Quando ele viajou para assumir seu novo posto, em 18 de outubro de 1943, pôde ver corpos mortos e pessoas morrendo de fome por todo o caminho. Esta horrenda situação, de muitos milhares de homens, mulheres e crianças morrendo, continuou por todo outubro, novembro e dezembro nas mais importantes cidades de Bengala, principalmente Calcutá e Dacca.

Ainda sobre as epidemias que assolam os seres humanos, há outro registro histórico mais antigo, retratado na afirmação de Tucídides:

[...] os homens morriam feito os mosquitos. Os corpos dos moribundos eram todos empilhados. Viam-se criaturas semimortas a cambalear pelas ruas ou, em sua ânsia por água, apinharem-se em torno das fontes. Os templos nos quais se abrigavam estavam repletos de cadáveres das pessoas que haviam morrido ali. Em muitas casas, as pessoas foram de tal forma subjugadas pelo peso de seus mortos que deixaram de lamentá-los. As cerimônias fúnebres tornaram-se uma confusão, os mortos eram enterrados da melhor maneira possível. Várias pessoas, em cujas famílias haviam sido tantos os mortos que não tinham mais como pagar as despesas de sepultamento, recorriam às mais desavergonhadas artimanhas. Chegavam primeiro à fogueira que outros haviam erigido, depositavam seus mortos sobre ela e ateavam fogo à lenha. Ou se já havia uma fogueira a arder, jogavam os corpos que traziam consigo sobre os demais cadáveres e se iam. Nenhum temor às leis divinas ou humanas os refreava. No que se refere aos deuses, parecia dar no mesmo

² Ibid.

³ Ibid., p. 17.

⁴ PADMANABHAN.1973. apud BERGAMIN FILHO, A.; KIMATI; H.; AMORIM, L. **Manual de Fitopatologia**. 3 ed. São Paulo. Agronômica Ceres, 1995.

reverenciá-los ou não, pois via-se que morriam tanto os bons como os maus.⁵

A verdade é que não há um só tipo de enfermidade, de sofrimento ou de adoecer, muito menos uniformidade conceitual, além de aparentar ser uma questão que, no campo científico, ficou majoritariamente restrita à ciência médica ou às pesquisas científicas em laboratórios. Também não é uma questão que, direta ou prioritariamente, tenha sido objeto central de preocupação da filosofia ou da psicanálise, uma vez que elas não lidam necessariamente com os diversos tipos de doenças como faz a ciência médica. Na clínica psicanalítica, somente de forma indireta a questão se apresenta através dos sintomas, embora Lacan⁶ afirme: “Somos doentes, é tudo. O ser falante é um animal doente”. Mas, de que forma?

Aristóteles⁷, na sua *Ética a Nicomaco*, ensina que se deve examinar o que é relativo às ações, como realizá-las, pois elas são as principais causas da formação dos diversos modos de ser. Shakespeare afirmou: “De ocultas faltas, onde estou enfermo” e, ainda, “O meu corpo é meu jardim; a minha vontade, o seu jardineiro”.

É, no entanto, difícil dar a resposta de como e por que o homem adocece, assim como é difícil fixar os limites ou estabelecer contornos ou a descrição de quadros clínicos gerais sociais, até mesmo de casos individuais e específicos, principalmente quando o estudo dirige-se para a psicanálise e a filosofia, e isso porque o adoecer visto nos aspectos individual e social reflete o que claudica e falha as vicissitudes, as contradições e ambiguidades da natureza humana nas suas relações com as condições humanas, portanto, um paradoxo que não é adequadamente explicado, nem pode ser simplificado, inclusive quando é apresentado na psicologia, direcionado para as questões relacionadas com a estruturação do sujeito, terapias dos vínculos, ou para processos cognitivos, ou mesmo processos inconscientes, ou, ainda, no que concerne à alteridade, mas nunca se dirigindo para o passado e a história do ser humano.

Para a psicanálise, há uma questão central na questão do adoecer, que é a relativa às ideias e aos estudos concernentes à pulsão de morte, cujo conceito traz a ideia de fatores que lhe são inerentes: uma fonte, uma força, uma finalidade, um objeto. Quando Klein fala da pulsão de morte ou de vida, está se referindo a

⁵ TUCÍDIDES apud CANETTI, Elias. **Massas e poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 272-273.

⁶ LACAN, Jacques. **O triunfo da religião precedido de discurso aos católicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p.76.

⁷ ARISTÓTELES. **Ética a Nicomaco**. Instituto de Estudios Políticos, Madrid 1970.

grandes polaridades, ou grandes tendências que governam a vida psíquica. A sua visão é que a pulsão de vida (ou amor) é uma tendência à integração, e a de morte (ou ódio) é uma tendência à desintegração.

Há, por exemplo, uma observação, no campo psicanalítico, o do paradoxo no pensamento dos esquizofrênicos, que se revela na interação vida-decadência, ou o que surge entre realidade externa e realidade interna. Para outros, a interação vida-decadência surge das experiências e vivências dos fenômenos transacionais, das qualidades opostas, ou das ilusões que apoiam a comunicação entre duas ordens de realidade, produzindo vivências “delirantes” de seres separados, mas que conduzem à não vivência e à incapacidade de ser, ou de encontrarem a si mesmos, ou da incapacidade de retorno ao início, às próprias raízes e processo do surgimento da vida, ou à fusão original no útero materno que produz vida e seu desenvolvimento, assim como afirmam que o impulso para a morte tem origem numa necessidade de aliviar as tensões, a pressão que a natureza provoca nos seres.

O adoecer físico já foi amplamente descrito pela ciência médica, cujas conquistas e trabalho em favor do ser humano são notáveis. No campo psicológico, os estudos dirigem-se ao relacionamento psique-soma e, no que diz respeito à saúde mental, nossas aproximações podem começar com a constatação da existência de um conflito básico no próprio ser, ou observar a relação entre o doente mental e a sociedade, ou as relações do doente com familiares e vizinhos, polícia ou cortes de justiça, servindo os hospitais para administrar o paciente individual, ou controlá-lo em nome da sociedade, uma vez que a internação em hospitais psiquiátricos decorre do fato de que os familiares e a sociedade não conseguem lidar com o paciente, ou certos eventos mentais, esperando que o hospital execute essa tarefa e resolva o problema.

Poderíamos mencionar os processos individuais ou coletivos de violência, diariamente noticiados, denunciar a incapacidade de lidar com a irrupção desses processos ou a impossibilidade de encontrar meios e caminhos para resolvê-los, entregando o problema para a polícia ou até mesmo para o exército, ou então descrever as buscas de proteção e defesas em casas fortificadas.

Também podemos referir à generalização do adoecer, às deficiências da medicina convencional, na qual se encontram procedimentos invasivos, muitas vezes com efeitos colaterais perniciosos, descrever os vários tipos de carências, as

pressões crescentes por recursos nas diversas áreas de saúde pública, sobretudo, as dificuldades para entender o que está ocorrendo, uma vez que se lida com efeitos e só depois se procuram as causas, os diagnósticos ou explicações.

No amplo universo que envolve um estudo desta natureza, outros modelos de medicina alternativa são encontrados: a medicina da mente-corpo, que vê a mente como algoz e como agente de cura; a medicina chinesa, que considera a doença e a cura como movimento de uma energia misteriosa chamada *chi*; a medicina hindu, o *Aryuverda*, que vê a doença como resultado de desequilíbrios dos misteriosos atributos que compõem o ser humano — os *doshas* —, estando a cura dependente da correção desses desequilíbrios.

No que concerne à psicanálise, segundo Winnicott⁸, os estudos, numa determinada época, tendiam a pensar a saúde como a ausência de distúrbios psiconeuróticos, mas não é o que acontece hoje em dia. Winnicott⁹ aconselha a adotar critérios mais sutis, além de afirmar que não precisa jogar fora o que foi usado previamente, quando se pensa na necessidade de liberdade dentro da personalidade, da capacidade de ter confiança e fé, de constância e confiabilidade objetal, de liberdade em relação à autoilusão, ou capacidade de lidar com a realidade e pobreza da realidade psíquica individual.

Acrescenta ele que uma pessoa relativamente saudável é aquela que alcançou um grau razoável em termos de capacidade instintiva, é capaz de alcançar certa identificação com a sociedade sem perder muito dos seus impulsos individuais ou pessoais. Diz também que não devemos nos satisfazer com a idéia de saúde como uma simples ausência de doenças psiconeuróticas, ou seja, de distúrbios relativos à progressão das posições do *id* em direção à genitalidade plena e à organização de defesas relativas à ansiedade e a relações interpessoais. Acrescenta que a vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflitivos, dúvidas, frustrações, tanto quanto por características positivas.

A psicanálise volta-se para os sintomas, para os estudos das manifestações psíquicas, tais como: neurose, histeria, obsessão, psicose, paranoia, cujos quadros clínicos e estruturas são difíceis de descrição nos limites do presente trabalho. Outras vezes, seus estudos dirigem-se para problemas e situações que

⁸ WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes. 1999. p. 9 -10.

⁹ *Ibid.*

levam o ser humano a falhar em sua possibilidade de ser, ou para os estudos que reconhecem que o ser humano vive fragmentado, descentrado de si mesmo, impossibilitado de encontrar na cultura os elementos ou o amparo que é necessário para superar suas dificuldades psíquicas

Na clínica psicanalítica, as questões não se referem tão-somente ao desejo ou à relação com o outro, mas também ao vazio, à vivência da futilidade, da falta de sentido da vida, da morte em vida, ou de indivíduos que não desenvolveram o processo de pensar, ou mesmo de indivíduos que nem sequer amadureceram, ou dos que estão carregados de culpa, sendo impossível descrever todos os quadros, em face da complexidade e extensão das condições humanas.

Na psicanálise, encontramos os estudos metapsicológicos de Freud, cujo objetivo era estudar e explicar o que está além do psicológico, numa tentativa de teorizar e encontrar caminhos para compreender a complexidade dos fenômenos psíquicos sem transformar a psicanálise em filosofia ou metafísica, sem aprisioná-la no físico ou tão-somente no universo psíquico, mas são estudos que não puderam se furtar às questões relacionadas com a pulsão de vida e morte, enfim, às tentativas da criação de um estatuto científico situado entre vida e morte, cujos reflexos resultaram na metapsicologia kleiniana, constitucionalista, uma vez que fundada sobre a noção de uma dosagem inata das pulsões de vida e morte, além do fato de que foi obrigada a reconhecer esses aspectos da psique e da vida humana e natural.

Mas não são estudos concluídos. Para que se tenha a idéia da riqueza dos passos e da direção adotada, que transcende o individual é necessário transcrever o que Lacan¹⁰ ensina a respeito de Freud, dizendo que foi ele “quem introduziu a noção de que a culpa tinha suas raízes no nível do inconsciente, articulada sobre um crime fundamental que ninguém individualmente pode responder, nem deve fazê-lo“, ou, então, quando menciona¹¹ o drama do “Édipo, isto é, a um conflito mais dramático que articula uma fenda mais profunda do sujeito, um recalcamente arcaico.

Afirma ainda, que Freud nem por isso teve a audácia de propor um tratamento radical desse conflito inscrito na estrutura. Se o esboçou, como nunca fizera nenhuma caracterologia primitiva nem moderna, o que designou como tipos

¹⁰ LACAN. op. cit., p.35.

¹¹ LACAN op. cit. p.46-47.

libidinais, foi para formular expressamente que vinha ratificar a existência, em última instância, de algo irremediavelmente falseado na sexualidade humana”, ou, ainda, quando via:

O homem sobredeterminado por um logos que está por toda a parte em que também se encontra sua anankê, sua necessidade. Esse logos não é uma superestrutura. Mais que isso, é antes **uma subestrutura, já que sustenta a intenção, articula nele a falta do ser, e condiciona sua vida de paixão e sacrifício.**¹² (Grifo nosso)

Essas citações ou visões, contudo, só servem como aproximação ao tema, mas são incapazes de esgotá-lo, uma vez que, quando o nosso olhar é atraído para a obra deixada por Durkheim, observa-se que ele nos dá a idéia da sociedade como força coercitiva que impele as pessoas a fazerem coisas sem perceber, mas exige que se correlacione sua afirmação com o adoecer na tentativa de saber o que a sociedade faz para coagir as pessoas desse jeito, ou as razões para que a anomia social se instale no indivíduo, ou a razão pela qual anomia social e suicídio estão correlacionados, mesmo quando o próprio indivíduo pensa que o faz por razões puramente pessoais.

Winnicott¹³ também afirma que a saúde social depende da individual, uma vez que a sociedade não passaria de uma duplicação maciça de indivíduos, mas é uma posição teórica que pode levar a uma pavorosa homogeneidade de situações, deixando em plano secundário os processos de individualização e a diversidade das manifestações humanas.

Por outro lado, uma consulta aos Dicionários de Filosofia de Nicola Abbagnano, Dicionário Wittgenstein de Hans-Johann Glock, Logos Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, dirigida por Roque Cabral, Francisco da Gama Caeiro, Manuel da Costa Freitas, Alexandre Fradique Morujão, José do Patrocínio Bacelar e Oliveira e Antonio Pam, Dicionário de Psicanálise de Roland Chemama, Dicionário Enciclopédico de Psicanálise de Pierre Kaufmann, Dicionário Junguiano dirigido por Paolo Francesco Pieri, Vocabulário da Psicanálise de Laplanche e Pontalis e ao Dicionário Internacional da Psicanálise dirigido por Alain de Mijolla, e, por fim, ao Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise de David e Zimerman¹⁴, revelam que eles não contêm menção sobre o vocábulo adoecer, circunstância que parece indicar que as pesquisas e preocupações no campo da filosofia ou da psicanálise

¹² LACAN. op. cit. p. 33.

¹³ WINNICOTT. op. cit. p. 3-4.

¹⁴ ZIMERMAN, Davi E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. 2. ed. Rio Grande do Sul: Artmed, [19--], p. 22.

dirigiram-se primordialmente para outras áreas, confirmando que a questão do adoecer foi apropriada pela ciência médica de forma preponderante, com suas especializações, seus manuais, diagnósticos e classificações.

O Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, no entanto, traz uma descrição do vocábulo adoecer que convém ressaltar:

Tornar (-se) doente ou adoentado; debilitar (-se), enfermar [o excesso de trabalho o adoeceu]; ser tomado por uma certa doença, mal, etc. (físico e/ou espiritual), expressando-se a causa do mal ou o local da moléstia [a do estômago]; adquirir e/ou apresentar (defeito moral) [a de presunção [a de vaidade] [a de soberba].¹⁵

Apreende e descreve diversos sentidos do vocábulo, mas remetendo ao que é individual, sobretudo, a uma transformação ou modificação decorrentes de um tornar-se, debilitar-se, ou por ser tomado ou, então, por aquisição ou modificação do corpo ou do ser, que envolve até mesmo a condição ética, ou do que poderia ser tido ou considerado como defeitos morais. Poderíamos tentar enriquecer o vocábulo acrescentando uma sugestão de que os processos de adoecimento são nossas formas de representações, do viver e de acontecimentos psíquicos.

Goswami¹⁶ distingue doença e enfermidade. Diz que a primeira seria um distúrbio objetivo do organismo que pode ser diagnosticado por máquinas e por exames adequados, sobre a qual, especialistas podem formar um consenso. Em contraste, a enfermidade é subjetiva, a sensação subjetiva do distúrbio. Para ele o paradigma materialista explica a doença, mas falta-lhe amplitude para explicar a causa da sensação interna ou enfermidade. A dinâmica quântica de todos os corpos explicaria porque uma parte da consciência (o físico) é experimentada externamente e outra parte (o corpo sutil) é experimentada na esfera interna.

A verdade é que foram abertas novas perspectivas e estudos, através da psicanálise, psicologia e psicossomática, que relacionam a psique com distúrbios corporais, contudo, mas ainda com pouco uso e aplicação das explicações científicas oriundas da física quântica. A Organização Mundial de Saúde adotou inicialmente um conceito de saúde, que é seguido pela tradição acadêmica, mas lembra muito mais a tradição esotérica quando estabelece:

A saúde como um estado livre de sofrimento físico, espiritual e social, portanto um estado que, conseqüentemente, indica que, fora dos livros de anatomia e fisiologia, não existe um único ser humano são, além de

¹⁵ HOUAISS. **Dicionário de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 88-89.

¹⁶ GOSWAMIR, Amit. **O médico quântico**: São Paulo: Cultrix, 2006.

indicar o social como causa de sofrimento, além de uma relação do psíquico com o espiritual.¹⁷

No conceito atual, segundo a Declaração de Alma Ata,

A saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não consiste apenas na ausência de doença ou enfermidade, constituindo-se em um direito humano fundamental. A concepção do mais alto nível possível de saúde é a mais importante meta social mundial, cuja realização requer ação de outros setores sociais e econômicos além do setor saúde.¹⁸

Já a visão do sofrimento é introduzida e definida por Freud¹⁹ como “sensação que só existe na medida em que o sentimos como consequência de certos modos pelos quais o organismo está regulado”.

Mas a idéia de sofrimento também pode indicar uma escala, uma graduação psíquica ou física, ou mesmo uma condição decorrente de diversas circunstâncias, parciais ou mais profundas, como servem de exemplo as dificuldades oriundas do processo de envelhecimento, com as lutas e perdas sucessivas que tramitam em seu cerne, levando à perda de antigos padrões e sua subsequente renúncia, no qual o esvaziamento das funções cede lugar à vacuidade de representações correspondentes, podendo levar ao desenvolvimento da melancolia, uma nostalgia não só pela perda dos objetos, mas das perdas específicas relativas a si mesmo, impondo o luto pela frustração de ter que abandonar as antigas estruturas e lidar com perdas significativas tanto do ponto de vista concreto, quanto subjetivo, luto que se assemelha à perda dos entes queridos.

Oscar Wilde (1993) retrata muito bem o que se passa ao escrever que:

Havia enunciado o louco desejo de conservar-se jovem, enquanto envelhecesse o quadro [...] Ah! se sua beleza não devesse fenecer e fosse permitido ao retrato, pintado nessa tela, carregar o peso de suas paixões, de seus pecados! A pintura não poderia, pois, ficar assinalada pelas linhas de sofrimento e dúvida enquanto ele conservasse o desabrochar delicado e a lindeza de sua adolescência?

Atrai o vocábulo sofrimento uma aproximação com o conceito de enfermidade anteriormente citado, que é o sentimento subjetivo, bem como idéias ou conceitos incompletos, variável de uma pessoa para outra, tornando difícil estabelecer distinções entre adoecer, enfermidade e sofrimento, ou quando começa um e termina o outro, portanto sem a possibilidade de resumir ou esgotar o

¹⁷BRASIL. Ministério da Saúde. Declaração de Alma Ata. Brasília: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. 2002.

¹⁸Ibid.

¹⁹FREUD, Sigmund. Mal-estar na Civilização. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21. p. 85.

entendimento sobre o tema, quer por causa das dificuldades de mensuração, quer por causa da decadência do físico na velhice com as limitações e consequências daí decorrentes, quer por causa da própria questão da morte, morte que surge como limite, esgotamento e etapa final, contraposta à força e o dinamismo do início da vida, que impulsionam o crescimento e o desenvolvimento das faculdades humanas.

O adoecer também tem sido fonte de outras preocupações que não necessariamente as destinadas a promover a saúde, como é o caso da existência de laboratórios biológicos ou químicos para o uso em guerras, além de ser fonte de outros de conflitos, como os que surgem na área da previdência social, principalmente entre médicos e segurados por ocasião de altas ou cassação de auxílio-doença, ou mesmo cassação de aposentadorias, e, em decorrência da sua generalização, afeta orçamentos públicos e privados, além de ter criado um setor econômico-industrial de ampla inserção social, cujos exemplos são a previdência pública e privada, indústrias farmacêuticas, indústrias de equipamentos médicos, hospitais, escolas para formação de profissionais, sendo, enfim, uma questão que revela o que fazemos, o que nos tornamos e como temos tratado a vida.

Também é uma questão que exige o exame da relação doença-sociedade que, segundo Camargo Junior, é múltipla, pois não apenas a estrutura social é causadora de doença, como a própria definição de doença é antes de tudo cultural²⁰. Hipócrates, numa descrição antiga, fez a correlação entre processos sócio-culturais e o aparecimento de doenças. Arendt,, por sua vez, cita circunstâncias que revelam formas de mal-estar quando afirma que os cristãos:

Chamaram a terra de “vale de lágrimas”; os filósofos veem o corpo do homem como a prisão da mente e de alma, e ninguém, antes da era moderna, manifestou o desejo de ir à Lua ou levou a que, na história da humanidade, fosse concebida a terra como prisão para o corpo dos homens, assim como levou à emancipação e a secularização da era moderna, que tiveram início com um afastamento, não necessariamente de Deus, mas de um deus que era pai dos homens no céu, terminar com um repúdio mais funesto de uma terra que era Mãe de todos os seres vivos no firmamento.²¹

Na visão psicanalítica, inicialmente a neurose era explicada, estruturalmente, como sendo um conflito entre as forças do *ego* e do *id* em oposição, depois avança para vê-la na sua relação com processo sócio- culturais.

²⁰ CAMARGO JUNIOR, Kenneth. Apud MELLO FILHO, Julio de et al.. **Psicossomática Hoje**. Porto Alegre: Artmed,,Rio Grande do Sul,1992. p.22.

²¹ ARENDT, Hanna. **A condição humana**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. p.10.

Contudo, no que diz respeito à relação com a natureza, encontra obstáculos, quer para formular definições ou limites, quer por causa dos conceitos sobre o inconsciente, bem como porque a clínica psicanalítica é uma clínica da individualidade. Freud, contudo, avançou para o conceito de neurose social quando menciona a repressão como instrumento necessário para a vida em sociedade²², enquanto Jung, um dissidente da psicanálise, **nos** deixa o conceito de inconsciente coletivo²³.

O estudo do adoecer nos convida ao exame da relação da pluralidade de pessoas com a pessoa singular que chamamos indivíduo, traz a questão de qual é a aproximação possível entre esse individualismo pós-moderno e o narcisismo, da relação da pessoa com sua própria imagem, que, como afirma Lacan, está na base da constituição do eu, além de convidar-nos a relacionar a pessoa singular com a pluralidade na contemporaneidade, também chamada de pós-modernidade, que criou um estado permanente de crise na sociedade e nos laços, mas a ênfase na psicanálise é posta sobre o ser humano individual, singular, como se fora uma entidade existindo em isolamento, uma vez que é mais fácil pesquisar as condições individuais ou subjetivas de um indivíduo, estabelecer parâmetros e distinções, do que o adoecer no indivíduo na sua relação com uma dimensão encravada na vida social, ou o próprio adoecer social.

Durkheim, segundo Lévinas (2007), denunciou o conjunto de crenças e sentimentos comuns aos membros de uma sociedade, que formariam um sistema que tem vida própria, denominando consciência coletiva ou comum²⁴ porque apresenta características distintas da consciência individual, enquanto Enriquez mostra a tensão resultante da visão da psicologia individual e a psicologia social²⁵. Ele cita o Livro de Freud “Totem e Tabu” afirmando que “o livro começa com uma bomba: o questionamento da oposição entre psicologia individual e psicologia social.

Enriquez enfatiza que:

O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo (*foule*), que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde

²² FREUD, Sigmund. Mal-estar na Civilização. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 21. p. 85.

²³ JUNG, Carl Gustav. **Psicologia da religião ocidental e oriental**. Petrópolis: Vozes, 1983, pp. 47-48.

²⁴ DURKHEIM apud LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**. Portugal:Edições 70, 2007, p.15

²⁵ ENRIQUEZ, Eugene. **Da horda ao Estado**: psicanálise do vínculo social: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, pp. 46-48.

grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora o caminho pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente, e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de despertar as relações desses indivíduos com os outros.

E complementa:

Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um **modelo**, um **objeto**, um **auxiliar**, um **oponente**, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, psicologia social²⁶

Afirma também que Freud termina com todas as pretensões dos caracterologistas de definir tipos de personalidade e tipos de doença que seriam puro produto de fatores orgânicos, ou de fatores psicológicos endógenos. Aqui se originam três séries de questões:

— Até que ponto é fundado se utilizar uma classificação psiquiátrica? Qual o sentido que há em classificar alguém de histérico, ou paranoico, fazendo-se referência a um código? Não seria mais fecundo examinar-se, na história do sujeito e de suas transformações, os elementos reais ou imaginários que o levaram a adotar certa estrutura de comportamento e que refletem a história das suas identificações?

— E ainda se a psicologia do sujeito depende do contexto no qual ele se encontra, é preciso admitir que outro ambiente, ou seja, outro tecido de relações sociais (e logo de posições sociais identificatórias, bem como os conflitos que elas acarretam), pode permitir-lhe mudar de conduta. Resulta daí que nenhuma conduta pode ser considerada definitivamente fixa.

— Supondo-se até ser possível, por razões de comodidade científica, classificar comportamentos sob uma única categoria, será necessário questionar se estes comportamentos não são uma resposta, mais ou menos adequada, aos desafios e às solicitações do ambiente. Por exemplo, até que ponto o aparecimento em uma família, de uma criança esquizofrênica não poderia ser resultante de todo um complexo de conflitos e de identificações paradoxais e contraditórias que cristalizariam desejos mortíferos sobre um objeto, incumbido de assumir o destino de todos? Podemos generalizar a questão: em que sentido o desenvolvimento de uma sociedade dominada pela tecnocracia favorece mais os processos pervertidos e psicóticos do que os processos neuróticos e, mais, grandes ou pequenos “perdidos”, cujas estruturas são instáveis, do que as pessoas que apresentam uma sintomatologia definida?²⁷

Prossegue Enriquez dizendo que Freud indica os limites da psicanálise individual e ao mesmo tempo seu caráter eminentemente subversivo:

— Limites: pois se o comportamento de cada pessoa depende da influência dos outros indivíduos, grupos, organizações, a análise mais profunda, que dará ao analisando para remanejar suas relações com os outros, percebendo-os sob outros ângulos e fazendo-os desempenhar, no seu imaginário, um outro papel, não impedirá que os outros tentem manter

²⁶ Ibid.

²⁷ Ibid.

seus comportamentos e suas modalidades de influências, a fim de não serem obrigados a se requestionarem, conservando desse modo as mesmas posições na realidade e na fantasia daqueles que eles modelam. Nessas condições, toda análise individual deveria ser acompanhada, necessariamente, de uma análise social que teria por fundamento transformar os próprios fundamentos da sociedade.²⁸

Jung, por sua vez, observou e tentou demonstrar os limites da visão de uma psique exclusivamente individual, tendo sido obrigado a avançar, estudar e referir-se ao inconsciente coletivo²⁹, procurando representar a psique como um vasto oceano (inconsciente) no qual emerge pequena ilha (consciente), portanto, um dado que não é exclusividade do indivíduo, que não é criação individual. No campo sociológico, Durkheim vai mais adiante quando dá a ideia de que o social é a própria ordem do espírito³⁰, consoante ensina Levinas:

Durkheim inaugurava uma sociologia experimental. Mas a sua obra aparecia também como uma sociologia racional: como elaboração das categorias fundamentais do social, como aquilo que hoje se chamaria uma "eidética da sociedade", partindo da idéia-força de que o social não se reduz à soma das psicologias individuais. Durkheim metafísico! A IDÉIA DE QUE O SOCIAL É A PRÓPRIA ORDEM DO ESPÍRITO, NOVA INTRIGA NO SER ACIMA DO PSIQUISMO ANIMAL E HUMANO; O PLANO DAS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS, DEFINIDO COM RIGOR E QUE A ABRE À DIMENSÃO DO ESPÍRITO NA PRÓPRIA VIDA INDIVIDUAL EM QUE SÓ O INDIVÍDUO CHEGA A SER RECONHECIDO E ATÉ LIBERTADO³¹ (Grifo nosso).

Lacan fala do individual e da dimensão que ultrapassa tais limites quando diz:

O progresso de Freud, sua descoberta, está na maneira de tomar o caso na sua singularidade. Tomá-lo na sua singularidade, o que quer dizer isso? Quer dizer essencialmente que, para ele, o interesse, a essência, o fundamento, a dimensão própria da análise, é a reintegração pelo sujeito, da sua história até os seus últimos limites sensíveis, isto é, até uma dimensão que ultrapassa de muito os limites individuais.³²

Por outro lado, descobertas da física quântica revelam que o homem é um ser vibratório, uma vez que sua estrutura é, antes de mais nada atômica, conquista científica que apresenta algo que parece indicar o que não é propriamente individual, ou que não é originário da criação humana, embora afetado pelas condições humanas, algo ligado à natureza viva. O que é criação humana é a linguagem, o agir, o pensar, os estados de consciência, as condições humanas, o

²⁸ Ibid. p. 49

²⁹ JUNG, op. cit.

³⁰ DURKHEIM, op. cit.

³¹ LEVINAS. Emmanuel. **Ética e Infinito**. Portugal:Edições 70, 2007, p.15

³² LACAN. Jacques. **O Seminário: Livro 1**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986, p. 21.

que pensamos que somos, o que pensamos ter, ou aquilo que é estranho ou estrangeiro para um sujeito ainda não especificado.

As descobertas da física quântica iniciaram um novo paradigma científico, substituindo o antigo paradigma que estabelecia que a célula seria a base constitutiva do corpo humano e de onde se originam músculos e nervos, remetendo-nos a uma visão da estrutura atômica como constitutivos de células e nos obrigando a uma recusa da doutrina dicotômica que estabelece entre doença psíquica e doença física um lapso temporal, um caminho percorrido; obrigando a uma recusa da dicotomia que via o fenômeno ocorrendo primeiramente no psíquico e depois instalando-se no corpo, enfim, uma descoberta que leva a que se defenda que as alterações psicofísicas ocorrem inicialmente no campo vibratório do ser humano, na estrutura atômica, depois, imediatamente e sem que ocorra o processo do tempo, instalando-se no físico.

Portanto, remetendo a algo que não é propriamente individual e que é pré-existente e que foi dado pela natureza viva, indicando que tudo que vemos e experimentamos é somente reação, reflexo e ressonância de sentimentos, alterando o campo vibratório, provocando simultaneamente as alterações na psique e no físico. No fundo, todas as alterações ocorreriam no campo vibratório, caso haja abertura e aptidão para aceitar que também a matéria é vibração, embora mais lenta, mais baixa na escala vibratória, ou mais aglomerada, condensada, se pudermos usar uma expressão tão imprópria e inadequada.

Lê-se em Bodhabhikshu que:

“Todas las formas de la naturaleza son engendradas por vibraciones rítmicas [...] Así es que la misma música de esta flor, si la pudiésemos oír, sería también el efecto de una vibración”³³.

No campo psicanalítico, os estudos começam a dirigir-se para uma psicanálise do sentir, mas ainda sem os aprofundamentos necessários no campo do agir. Ainda, no dizer de Ferraz, nos últimos anos, têm proliferado nas publicações psicanalíticas trabalhos que tratam dos problemas das manifestações psicopatológicas que se articulam, de diferentes formas, ao corpo³⁴. Não mais àquele corpo da histeria – corpo erógeno ou representado –, mas ao corpo biológico ou soma. Tal preocupação, evidentemente, encontra razão de ser na própria clínica

³³ BODHABHIKSHU, Brahmacharin. **La Filosofía Esotérica de la Índia**. México, DF: Editorial Orion, 1967. p.44.

³⁴ FERRAZ, Flávio Carvalho. A tortuosa trajetória do corpo na psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, v. 41, n. 4, p. 66, 2007.

contemporânea quando se constata um aumento da incidência das patologias que, diferentemente das neuroses, ligam-se de algum modo ao corpo somático, seja pela via do adoecimento, seja pela predominância da ação (*acting*) em sua manifestação³⁵. É assim que foram povoando as publicações psicanalíticas, temas como as somatizações em geral, os transtornos alimentares, o transtorno de pânico e as adicções, ao lado de fenômenos diversos como o *body art*, o *barebaking*, modificações e manipulações corporais e “novos” tipos de sadomasoquismo³⁶”.

Pode-se também acrescentar aos aspectos que foram citados por Ferraz, quanto ao corpo, modificações que vão das operações para transformações de sexo biológico, cujas origens encontram-se na rejeição do fato de que “anatomia é destino” dado pela natureza, ou nos núcleos de fantasias inconscientes oriundas de identificações e no desejo de transformar o físico para aproximá-lo do psíquico.

Encontramos também transformações no vestir que revelam as pulsões e desejos que conduzem à necessidade de adoção de uma nova “persona”, a criação de teorias de gênero que levam não só à rejeição teórica do pensamento de Freud e do fato de que Freud inicialmente relacionou e sustentou o enraizamento do aparelho psíquico no organismo, enfim, surgindo práticas e teorias que transformaram a questão da sexualidade e do psíquico em unicamente culturais, ou tão-somente uma questão psíquica, da pulsão, de gozo, ou de escolha individual, mas que findam por justificar e autorizar lesões no físico, como é o caso das cirurgias transformadoras de sexo.

Observam-se modificações estéticas com cirurgias plásticas, mas sempre indicando que são questões ligadas à subjetividade, ao que é próprio ao sujeito e de como ele foi se constituindo, às questões que o levam a querer alterar sua natureza, do sujeito que sofre o impacto de novas condições sociais e de alterações que se revelam em três níveis: pessoal, cultural e social.

As alterações pessoais são de todos conhecidas, enquanto as sociais e culturais manifestam-se de diversas formas, não só quanto aos valores e práticas sociais, cujos exemplos são os movimentos “gay” que pretendem constituir novos casamentos e novos tipos de famílias, ou quando defendem a adoção de crianças

³⁵ FUKS, Betty Bernardo. **Reflexões sobre a guerra e a segregação constitutiva do outro nos regimes políticos totalitários**. In: FONTENELE, Laéria. (Org.) **Psicanálise: teoria, clínica e conexões**. Fortaleza: Edições Livro Técnico. 2006.

³⁶ FERRAZ, op. cit. p.67.

ou mudanças relacionadas com o direito tradicional (sucessão, heranças, reconhecimento de casamentos).

Mas, no fundo, são alterações oriundas de questões subjetivas, de fantasias, relações objetais individuais, decorrentes de identificações inconscientes e atrações daí resultantes, do desejo, do prazer, das escolhas e das vontades, muitas vezes fortalecidas pelos hábitos e práticas reiteradas, que é o combustível, a gasolina que alimenta e fortalece as chamas do desejo, do prazer, dos hábitos, aprisionando os seres em tendências e hábitos que passam a ser consideradas naturais e inalteráveis.

Esses movimentos, que se transformaram em fenômenos de massas, oriundos e efeitos do individual, são representativos e indicativos do que o indivíduo é, bem como da aproximação de iguais, cujos desejos e objetivos passam a ser a da exigência da transformação da própria sociedade à própria imagem, com consequências culturais, sociais e individuais.

Mas são transformações e alterações que ocorrem num momento em que se desenvolveram próteses para aumento do prazer sexual, ou momentos nos quais amplia seu raio de ação uma medicina mecânica, que usa máquinas das mais variadas espécies para substituir órgãos naturais por próteses (braços mecânicos, peças mecânicas, pinos), ou promove transplantes de órgãos retirados de outros seres humanos, ou usa corações artificiais, ou então se alia aos recursos de *softwares* para tentar restabelecer visão, audição ou movimentos neurológicos, enfim, associando conquistas tecnológicas com oficinas mecânicas, assépticas, com profissionais vestidos de aventais brancos ou verdes.

A intercessão ou o relacionamento dessas transformações pode ser constatada com o exame das relações entre mecânica e tecnologia, refletindo-se no campo da psicanálise como pode ser demonstrado com as contribuições teóricas que têm levado a que, Herrmann discorre:

A vida psíquica passa a ser compreendida como resultado da interação de mecanismos, e o que só poderia aceitar-se como recurso de expressão — mecanismos de defesa — acaba por ser elevado à categoria de fato mental, criando, na prática, a imagem de uma máquina emocional.³⁷

Meltzer, a este respeito, diz:

Ele podia pensar a emocionalidade somente de uma forma darwiana, como uma relíquia de formas primitivas de comunicação. Dessa forma, ele

³⁷ HERRMANN, Fabio. **Andaimes do real**: psicanálise do cotidiano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

confundia a experiência da emoção com a comunicação da emoção; e assim tratava a emoção como um indicador de funcionamento mental e não como uma função mental em si mesma, como se tratasse de um simples barulho de engrenagem.³⁸

Jung construiu para a psicologia uma interpretação nos moldes da teoria energética das ciências físicas, na qual fome, sexo, agressividade seriam expressões múltiplas da energia psíquica. No dizer de Spillius, Freud pensava as pulsões como forças biológicas que se ligam a objetos quase que casualmente, através das experiências pós-natais³⁹, enquanto para Klein “as pulsões estão inerentemente ligadas a objetos, sem conceber o corpo do indivíduo como fonte de pulsões biológicas, mas como agente através do qual se exprimem as pulsões psicológicas de amor e ódio”⁴⁰.

A teoria de Klein é ao mesmo tempo uma teoria das relações objetais e, ainda que suas “pulsões” se tornem cada vez mais psicológicas, não tão biológicas.

Acrescente-se, ainda, a fantasia quando há frustração dos instintos, que acompanha tanto a gratificação quanto a frustração, que é conteúdo básico de todos os processos mentais.

A verdade é que realidades biológicas quase universais, tanto no reino animal como humano, como é o caso do sistema de reprodução, passaram com o uso das conquistas científicas por transformações culturais e filosóficas, assim como o sexo quanto à reprodução ou clonagem. Essas transformações são reconhecidas por Figueiredo apud Safra quando afirma que:

A sensorialidade e a corporalidade não são pura natureza e que a ênfase no corpo e seus gestos ou na materialidade das coisas nada tem a ver com um biologismo ou fisicalismo obtuso. A cultura em sua historicidade está presente tanto com o que o atravessa, sustenta e modula os processos do *self*, como o que é gerado a partir de encontros estéticos.⁴¹

No campo da psicanálise, passou-se a rejeitar o biologismo, o que é dado pela natureza, e caminhou-se para um culturalismo generalizado, algumas vezes sem ética, e, ainda quanto à relação do corpo com o adoecer, cabe mencionar a relação “corpo-cidade”, que é demonstrada por Endo quando afirma que:

[...] temos reconhecido o corpo como um alvo privilegiado das violências na cidade de São Paulo, e a cidade como o lugar intrinsecamente

³⁸ Ibid.

³⁹ SPILLIUS, Elizabeth Bott. **Uma evolução da Clínica Kleiniana: da antropologia à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 101-102.

⁴⁰ KLEIN, Melanie apud SPILLIUS, Elizabeth Bott. **Uma evolução da Clínica Kleiniana: da antropologia à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 101-102

⁴¹ FIGUEIREDO, Luis Cláudio, apud SAFRA, Gilberto. **A face estética do self: teoria e clínica**. São Paulo: Idéias e Letras, Unimarco, 2005. p.11.

construído por esse corpo que a habita e determina, sendo ao mesmo tempo determinado por ela. Do mesmo modo, pudemos ver que a sistemática destruição dos lugares da cidade se dá de modo inversamente proporcional ao crescimento de sua população, provocando o esgarçamento de suas fronteiras. Cada vez mais, e em maior número, a população vai sendo arrastada para espaços raquíticos, mal alimentados pela rede urbana que serve, de modo satisfatório, tão-somente às áreas centrais.

Como resultante desse processo, grifamos como uma de suas características mais importantes e ostensivas, e frequentemente a mais visível, a tocabilidade desses corpos excessivamente expostos, e que assim são destituídos previamente das condições elementares que definem o exercício da experiência cidadã. Tal situação tem sido extraordinariamente propícia a disputas de toda ordem pelos espaços da cidade que, a partir de interesses de grupos hegemônicos, força-se à abertura de novos espaços em detrimento dos lugares (Noy, 2002) em que viviam. Criam-se, assim, zonas de indiferenciação subjetiva colonizáveis, aptas ao domínio pela força e pela violência, onde se pratica o conflito aberto em que determinados grupos travam verdadeiros confrontos pela posse e domínio do lugar⁴².

Na relação adoecer e corpo, são poucos os que aceitam e veem o corpo como veículo, instrumento, chance e tarefa, *habitat* de um espírito universal, cujo objetivo no plano Divino é ressurreição e imortalidade, ou aceitam que possa haver um afastamento da fonte originária da vida, ou mesmo uma (des)qualificação, (re)qualificação, ou mesmo distorção das energias originárias da vida.

Mas são orientações que decorrem de visão mística, metafísica ou religiosa, de pouco agrado de correntes científicas que precisam de prova e vivem no narcisismo das próprias criações culturais e na necessidade da certeza da repetição dos eventos, vendo em tal tipo de representações processos ilusórios, constructos da mente, mitos endopsíquicos, processos oriundos das necessidades de entendimento e de controle do mundo hostil por meio do pensamento, ou apenas crenças ou ideologias, doutrinas que se esgotam e não são capazes de ultrapassar as questões de ideal do ego ou ego ideal, portanto, de uma psicanálise do ego, embora esse tipo de simplificação teórica ou científica seja inadequada para responder a todas as questões, bem como porque o “ego” não antecede a vida, manifesta-se ou surge posteriormente, encontrando-se inserido em processos mais complexos, sendo um fragmento na totalidade, ou, como diz Lacan⁴³, um complexo.

Outros, como é o caso de Dahlke, veem a doença como um caminho que pode ser percorrido, nem bom nem mau em si mesmo, e o que fazer a respeito

⁴² ENDO, Paulo Cesar. **A Violência no coração da cidade**: um estudo psicanalítico. São Paulo: Escuta-FAPESP, 2005. p. 107

⁴³ LACAN, Jacques. **O Seminário**: Livro 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986, p. 21.

depende única e exclusivamente do afetado, sendo fruto da imperfeição humana⁴⁴. Tal visão defende que se deve aprender e crescer a partir dos próprios sintomas. É uma doutrina que se posiciona no sentido de que:

A culpa humana primordial reside no abandono da unidade paradisíaca. A vida neste mundo de opostos é necessariamente cheia de faltas e serve para que se reencontre o caminho de volta à unidade. Cada falta e cada sintoma significa elementos que faltam para a perfeição, transformando-se em oportunidades de desenvolvimento⁴⁵.

Diz ele que:

Distorcer o significado da doença para avaliar outras pessoas é um mal-entendido sob vários pontos de vista. Ele não pode servir para a atribuição de culpa, já que a culpa primordial foi distribuída há muito e não precisa de nenhuma colaboração humana. Da mesma forma, poderíamos congratular os afetados por suas doenças devido às possibilidades de desenvolvimento e aprendizado nelas contidas.⁴⁶

A doença, segundo um outro tipo de visão, decorreria da impotência do ser humano de escapar da ilusão que o sujeita à aflição, ao mal, ao erro, às travas limitadoras de sua atividade, da confusão do corpo com o Ser, identificando os dois, impondo, no dizer do indiano Sathya Sai Baba, ao *Atma*, que é sempre intocado pelas características do mundo inquieto e cambiante, a natureza irreal e efêmera do mundo, e toma por verdadeira essa ilusão. Decorreria também da incapacidade de cruzar o mar da ilusão, ou do próprio pensar e agir humanos, da discórdia ou das criações humanas, que muitas vezes provocam as condições que levam à desestruturação, ao adoecer e, por fim, a destruição do físico.

Não é essa, contudo, uma visão que seja aceita pela psicanálise, que adota as duas tópicas freudianas, ou que adota ontologias diversas sobre o ser humano (a clássica e a de Winnicot), ou que aceita o inconsciente estruturado como linguagem, ou com o conceito psicanalítico da pulsão de morte, psicanálise que esbarra em divergências doutrinárias, rejeita um espírito universal e acolhe de forma confusa noções de *Ego como um complexo imaginário*, de *SELF* e de *SI MESMO*, mas ainda à procura de uma maior compreensão da natureza do ser humano ou do entendimento da dinâmica psíquica, mas contraposta à noção de um *ATMA*, ou de um Deus, aceita pelos teólogos, mas não por uma ciência que endeusa a razão e não a vê apenas como um instrumento em processos mais

⁴⁴ DAHLKE, Rüdiger. **A doença como linguagem da alma**: os sintomas como oportunidade de desenvolvimento. São Paulo: Cultrix, 2007, p. 15- 16.

⁴⁵ Ibid.

vastos e mais ricos, abaixo e acima, razão que não tem todo acesso aos vastos universos acima ou aos abismos abaixo, ou aos abismos sem mente.

Afirma Arendt (1997) que a ciência vem se esforçando para tornar “artificial” a própria vida, esforça-se por cortar o último laço que faz do próprio homem um filho da natureza, e o mesmo desejo de fugir à prisão terrena manifesta-se na tentativa de criar uma vida de proveta, criar a vida, ou seres superiores, alterando-lhes o tamanho, a forma e a função através de uma proveta, enfim, havendo o desejo de fugir à condição humana⁴⁷. Prossegue dizendo que:

Esse homem futuro, que segundo os cientistas será produzido em menos de um século, parece motivado por uma rebelião contra a existência humana tal como nos foi dada – um dom vindo do nada (secularmente falando) –, que ele deseja trocar, por assim dizer, por algo produzido por ele mesmo. Não há razão para duvidar de que sejamos capazes de realizar essa troca, tal como não há motivos para duvidar de nossa atual capacidade de destruir toda a vida orgânica da Terra.⁴⁸

Arendt também alerta para o fato de que os efeitos colaterais dos grandes triunfos da ciência já são sentidos, assim como **“o divórcio entre pensamento e conhecimento pode nos levar à condição de escravos indefesos, à mercê de qualquer engenhoca tecnicamente possível.”**⁴⁹ (Grifo nosso).

O adoecer obriga-nos a reconhecer o que estamos fazendo com o que nos é próprio, particular, sobre o que estamos fazendo com nossas produções culturais e no que estamos nos tornando.

Também obriga a dizer que nós fabricamos os nossos sofrimentos, as nossas doenças, os nossos problemas, enfim, geramos causas individuais ou culturais autônomas e as recebemos de volta como efeitos, assim como a reconhecer que criamos uma cultura secularizada que mistura muitas vezes bem e mal e já não sabe distinguir um do outro, ou então adota as ideologias e as utopias modernas para tentar corrigir os defeitos sociais, mas criando outros defeitos na ânsia de criar um mundo perfeito através da razão, um mundo de ordem, de progresso científico, que afaste as doenças e os defeitos que ameaçam essa ordem, que controle o indefinível.

Todos estes aspectos revelam a existência de um mundo de medo no qual vacinas nos protegem de vírus, câmeras e alarmes de segurança e grades e muros nos protegem do outro; mundo no qual estabelecemos controles sociais

⁴⁷ Ibid.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ Ibid.

proibindo o uso de bebidas nas estradas para evitar acidentes, ou contratamos guardas fortemente armados para nos proteger da violência, do desequilíbrio, ou da falta de suprimento que impulsiona muitos a agir para obter, ter, superar a falta, ou reclamar o que entendem e pensam que lhes é devido.

Criamos condições que levaram à existência de 37.400.000 refugiados, internos e externos, segundo dados da ONU; enfim, um mundo no qual assistimos às tentativas para apresentar como normal e natural o que é destrutivo, indicando que há uma perda de rumo e de orientação, que tornou natural o que não é, no qual ocorre o que os judeus chamam de “a propagação do mal por mentes não retificadas” .

Alimentamos uma sociedade que inverteu uma equação quando substituiu os castelos medievais, que eram construídos para manter fora os indesejáveis invasores, pelas fortalezas que são as nossas casas atuais, os nossos edifícios, com muros altos, cercas elétricas, alarmes, guardas de segurança, objetivando manter fora os indesejáveis, ou pelos presídios com suas ameias, para manter dentro os indesejáveis, para proteger nossos desejos contra o desejo dos outros e o que, a rigor, não é nosso e não ficará conosco, muitas vezes para proteger o que apropriamos do trabalho dos outros.

Fortalece-se uma cultura cujas realizações tornaram-se autônomas, que se manifesta através de uma grande corrente e massa de representações, fantasias, ilusões, ideologias e produções imaginárias que se misturam, se defrontam, que leva ao sofrimento, ao adoecer, a que corramos o risco de não saber distinguir o normal do patológico, o defeito do sofrimento, obrigando a que perguntemos o que é, na sua essência, essa contemporaneidade, e, sobretudo, indaguemos se uma sociedade que funciona nos moldes das atuais é sadia. Afirma Bauman que:

A civilização — a ordem imposta a uma humanidade naturalmente desordenada — é um compromisso, uma troca continuamente reclamada e para sempre instigada a renegociar [...] Dentro da estrutura de uma civilização concentrada na segurança, mais liberdade significa menos mal-estar. Dentro da estrutura de uma civilização que escolheu limitar a liberdade em nome da segurança, mais ordem significa mais mal-estar.

Menciona, ainda, que:

O interesse pela pureza, associado ao interesse pela higiene, tem relação com a fragilidade da ordem, esta um meio regular e estável para os nossos atos; um mundo em que as probabilidades dos acontecimentos

não estejam distribuídos ao acaso, mas arrumadas numa hierarquia estrita — de modo que certos acontecimentos sejam altamente prováveis, outros menos prováveis, alguns virtualmente impossíveis.⁵⁰

Sem que muitas vezes se saiba o porquê, o como, as origens ou as causas, o adoecer nos surpreende e parece situar-se nas probabilidades ou nos acontecimentos que parecem distribuídos ao acaso, levando à quebra da ordem física ou psíquica e até do social, com repercussões no individual, embora não haja acaso, enquanto o normal parece uma tentativa de continuar funcionando, mesmo capengando ou com limitações, ou tentando estabelecer meios regulares e estáveis nas probabilidades dos acontecimentos, na tentativa de manutenção de uma ordem (física ou psíquica) e de não adoecer, na tentativa de afastar o mal-estar, circunstâncias que são retratadas na simples afirmação “estou indo”, “estou vivendo”, ultrapassando tempestades físicas, psíquicas, sociais, ou então quando fazemos uma pergunta que dá notícia dos nossos sintomas:

— *Quais são as novidades?*

— *Graças a Deus nenhuma!*

— *Como? O que você está dizendo, o que isto significa?*

— *É simples. São tantas as notícias ruins que é preferível não ter nenhuma notícia, deixar as coisas como estão.*

Enfim, um diálogo que revela a existência de um sintoma coletivo, ou individual, oriundo de causas esquecidas e que não são percebidas, uma vez que lidamos com efeitos que já nos parecem normais e naturais.

Mas é um diálogo que revela a existência de um sintoma, cujo veículo de propagação externa é a massificação e a universalização das informações, das imagens negativas, mas criadora do medo oriundo do pensamento e das más notícias que povoam nossas fantasias e despertam nossas paranoias, enfim, informações que nos invadem, chocam, ameaçam, obrigando-nos a lidar com elas de forma virtual porque, ou são apenas notícias e imagens para nós, mas reais para outros, ou também reais para nós quando nos alcançam, ou não alcançam, obrigando-nos não só a lidar com nossos sintomas, mas também com os dos outros e não mais com o que é provinciano, próximo, individual.

Fromm afirma que constitui tarefa da ciência do homem chegar eventualmente a uma descrição correta do que mereça ser chamado de natureza

⁵⁰ BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

humana. Diz ele que “o que tem sido chamado de natureza humana não passa de uma de suas muitas manifestações – e freqüentemente de manifestação patológica”

51 .

Fromm prossegue dizendo que:

O que tem a suposição de que a natureza humana e a sociedade podem ter exigências em conflito e, portanto, de que uma sociedade inteira pode estar enferma, foi explicitamente formulada por Freud, com maior amplitude em seu trabalho *Civilization and Its Discontents*.⁵²

Assinala que Freud:

Parte da premissa de uma natureza humana comum a toda a espécie, através de todas as culturas e eras, e de certas necessidades e tendências verificáveis, inerentes a esta mesma natureza. Acredita que a cultura e a civilização se desenvolvem em contraste sempre maior com as necessidades do homem, e chega, assim, ao conceito de “neurose social”⁵³. Se a evolução da civilização tem uma analogia tão grande com o desenvolvimento do indivíduo, e se em uma e outro se empregam os mesmos métodos, não estará justificado o diagnóstico de que muitas civilizações – ou épocas destas – e, possivelmente, a humanidade toda, hajam caído em “neuroses” sob a tendência das tendências civilizadoras?⁵⁴

Fromm reconhece ainda que:

Um diagnóstico das neuroses coletivas tropeçará, ademais, com uma dificuldade especial. No caso da neurose de um indivíduo podemos servir-nos, como ponto de partida, do contraste por nós dividido entre o paciente e o seu ambiente suposto “normal”. Mas não haveria um termo de referência semelhante para uma sociedade similarmente afetada; o mesmo teria de ser conseguido de algum outro modo.⁵⁵

Na concepção de Fromm:

Há, contudo, uma importante diferença entre doença mental individual e doença mental social, a qual sugere uma diferenciação entre dois conceitos: O conceito de **defeito** e o de **neurose**. Se uma pessoa malogra em atingir a liberdade, a espontaneidade e a expressão genuína do eu, poderá ser considerada possuidora de sérios defeitos, desde que admitamos serem a liberdade e a espontaneidade fins objetivos a serem atingidos por todo ser humano. Se tal fim não é atingido pela maioria de uma determinada sociedade, teremos um fenômeno que podemos chamar de defeito socialmente modelado. O indivíduo compartilha esse defeito como muitos outros; não tem ciência de ser possuidor do defeito e a sua segurança não é ameaçada pela sensação de ser diferente dos demais, de ser, por assim dizer, um pária social. O que ele poderá ter perdido em riqueza humana e em sentimento autêntico de felicidade é compensado pela segurança da harmonia com o resto da humanidade – como ele a conhece. Em realidade, o seu próprio defeito poderá ter sido elevado à categoria de virtude pela sua cultura, podendo, assim, proporcionar-lhe

51 FROMM, Erich. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, [19--]. p. 27.

52 Ibid. p.33.

53 FREUD. **Mal-estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 85.

54 Ibid.

55 FROMM, op. cit. p.33.

uma intensa sensação de êxito.

Prossegue Fromm exemplificando que:

Um exemplo disso é o sentimento de culpa e ansiedade que as doutrinas de Calvino desenvolvem nos homens. Pode-se dizer que uma pessoa dominada pela sensação de sua própria impotência e indignidade, por dúvidas incessantes quanto à salvação ou condenação ao castigo eterno, dificilmente é capaz de satisfação verdadeira, sofre de sério defeito. No entanto, esse mesmo defeito foi socialmente modelado; foi considerado particularmente valioso, sendo o indivíduo, assim, protegido da neurose que adquiriria em uma cultura em que o mesmo defeito lhe desse a sensação de inadequação e isolamento profundos.

A estreita relação entre sofrimento-adoecer-sociedade-natureza é fácil perceber, até porque quase diariamente assistimos às notícias das destruições de vidas, dos bens perdidos, dos sofrimentos causados pela natureza, pelos atos dos outros, pelas guerras geradas pelos homens, ou por terremotos, furações, vulcões, secas, pelo “Tsunami” na Ásia, enchentes no Brasil, mas ainda assim consideramos separadamente as causas e os efeitos na natureza.

No que pertine ao sofrimento e sua relação com a natureza e condições sociais, é oportuno lembrar uma música de Luis Gonzaga, “**A triste Partida**”⁵⁶, cuja letra lhe foi dada por Patativa do Assaré, um poeta cearense, que retrata a alma do nordestino, que mostra o desenraizamento, o sofrimento, a dor e a tristeza, oriundas da espera, do medo, do tempo que passa, da esperança perdida, da natureza e da sociedade. Diz ela:

Meu Deus, meu Deus...
 Setembro passou
 Outubro e Novembro
 Já tamo em dezembro
 Meu Deus, que é de nós,
 Meu Deus, meu Deus
 Assim fala o pobre
 Do seco Nordeste
 Com medo da peste
 Da fome feroz
 Ai, Ai, Ai, Ai

A treze do mês
 Ele fez experiência
 Perdeu sua crença
 Nas pedras de sal,
 Meu Deus, meu Deus
 Mas noutra esperança
 Com gosto se agarra
 Pensando na barra
 Do alegre Natal

⁵⁶ Luis Gonzaga, “**A triste Partida**”

Ai, Ai, Ai, Ai

Rompeu-se o Natal
 Porém barra não veio
 O sol bem vermeio
 Nasceu muito além
 Meu Deus, meu Deus
 Na copa da mata
 Buzina a cigarra
 Ninguém vê a barra
 Pois a barra não tem
 Ai, Ai, Ai, Ai

Sem chuva na terra
 Descamba janeiro,
 Depois fevereiro
 E o mesmo verão
 Meu Deus, meu Deus
 Entonce o Nortista
 Pensando consigo
 Diz: "Isso é castigo
 Não chove mais não"
 Ai, Ai, Ai, Ai

Apela pra Março
 Que é o mês preferido
 Do santo querido
 Senhor São José
 Meu Deus, meu Deus
 Mas nada de chuva
 Ta tudo sem jeito
 Lhe fuge do peito
 O resto da fé
 Ai, Ai, Ai, Ai

Agora pensando
 Ele segue outra tria
 Chamando a famia
 Começa a dizer
 Meu Deus, meu Deus
 Eu vendo meu burro
 Meu jegue e o cavalo
 Nós vamos a São Paulo
 Viver ou morrer
 Ai, Ai, Ai, Ai

Nós vamos a São Paulo
 Que a coisa ta feia
 Por terras alheia
 Nós vamos vagar
 Meu Deus, Meu Deus
 Se o nosso destino
 Não for tão mesquinho
 Cá e pro mesmo cantinho
 Nós torna a voltar
 Ai, Ai, Ai, Ai

E vende seu burro
 Jumento e o cavalo

Inte mesmo o galo
 Venderam também
 Meu Deus, meu Deus
 Pois logo aparece
 Feliz fazendeiro
 Por pouco dinheiro
 Lhe compra o que tem
 Ai, Ai, Ai, Ai

Em um caminho
 Ele joga a familia
 Chegou o triste dia
 Já vai viajar
 Meu Deu, meu Deus
 A seca terrível
 Que tudo devora
 Lhe bota pra fora
 Da terra natá
 Ai, Ai, Ai, Ai

O carro já corre
 No topo da serra
 Oiando pra terra
 Seu berço, seu lar
 Meu Deus, Meu deus
 Aquele Nortista
 Partido de pena
 De longe acena
 Adeus meu lugar
 Ai, Ai, Ai, Ai

No dia seguinte
 Já tudo enfadado
 E o carro embalado
 Veloz a correr
 Meu Deus, meu Deus
 Tão triste, coitado
 Falando saudoso
 Seu filho Choroso
 Exclama a dizer
 Ai, Ai, Ai, Ai

De pena e saudade
 Papai sei que morre
 Meu pobre cachorro
 Quem dá de comer?
 Meu Deus, meu Deus
 Já outro pergunta
 Maezina, e meu gato?
 Com fome, sem trato
 Mimi vai morrer
 Ai, Ai, Ai, Ai

E a linda pequena
 Tremendo de medo
 "Mamãe, meu brinquedo
 Meu pé de fulo?
 Meu Deus, meu Deus
 Meu pé de roseira
 Coitado, ele seca

E minha boneca
Também lá ficou
Ai, Ai, Ai, Ai

E assim vão deixando
Com choro e gemido
Do berço querido
Céu tinto azul
Meu Deus, meu Deus
O pai, pesaroso
Nos filho pensando
E o carro rodando
Na estrada do Sul
Ai, Ai, Ai, Ai

Chegaram em São Paulo
Sem cobre quebrado
E o pobre acanhado
Procura um patrão
Meu Deus, meu Deus
Só vê cara estranha
De estranha gente
Tudo é diferente
Do caro torrão
Ai, Ai, Ai, Ai

Trabaia dois ano
Três ano e mais ano
E sempre nos prano
De um dia vortar
Meu Deus, meu Deus
Mas nunca ele pode
Só vive devendo
E assim vai sofrendo
É sofrer sem parar
Ai, Ai, Ai, Ai

Se alguma noticia
Das bandas do norte
Tem ele por sorte
O gosto de ouvir
Meu Deus, Meu Deus
Lhe bate no peito
Saudade lhe molho
E as águas nos óio
Começa a cair
Ai, Ai, Ai, Ai

Do mundo afastado
Ali vive preso
Sofrendo desprezo
Devendo ao patrão
Meu Deus, meu Deus
O tempo rolando
Vai dia e vem dia
E aquela famia
Não vorta mais não
Ai, Ai, Ai, Ai

Distante da terra

Tão seca mas boa
 Exposto à garoa
 À lama e o paú
 Meu Deus, meu Deus,
 Faz pena o nortista
 Tão forte, tão bravo
 Viver como escravo
 No norte e no Sul
 Ai, Ai, Ai, Ai”.

Há, na letra da música, um retrato que transcende a dimensão do individual, que revela as questões que enfrenta o indivíduo inserido no lugar, que vive na espera de um tempo partilhado, numa época específica, na natureza na qual está inserido. Seus vínculos são compartilhados pelo contexto que o cerca, sofrendo não só o impacto das esperas mas também das esperanças destruídas, esperas nas mudanças, alterando as redes de relações não só com o outro mas com a própria natureza. Ainda, ao longo da vida, um retrato do medo, do desprezo, do luto que se revela numa primeira vertente pelas perdas concretas, pelas perdas de projetos, de status, de desejos, de fantasias, pelo declínio que se reflete na imagem, separação, perda das raízes; noutra, pelas perdas de autorreferências, pela perda de si mesmo, pulverizado também na tessitura social, em virtude das mudanças para outro meio.

Num outro *front* do sofrimento, Ingrid Betancourt, prisioneira das FARC, grupo guerrilheiro colombiano, revela um novo tipo de sofrimento decorrente da supressão da liberdade pela imposição das representações, das ideologias, das idéias estéticas de reconstrução de uma sociedade, oriundas de seres cristalizados nas imagens geradas pelas ideologias. Confessa ela:

A selva é bastante fechada por aqui, os raios do sol penetram com dificuldade. Mas é um deserto de afeição, de solidariedade, de ternura” [...] “a vida aqui não é a vida, é um desperdício lúgubre do tempo. Vivo ou sobrevivo numa rede esticada entre duas estacas, coberta com um mosquiteiro e uma lona que serve de teto e me permite pensar que tenho uma casa. Tenho um armariozinho onde ponho minhas coisas, isto é, a mochila com as roupas e a Bíblia, que é meu único luxo. Tudo está sempre pronto para partirmos às pressas. Aqui nada é seu, nada dura, a incerteza e a precariedade são a única constante. A qualquer momento eles podem dar ordens para arrumarmos nossas coisas e todos são obrigados a dormir no fundo de um buraco qualquer, deitados em qualquer lugar, como animais. Esses momentos são particularmente difíceis para mim. Minhas mãos ficam úmidas, meu espírito se anuvia, acabo demorando o dobro de tempo para fazer as coisas. As caminhadas são um calvário, pois minha bagagem é muito pesada e mal consigo carregá-la. Às vezes os guerrilheiros pegam alguma coisa para me aliviar do peso, mas deixam “os penicos” comigo, isto é, o que é necessário à nossa toaleta e pesa mais” [...] “Mamita, estou cansada de sofrer. Fui, ou tentei ser, forte. Esses seis anos ou quase de cativoiro demonstraram que não sou nem tão resistente, nem tão corajosa, inteligente e forte quanto

pensava.

Prossegue dizendo:

Travei muitas batalhas, tentei a fuga diversas vezes, procurei manter a esperança como mantemos a cabeça fora d'água. Mas, hoje, mamita, sinto-me vencida".[...] "Sinto que meus filhos levam uma vida em suspenso na expectativa da minha libertação, e o seu sofrimento diário, o de todo mundo, faz com que a morte me pareça uma opção amena. Juntar-me a papai, por quem permaneço de luto: todos os dias, há quatro anos, choro a morte dele. Continuo a acreditar que vou acabar parando de chorar, que agora cicatrizou. Mas a dor volta e se lança sobre mim como um cão desleal, e torno meu coração se espatifar em mil pedaços.⁵⁷

Também em outro *front* do adoecer, do sofrimento, basta acessar o *google*, clicar e ler no campo de pesquisa a prisão *Abu Ghraib*, situada em cidade do Iraque com o mesmo nome, localizada a 32 km a oeste de Bagdá, local de escravidão, torturas e assassinatos em diferentes momentos, que vão da época da ocupação britânica ao governo de Saddam Hussein e, ainda, nos dias atuais sob ocupação americana, onde mais de 4000 prisioneiros foram executados apenas em 1984, centenas em novembro de 1996, abrigando mais de 15.000 prisioneiros em 2001; ou, logo depois acessar as fotos de torturas, divulgadas em documentários que mostram jovens mulheres americanas, que escolheram os desejos dos homens, as armas e a guerra, sorrindo diante de prisioneiros indefesos, humilhados, empilhados, torturados, sorrindo diante de um cadáver de um preso, cujo rosto estava deformado pelos espancamentos e que foi assassinado pela tortura, mas, para elas, apenas lembranças turísticas que hoje chocam e assombram a grande nação norte americana.

Na região de Khan Dari, a oeste de Bagdá, foram descobertas sepulturas coletivas, enquanto na região de Al-Zahedi, nos limites do oeste de Bagdá, foram encontrados corpos de quase 1000 prisioneiros políticos.

Não precisamos comentar ou interpretar os níveis da opressão, da insensatez ou da desordem humana nas diversas épocas, ou sob os diferentes regimes, mas enquanto esperamos e aguardamos o Tribunal de Haia, ou enquanto os oprimidos e injustiçados não se levantam contra os opressores, não custa dinheiro e não ofende ninguém procurar conforto na esperança, na crença, na fé retratada no que diz o profeta Amós: "... **portanto, todas as vossas injustiças**

⁵⁷ BETANCOURT, Ingrid. **Cartas à mãe**: direto do inferno. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

visitarei sobre vós”⁵⁸ (Grifo nosso). Continua o profeta Amós:

Assim diz o Senhor: Por três transgressões de Damasco e por quatro, não retirarei o castigo, porque trilharam a Gileade com trilhos de ferro. Por isso, porei fogo à casa de Hazael e ela consumirá os palácios de Bem-Hadade. E quebrarei o ferrolho de Damasco e exterminarei o morador de Biqueate-Áven e ao que tem o cetro de Bete-Éden; e o povo da Síria será levado em cativo a Quir, diz o Senhor. Assim, diz o Senhor; Por três transgressões de Gaza e por quatro, não retirarei o castigo porque levaram em cativo todos os cativos para os entregarem a Edon. Por isso porei fogo ao muro de gaza, e ele consumirá os seus palácios [...] Assim diz o Senhor: Por três transgressões de Tiro e por quatro, não retirarei o castigo, porque entregaram todos os cativos a Edom e não se lembraram da aliança dos irmãos.⁵⁹

Pergentino S. Pivato, na apresentação da obra de Emmanuel Lévinas, indaga:

O esplendor das luzes terá conduzido o homem para a plenitude de seu destino histórico?”. “O que o homem encontrou ao transpor os tradicionais princípios do bem e do mal? Terá ele atingido os umbrais do super-homem? Os totalitarismos sistêmicos, o imperialismo do Eu como vontade-poder e os reducionismos daí decorrentes produziram um desastre do humano que nenhuma consciência poderá jamais desconsiderar se for normal. Com a erosão de todo absoluto, o próprio ser humano ficou exposto como banalidade aniquilável ou manipulável. Mas seria isto pura fatalidade? Os milhões de humanos que foram dessubstancializados pela força da razão ou pela razão da vontade-poder não são um novo absoluto impossível de escamotear sem cair no inumano? O excesso do Mal (além do bem e do mal, da gaia ciência e da diversão filosófica) não há de se constituir em novo acesso, pelo avesso, à transcendência do humano?⁶⁰ (Grifo nosso).

Pivato afirma que na obra de Lévinas:

A intersubjetividade está condicionada ao contexto não só pelo seu inserimento inevitável no fluxo das relações e dos acontecimentos, mas essencialmente porque precede e predetermina o próprio sujeito na estrutura. Haveria um a priori amorfo e anônimo que não só matiza as relações, mas é matriz frontal determinante de tudo. Não se nega a intersubjetividade e a proliferação das relações daí decorrentes. Mas o problema é outro: **como é possível o diálogo se a estrutura ou o ser ou a interioridade tudo contém a priori? Haverá ainda a possibilidade para a alteridade em que o outro permanece outro na relação radicalmente?**⁶¹ (Grifo nosso).

Além da questão da consciência, segundo Bonder, o estudo do adoecer envolve a questão do ser, que é clássica desde Shakespeare com sua pergunta (“ser ou não ser”? “Eis a questão”), estabelece uma relação entre decisão e

⁵⁸ BÍBLIA de Estudo Pentecostal. **Amós**. Cap. 3 vers. 2. CPAD Estados Unidos: Casa Publicadora das Assembléias de Deus. 1996.

⁵⁹ Ibid. cap.1: vers.3-7 e 9.

⁶⁰ PIVATO, Pergentino S. In: LÉVINAS, Emmanuel. **Entre Nós**: ensaios sobre a alteridade. Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p. 12.

⁶¹ Ibid. p. 14.

motivação, uma vez que optar por “ser” ou “não ser” é o objeto do interesse da vida, mas também atrai a questão do “ter”, a questão da reversibilidade entre “ser” e “ter”, que podem se confundir um com o outro, ou a “ser” (identidade) sem “ter” (território, bens, desejos), ser na medida em que não se tem⁶². Bonder também ressalta:

Nosso ser e nossa história serão sempre trajetórias de posses: das coisas que possuímos e não possuímos; das pessoas que possuímos; daquilo que fazemos com nosso destino e daquilo que não fazemos. Viver é a decisão entre ter ou não ter relativo a coisas, aos outros, a si.⁶³

Bonder acredita que “o mal não é ‘ter’, mas a ausência do dilema de possuir ou não. Se a posse se faz apenas numa única direção, ou seja, a de reter e deter as coisas para si, de monopolizar o que é dispensável ao ser, então ela tem um impacto desastroso sobre a existência. Ter nunca é dispensável. Ter não poderá jamais ser um estado mental ou abstrato dissociado do imperativo de uma carência, e esse é o início de nossas desventuras, ou seja, quando o ser e o ter, em vez de corresponderem a duas faces de uma mesma moeda se tornam um a antítese do outro. [...] O ‘Ter’ é, e sempre será, questão essencial da existência. ‘Ser’ é e sempre será, questão relativa à matéria”⁶⁴. Assinala ainda que:

Mergulhados em um mundo de consumo e materialismo, vemos-nos diante da perplexidade do que nos aconteceu. Como foi que construímos esse mundo? De onde vem essa realidade?

Um mundo onde o poder é medido pela capacidade aquisitiva; onde o entretenimento e a celebração acontecem em shoppings; onde os sonhos se traduzem em consumo; onde os sentidos e tendências partem do mercado. Como foi que o mundo ficou assim?

Sou daqueles que não acredita em processos causados por mera ignorância. Penso que responsabilizar a ignorância é uma forma de evitar defrontar-nos com outras “inteligências”. Há uma lógica, uma verdade, que permeia essa realidade independente da moral de ser ela positiva ou negativa, construtiva ou destrutiva.⁶⁵(Grifo nosso).

⁶²SHAKESPEARE.In BONDER, Nilton. **Ter ou não ter, eis a questão**: a sabedoria do consumo. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2006. p. 2.

⁶³BONDER, Nilton. **Ter ou não ter, eis a questão**: a sabedoria do consumo. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2006. p. 2.

⁶⁴ Ibid. pp.2- 3.

⁶⁵ Ibid.

3 RETRATO DOS TEMPOS CONTEMPORÂNEOS E SUA RELAÇÃO COM A QUESTÃO DO ADOECER

Para Arendt, a era moderna não coincide com o mundo moderno⁶⁶. Cientificamente, a era moderna começou no Século XVII e terminou no limiar do Século XX; politicamente, o mundo moderno em que vivemos surgiu com as primeiras explosões atômicas. Zygmunt prioriza o pensamento de Walter Benjamin quando este disse que a modernidade nasceu sob o signo do suicídio⁶⁷, Sigmund Freud sugeriu que ela foi dirigida por Tântatos – o instinto de morte –, enquanto ele próprio define “a modernidade como a época, ou o estilo de vida, em que a colocação em ordem depende do desmantelamento da ordem “tradicional”, herdada e recebida em que ‘ser’ significa um novo começo permanente⁶⁸”.

Bauman também considera que:

Não é surpreendente que em toda a idade moderna haja uma estrita correlação entre a proporção, a radicalidade da “ordem nova e final” imaginada, sonhada e experimentada na prática, e a paixão com que “o problema dos estranhos foi abordado, assim como a severidade do tratamento dispensado aos estranhos. O que era **“totalitário”** nos **programas políticos totalitários**, eles próprios fenômenos totalmente modernos, era, mais do que algo além da abrangência da ordem que eles prometiam, a determinação de não deixar ao acaso, a simplicidade das prescrições de limpeza, e a meticulosidade com que eles atacaram a tarefa de remover qualquer coisa que colidisse com o postulado da pureza. As ideologias totalitárias foram notáveis pela propensão a condensar o difuso, localizar o indefinível, transformar o incontrollável num alvo a seu alcance e, por assim dizer, à distância de uma bala. A angústia disseminada e ubíqua exalada pelas ameaças igualmente disseminadas e ubíquas à amplitude e ao senso da ordem foi, assim, estreitada e comprimida de maneira que pudesse ser “manipulada” e profusamente repartida num único e direto procedimento. O nazismo e o comunismo primaram por impelir a tendência totalitária a seu extremo radical – o primeiro, condensando a complexidade do problema da “pureza”, em sua forma moderna, no da pureza da raça, o segundo no da pureza da classe. No entanto, os anseios e pendores totalitários também tornaram sua presença visível, conquanto de uma forma levemente menos radical, na tendência do estado nacional moderno como tal a escorar e reforçar a uniformidade da cidadania do estado com a universalidade e abrangência da filiação nacional.⁶⁹

Para Lipovetsky

⁶⁶ ARENDT, op. cit.

⁶⁷ BAUMAN. Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 20.

⁶⁸ FREUD. op. cit.

⁶⁹ BAUMAN. Zygmunt. op. cit., p.21-22.

A modernidade estruturou-se como imaginário do dever e do homogêneo. Cada indivíduo precisava corresponder ao imperativo moral dominante, mesmo naquilo que só dizia respeito ao seu espaço privado. A idéia de imperativo serviu de cobertura para a imposição de visões de mundo e para a exclusão de todos os que ousaram postular modos alternativos de vida.⁷⁰

A ordem que Freud fala, que é orgulho da modernidade, no dizer de Bauman, vem associada às idéias de “compulsão”, “repetição”, “regulação”, “supressão”, ou mesmo “renúncia forçada dos instintos”, formas de mal-estar que também está associado a “excesso de ordem” e escassez de liberdade⁷¹. Mas podemos acrescentar: resulta dos ideais do próprio ego ideal, herdeiro direto do narcisismo original, nos quais ficamos submetidos às aspirações dos outros em relação ao que se deve ser e ter.

Bauman também ensina que a expressão “civilização” em Freud deve ser lida por “modernidade” e que “a civilização — a ordem imposta a uma humanidade naturalmente desordenada — é um compromisso, uma troca continuamente reclamada e para sempre instigada a se renegociar”⁷². Ele diz que:

Por mais justificadas e realistas possam ser as nossas tentativas de superar defeitos específicos das soluções de hoje, talvez possamos também familiarizar-nos com a idéia de que há dificuldades inerentes à natureza da civilização que não se submeterão a nenhuma tentativa de reforma⁷³.

Para Lipovetsky a modernidade foi estruturada como imaginário do dever e do homogêneo, na qual cada indivíduo precisava corresponder ao imperativo moral dominante, imperativo que serviu para impor visões do mundo, criou sociedades democrático-disciplinares, universalista-rigorosas, ideológico-coercitivas⁷⁴.

A lógica imaginária do sujeito moderno decorre de uma fantasia de tornar-se menos (-) para conseguir mais (+), no sonho de um mundo venturoso através do sacrifício, estando o imaginário ancorado numa teleologia, portanto, em doutrinas que identificam metas, fins ou objetivos últimos guiando a natureza e a humanidade. No sujeito contemporâneo, o imaginário é da ordem do gozo, numa dimensão fragmentada, mas também numa teleologia de progresso, da ciência, da razão, como instrumentos e meios para que o ser humano alcance a libertação e o pleno

⁷⁰ LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manole, 2005. p. 11.

⁷¹ BAUMAN, op. cit. pp. 8-9.

⁷² Ibid.

⁷³ Ibid.

⁷⁴ LIPOVETSKY. op.cit. p.16.

desenvolvimento.

Para Lacan, o mundo moderno surge com a emergência nos séculos XVI e XVII da ciência no sentido moderno, com a física matemática, com o sujeito da ciência que se caracteriza por não buscar a verdade nos textos sagrados, do sujeito que tudo interroga, que busca uma lei de determinação⁷⁵.

A característica deste mundo é o ideal do eu, o ideal universal, que implica uma exclusão da singularidade, exigindo a renúncia como uma tentativa de inclusão no ideal universal, renúncia cuja castração é um modo de gozo e no qual a singularidade se introduz como um sintoma, uma vez que não pode alcançar o ideal e fracassa.

Na pós-modernidade, há uma descontinuidade, um corte, o declínio do ideal, na qual passamos a ser comandados pelos objetos técnicos. O supereu pós-moderno exige o gozo, passando o absoluto a ser da ordem do próprio objeto, sendo o mal-estar provocado pelo próprio excesso. Já o mal-estar contemporâneo se caracteriza por uma lógica do excesso, pelo controle, pelo domínio dos objetos.

Eric Hobsbawm, ao estudar o Século XX, especificamente o período de 1914 a 1991, cita doze autoridades que o veem como o século mais terrível da história, ou então como um século de massacres e guerras, ou, ainda, como o mais violento da história humana, até mesmo um século que destruiu todas as ilusões e ideais⁷⁶, portanto fazendo, como historiador, descrições que nos obrigam a indagar se estamos mais próximos do patológico do que propriamente de um defeito social, ou se temos meios para distinguir um do outro, sobretudo, se seremos capazes de criar um outro tipo de sociedade.

No dizer de Lipovetsky, vivemos em tempos em que novos processos de personalização remetem à fratura da socialização disciplinar, ao agenciamento de uma sociedade flexível baseada na informação e no estímulo das necessidades, no sexo, nas considerações dos fatores humanos, com nova forma de organização e orientação, novo modo de gerenciar comportamentos, não mais pela tirania dos detalhes e o máximo de escolhas privadas, com o mínimo de austeridade e o máximo possível de desejo, enfim, um processo de personalização no qual as instituições se guiam pelas motivações e desejos⁷⁷.

⁷⁵ LACAN. op. cit.

⁷⁶ HOBBSAWM, Eric. **A Era dos extremos: o breve Século xx (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁷⁷ LIPOVETSKY. op. cit, p. XVII.

Vivemos tempos de violência e, ainda, do que Habermas chama de patologia comunicativa, provocada por uma comunicação distorcida que leva a uma incontrollável espiral de desconfiança recíproca, à ruptura da comunicação, alimentada pela desigualdade social, discriminação, marginalização, enfim, por defeitos que parecem não permitir alívio para a opressão e o medo. Por outro lado, acolhemos sem duvidar ou questionar frases de que “o homem é o lobo do homem”, ou de que a luta de classes é intrínseca à organização social, que as guerras são necessárias, embora sejam causas do adoecer e morte e por elas todos são responsáveis.

Ortega y Gasset alerta para o fato de que “A história é a realidade do homem. Ele não tem outra. Nela se chegou a se fazer tal e como é”⁷⁸.

Ele denuncia o que triunfa hoje:

Uma homogeneidade [...] tem surgido o homem-massa, um homem feito de pressa, a ele se devendo o triste aspecto de asfixiante monotonia, homem esvaziado de sua própria história, sem entranhas de passado, que carece de um dentro, de uma intimidade própria, disposto a fingir que é alguma coisa, que só tem apetites e que pensa que só tem direitos e que não acha que tem obrigações,

Um homem sem obrigações de nobreza – *sine nobilitate* – *snob*, abreviatura de sem nobreza (*s. nob*), e como o *snob* é vazio de destino próprio, como não sente que existe sobre o planeta para fazer algo determinado e impertubável, é incapaz de entender que há missões particulares e mensagens especiais. Por esta razão é hostil ao liberalismo, com uma hostilidade semelhante à do surdo com a palavra.

Ainda, no que diz respeito às massas, Canetti afirma que:

Todas as distâncias que os homens criaram em torno de si foram ditadas por esse temor de contato. As pessoas trancam-se em casas que ninguém pode adentrar, somente nelas sentindo-se mais ou menos seguras. O medo do ladrão não se deve unicamente a seu propósito de roubar, mas é também um temor ante seu toque súbito, inesperado, saído da escuridão”. [...]. Tal aversão ao contato não nos deixa nem quando caminhamos em meio a outras pessoas. A maneira como nos movemos na rua, em meio aos muitos transeuntes, ou em restaurantes, trens e ônibus, é ditada por esse medo.

Com esta convicção Canetti oportunamente, esclarece:

Mesmo quando nos encontramos bastante próximos das pessoas, mesmo quando podemos observá-las bem e inspecioná-las, ainda assim evitamos tanto quanto possível, qualquer contato com elas. Se fizermos o contrário, é porque gostamos de alguém, e, nesse caso, a iniciativa da aproximação

⁷⁸ ORTEGA Y GASSET. José. **A Rebelião das Massas**, 2007, São Paulo: Martins Fontes 2007, pp. 14-15.

parte de nós mesmos. A presteza com que nos desculpamos quando do contato não intencional; a tensão com que se aguardam tais desculpas; a reação veemente e, por vezes, violenta quando elas não vêm; a repugnância e o ódio sentidos em relação ao “malfeitor”, mesmo quando não nos é possível ter certeza de quem foi que nos tocou – todo esse emaranhado de reações psíquicas em torno do contato com o estranho demonstra, pela instabilidade e irritabilidade extremas, tratar-se aí de algo muito profundo, sempre desperto e melindroso, algo que, uma vez tendo o homem estabelecido as fronteiras de sua pessoa, nunca mais o abandona. Mesmo o sono, estado em que nos encontramos muito indefesos, é facilmente perturbável por esse tipo de temor⁷⁹.

Prossegue Canetti esclarecendo que:

Por diferenças há que se entender particularmente aquelas impostas a partir do exterior – as diferenças determinadas pela hierarquia, posição social e pela propriedade. Individualmente, os homens estão sempre conscientes dessas diferenças. Elas pesam sobre eles, apartam-nos com grande vigor uns dos outros. Postado em lugar definido e seguro, o homem, com gestos jurídicos eficazes, afasta de si tudo quanto dele se aproxima. Sua postura assemelha-se à de um moinho de vento, expressivo e em movimento em meio a uma enorme planície: nada há até o próximo moinho. A totalidade da vida, conforme ele a conhece assenta-se em distâncias; a casa na qual ele encerra a si próprio e a suas posses, o cargo que ocupa, a posição pela qual anseia – tudo isso serve para criar, consolidar e ampliar distâncias. A liberdade do movimento mais profundo rumo ao próximo é cerceada. Impulsos e contra-impulsos esvaem-se qual num deserto. Ninguém é capaz de chegar próximo ou à altura do outro. Hierarquias solidamente estabelecidas em cada domínio da vida não permitem a pessoa alguma tocar naquele que está mais acima, ou descer – a não ser em aparência – até que se encontra o mais abaixo. Em sociedades diversas, diversa é maneira pela qual tais distâncias se contrabalançam. Em algumas, dá-se ênfase às diferenças de origem; em outras, àquelas determinadas pela profissão e pela propriedade. Não se trata aqui de caracterizar uma a uma essas hierarquias.

Para Canetti o essencial é que elas existem em toda parte; que se aninham na consciência dos homens e determinam decisivamente o seu comportamento para com os outros. A satisfação de situar-se hierarquicamente acima dos demais não oferece compensação pela perda da liberdade de movimentos. Em suas distâncias, o homem se faz rijo e sozinho. Ele se arrasta sob o peso de tais cargas e não sai do lugar. Esquece que foi ele próprio quem se impôs essas cargas e anseia por libertar-se delas. Mas como há de libertar-se sozinho? O que quer que faça – e por mais decidido que esteja –, encontrar-se-á em meio a outros que frustrarão o seu empenho. Enquanto estes últimos aferrarem-se a suas distâncias, ele não logrará aproximar-se um milímetro sequer⁸⁰.

No dizer de Isaiah (apud Sacks⁸¹), vivemos num mundo em que cada cultura tem seu próprio centro de gravidade, seus pontos de referência, com plantas

⁷⁹ CANETTI, Elias. **Massa e poder**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

⁸⁰ Ibid, p. 16.

⁸¹ SACKS, Jonathan. **Para curar um mundo fraturado**: a ética da responsabilidade, São Paulo: Séfer, 2007, p.139.

de diferentes espécies crescendo, cada uma com suas reivindicações, levando à colisão de valores, de interesses, mas que mostram em essência quem somos e quem são eles, um mundo que suportou várias tentativas de impor uma única maneira de ver o mundo, ou um único sistema de idéias ou de política, mas fundamentalmente antagônica à condição humana, levando ou à perda da liberdade ou de vidas e bens.

Os tempos contemporâneos revelam as representações humanas realizando-se no plano físico, na sociedade, enquanto a ignorância leva à perda de rumos, as ilusões solapam uma sociedade secular que rejeitou e passou a hostilizar o que é absoluto, o que é sagrado, além de não dar o mínimo valor aos ensinamentos de natureza religiosa, tidos como ilusões, mas implantando, de certa forma, um tipo de secularismo que é totalitário, intolerante, que não aceita o diferente, que não permite aos outros as suas representações, as suas ideologias, secularismo que rejeita o diferente, o momento e a liberdade do outro, os objetos transacionais que usam, não os preservando ou os respeitando, desconhecendo a própria exigência da liberdade individual.

Vivem-se secularismos que afastam a ética da responsabilidade, ou como apregoa o Papa Bento XVI, “ética que exige o cultivo da virtude, da autodisciplina, o sacrifício pelo bem comum e um senso de responsabilidade em relação aos menos favorecidos”, ética que exige transformações.

Assevera Sacks que as sociedades pós-modernas são caracterizadas pela falta de consenso moral, embora contenham em si pessoas de religiões totalmente distintas. A cultura secular, por sua vez, praticamente abandonou o projeto de moralidade como um empreendimento da sociedade⁸². Em vez disso, ele se tornou o exercício da autonomia — a moralidade como escolha íntima e pessoal (*algo que a Bíblia vê como anarquia: “Naqueles dias não havia rei em Israel e cada um fazia o que parecia certo aos seus olhos”*⁸³). Diz ele que é difícil imaginar como a sociedade pode sobreviver nessas condições no longo prazo, assim como assevera que:

Moralidade é a história das tentativas feitas pela humanidade para construir uma vida universal fundamentada nos mesmos códigos, convenções e convicções. Sem um discurso moral comum, a praça pública é reduzida a um mercado rudimentar: serviços em troca de

⁸² Ibid, p. 160.

⁸³ BIBLIA de Estudo Pentecostal. **Juizes**. cap. 21 vers.:25. CPAD Estados Unidos. Casa Publicadora das Assembléias de Deus. 1996..

impostos. Excessivamente frágil, uma base assim não suporta a construção de uma nação duradoura, quanto mais de um mundo clemente.⁸⁴

Há, no entanto, outra característica na contemporaneidade, esta relacionada com a das massas que acha, segundo Gasset, que tem o direito de impor e dar força de lei aos seus problemas, impondo o direito da vulgaridade, fazendo sucumbir o que é diferente, individual, qualificado, embora sejam fatos que jazem ocultos na brutalidade das aparências.

Isaías Berlin⁸⁵ declara que todas as visões monísticas — filosóficas como as de Platão, religiosas como o cristianismo e o islamismo medievais, ou seculares como o fascismo e o comunismo — eram falsas e perigosas, uma vez que desconhecem a riqueza da multiplicidade e das diferenças, além de levar a uma perda inaceitável de liberdade. De igual modo são falsas e perigosas as políticas com pretensões grandiosas.

A maior parte das características que foram narradas parece distanciar do que Freud chama de **defeito social e nos aproximar do patológico**, de novas formas de adoecer, e do que Fromm denuncia que estão inseridas no que chamamos sociedade e ordem social, sendo adotadas e passando a ser consideradas como certas ou normais, até que surgem rebeliões ou movimentos dos oprimidos, ou dos escravizados procurando transformações e libertação, algumas vezes através dos crimes. Convém recordar o ensinamento de Bauman de que:

Os grandes crimes, freqüentemente, partem de grandes idéias. Poucas grandes idéias se mostram completamente inocentes quando seus inspirados seguidores tentam transformar a palavra em realidade — mas algumas quase nunca podem ser abraçadas sem que os dentes se descubram e os punhais se agucem. Entre esses tipos de idéia, ocupa posição privilegiada a visão da pureza.⁸⁶

Diz ele que a “Solução Final Alemã”, como observou a escritora Americana Cynthia Ozickm:

E uma solução estética; era uma tarefa de preparar um texto, era o dedo do artista eliminando uma mancha: ela simplesmente aniquilava o que era considerado não harmonioso. O psicólogo alemão Klaus Dörner chama seus leitores de *‘die Nazis aych als Bürger zu sehen, die genauso wie dia Bürger vor na nach, ihre Antwort auf die Soziale gesucht habe’* – ‘a questão social’ cuja resposta eles procuravam sendo a questão da ‘poluição’, da obstinada presença de pessoas que ‘não se ajustavam’, que

⁸⁴ BERLIN, Isaías, apud SACKS, op. cit.

⁸⁵ Ibid.

⁸⁶ BAUMAN. op. cit. p. 13.

estavam ‘fora do lugar’, que ‘estragavam o quadro’ – e, quanto ao mais, ofendiam o senso esteticamente agradável e moralmente tranquilizador da harmonia.⁸⁷

Nesse sentido, Bauman reforça Michel Foucault ao dizer que:

Nos primeiros anos da idade moderna, como Michel Foucault nos lembrou, os loucos eram arrebanhados pelas autoridades cidadinas, amontoados, dentro de *Narrenschiffen* (“nau dos loucos”), e levados ao mar; os loucos representavam “uma obscura desordem, um caos movediço [...] que se opõe à estabilidade adulta e luminosa da mente”; e o mar representava a água, que “leva deste mundo, mas faz mais: purifica.”⁸⁸

Também ensina Sacks que vivemos num mundo em que os valores são conflituosos e não coexistem harmoniosamente num paraíso platônico, que igualdade e liberdade são, ambos, valores, mas ao insistir na igualdade, como no caso do comunismo soviético, você sacrifica a liberdade e, ao buscar a liberdade pelo capitalismo sem amarras, você perde a igualdade. A tradição [judaica] é o que é não apenas em virtude de seus valores, mas, também, pela maneira como resolve os conflitos entre esses valores”⁸⁹.

Jessé Souza, fazendo à crítica ao mundo moderno, enfatiza que, para Georg Simmel, o fenômeno mais característico da modernidade ocidental é a separação entre as culturas subjetiva e objetiva, provocando uma cisão que dá o conteúdo da tragédia da cultura moderna, tragédia que se instaura com a autonomização das objetivações humanas, ou seja, das produções culturais, as quais, embora produzidas para servi-los, assumem uma lógica independente da intenção original⁹⁰. O homem, nesse contexto, passa a ser visto como mero suporte de constrangimentos que seguem a sua própria lógica. A tragédia decorre do fato de que as forças destruidoras mobilizadas contra um ser foram produzidas pelas tendências mais profundas deste mesmo ser.

Souza menciona ainda que, para Simmel, o caráter fetichista da produção de mercadorias para Marx, seria um caso particular desse fenômeno geral, e tanto Marx como Weber haviam apontado, no mundo moderno, **o domínio das coisas sobre os homens**, assim como diz que “seja no fetichismo do mercado capitalista com suas “ilusões objetivas” e suas leis férreas, para Marx, seja numa visão ainda mais abrangente da heteronomia, em Max Weber, **há uma denúncia da**

⁸⁷ OZICKM, Cynthia apud SACKS, Jonathan. **Para curar um mundo fraturado**: a ética da responsabilidade, São Paulo: Sêfer, 2007, p.139.

⁸⁸ BAUMAN. op. cit. p. 13

⁸⁹ SACKS, op. cit. p. 135.

⁹⁰ SOUZA, Jessé. **Simmel e a modernidade**. 2. ed. Brasília: UNB, 2005. p. 8-9.

racionalidade instrumental que, com sua lógica impessoal, invade todas as esferas da vida.⁹¹ (Grifo nosso).

Sobre a visão simmeliana acrescenta Souza que:

O que explica a importância e a atualidade da visão simmeliana da sociedade moderna é uma brilhante análise dos fatores estruturais que constituíram a tragédia da cultura moderna, relacionando-os aos fatos mais cotidianos dos indivíduos que vivem sob sua égide [...]. A cultura do estímulo, da sua sede, reflete precisamente a prisão no meio, como se a busca da satisfação se contentasse agora com um estágio anterior à produção valorativa propriamente dita. A cultura monetária implica tal prisão nos meios, que até a tentativa de fuga desse estado assume a mesma forma, na confusão entre o estímulo e o valor, o que leva à concentração da procura no mero estímulo. A doença transmite a sua forma ao remédio⁹².

Souza denuncia ainda as representações científicas e os sistemas de funcionamentos sociais, quando diz que:

As representações científicas sempre têm seu aspecto ideológico, enquanto os sistemas de funcionamento sociais, inclusive **sistemas de controle do Estado e do mercado, no dizer de Jürgen Habermas (1987), estão cada mais fora do alcance da discussão racional coletiva**. Por sua vez, mecanismos que manejam a produção, o poder político e a indústria cultural interferem com os processos simbólicos que permitem a comunicação e os debates sobre nossos fins coletivos e pessoais, levando ao que **Habermas chama de colonização do Lebenswelt do mundo simbólico, espiritual e cultural, onde há ausência de subjetividade, alienação, desorientação, perda de sentido, reações automáticas no comportamento.**⁹³ (Grifo nosso).

A contemporaneidade também é caracterizada não só pela perda dos ideais absolutos, pelo afrouxamento quanto aos valores éticos, mas pela importância das representações e ideologias, pelas mudanças psíquicas provocadas pela economia de mercado, pelos objetos, pelo predomínio de idéias absolutistas e totalitárias, desenraizamento de grupos e culturas, privatização das famílias, declínio da lei paterna, vivências do desejo de consumo desenfreado ou do gozo a qualquer custo, da busca de satisfação.

Também é caracterizada pelo grande desenvolvimento dos meios de comunicação (rádios, TVs, jornais), que facilitaram e ampliaram a formação de personalidades pela propaganda, ou pela propagação das mais variadas idéias, mas sem que, em contrapartida, houvesse um desenvolvimento da capacidade crítica para se opor às instituições existentes, ou se opor às ideologias ou aos sistemas de manipulação das massas, levando a que forças e mecanismos

⁹¹ Ibid.

⁹² SOUZA, op. cit. p. 14-15.

⁹³ Ibid.

autônomos estejam em jogo, mas obrigando a que se indague sobre o individualismo e coletivismo cultural e das relações de ambos com o adoecer, até mesmo da relação do adoecer e do sofrimento psíquico individual na sua relação com a sociedade, em síntese, uma era em que forças e mecanismos impedem o livre crescimento e exercício da individualização, ou, se preferirmos, das individualidades, que obstaculizam as individualidades a se contraporem à pulsão de morte e ao próprio processo de destruição coletiva.

Lévinas afirma que a sociedade não tem rosto, querendo com sua afirmação dizer que estamos impedidos de ficar com ela face a face⁹⁴, enquanto Pergentino S. Pivato, na sua apresentação ao livro “Entre nós – Ensaio sobre alteridade, de Emmanuel Lévinas, afirma que ele não nega a intersubjetividade e proliferação das relações daí decorrentes, ou que ela esteja condicionada ao contexto pelo seu inserimento inevitável no fluxo das relações e dos acontecimentos, mas questiona como é possível o diálogo se a estrutura ou o ser ou a interioridade tudo contém a priori. Indaga se haverá ainda a possibilidade para a alteridade, em que o outro permanece outro na relação. A modernidade elaborou a “redução do outro”, que acaba por fomentar a intolerância e a violência”⁹⁵.

Já Sacks ressalta que “em troca de impostos nós nos habituamos a delegar as responsabilidades ao governo, substituindo assim a ética pela política, a obrigação moral por fria legislação e o envolvimento pessoal por órgãos públicos sem rosto”. [...] Hoje, somos cidadãos anônimos vivendo entre estranhos, gente cujos códigos religiosos, culturais e morais diferem dos nossos⁹⁶. Qual é o dever ou o direito que nos torna co-responsáveis por seus destinos?

Continua ele descrevendo que Hans Jonas, em seu livro *The Imperative of Responsibility*, argumentou que nas gerações passadas as pessoas possuíam um senso razoavelmente claro da conexão entre ato e consequência, entre o que faziam e o que, a partir daí, acontecia. Hoje, os desafios são diferentes. O efeito estufa não é resultado de um único indivíduo que usa gasolina ou um produto em aerosol, mas de bilhões de atos que acontecem em todo o mundo. Talvez não possamos ver as consequências dos danos ao meio ambiente causados pela destruição das florestas ou a exploração desregrada de fontes de energia não

⁹⁴ LEVINAS, op. cit.

⁹⁵ Ibid.

⁹⁶ SACKS, Jonathan. Para curar um mundo fraturado: a ética da responsabilidade, São Paulo: Sêfer, 2007. p.139.

renováveis durante nossos anos de vida⁹⁷. Qual é, então, a minha responsabilidade?”. Acredita Sacks que:

Mais prejudicial ainda é o consumismo a dominar a sociedade. A cultura das necessidades artificialmente geradas atende a superprodução de bens anunciados na mídia à exaustão, **bens desdenhados em seguida por uma insatisfação igualmente fabricada**. A sociedade de consumo é uma deidade extremamente sedutora. Nenhuma outra tem sido mais gentil e tranquilizadora (“porque você merece o melhor”) ou menos exigente (como indica a paráfrase contemporânea de Allan Bloom: ‘Eu Sou o Eterno teu Deus, que te tirei da terra do Egito – Relaxe’)⁹⁸

Na contemporaneidade, também existe uma tensão entre domínio público e o domínio privado, sendo o primeiro percebido pelos contemporâneos como o lugar de anonimato, de vivência numa sociedade onde o homem se torna um número perdido na massa (nas campanhas políticas são os números dos candidatos e os números dos partidos que prevalecem, enquanto trabalham para implantar identidades e cadastros com numeração nacional), no qual tudo se torna funcional e o rosto humano é devorado ou coberto na função, ou, como diz a música de Luis Gonzaga;

*“Só vê cara estranha.
De estranha gente.
Tudo é diferente.
Do caro torrão”,*

Ou, então, como afirma Tom Zé numa de suas músicas, na qual refere-se a São Paulo, como a *“aglomerada solidão”*,⁹⁹ solidão que nos convida a uma releitura do versículo 18 do capítulo 2 do livro de Gênesis, no qual é dito que “não é bom que o homem esteja só”¹⁰⁰, não somente com o significado da união de macho e fêmea, ou na construção das famílias que resultam dessa união, famílias que, infelizmente, estão sendo destruídas, desintegradas, por uma nova e falsa cultura, destruição que resultará em calamidades pessoais e sociais, mas uma leitura que nos convida à construção das pontes entre “mim e você”, na atenção e cuidado com o outro, no ato de dar de si mesmo que humaniza o mundo, observando que há algo incompleto em nossa essência que é buscada no outro, mas não obrigando o outro a fazer nossa vontade, não o usando para servir aos nossos desejos, mas conferindo-lhe dignidade, dando-lhe a certeza de que não caminha ou está só.

⁹⁷ Ibid, p. 18-19.

⁹⁸ Ibid p. 20

⁹⁹ Tom Zé numa de suas músicas, na qual se refere a São Paulo, como a *“aglomerada solidão”*.

¹⁰⁰ BIBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. **Gênesis**. Cap. 2, vers. 18. CPAD Estados Unidos, Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1996.

Lévinas diz quase a mesma coisa, mas, de outra forma:

Ser, já insistência em ser, como se um 'instinto de conservação' coincidente com seu desenvolver, preservando-o e mantendo-o na sua aventura de ser, fosse seu sentido. A tensão de ser sobre si mesmo, intriga em que se ata o pronome reflexivo se. Insistência anterior a toda luz e decisão, segredo de uma selvageria que exclui deliberação e cálculo, violência à guisa de entes que se afirmam sem consideração uns para com os outros na preocupação em ser. Origem de toda violência, diversa segundo os diversos modos de ser: vida dos viventes, existência dos humanos, realidade das coisas. Vida dos viventes na luta pela vida; história natural dos humanos no sangue e nas lágrimas das guerras entre pessoas, nações e classes; matérias das coisas, dura matéria: solidez, o fechado-sobre-si até os confinamentos intra-atômico de que falam os físicos. E eis que surge, na vida vivida pelo humano – e é aí que, a falar com propriedade, o humano começa, pura eventualidade, mas desde logo eventualidade pura e santa – do devotar-se-ao-outro. Na economia geral do ser e de sua tensão sobre si, eis que surge uma preocupação pelo outro até o sacrifício, até a possibilidade de morrer por ele; uma responsabilidade por outrem. De modo diferente que ser! É esta ruptura da indiferença – indiferença que pode ser estatisticamente dominante – a possibilidade de um-para-o-outro, um para o outro, que é o acontecimento ético. Na existência humana que interrompe e supera seu esforço de ser – seu *conatus essendi* spinozista – a vocação de um existir-para-outrem mais forte que a ameaça de morte: a aventura existencial do próximo importa ao eu antes que a sua própria, colocando o eu diretamente como responsável pelo ser de outrem: responsável, quer dizer, como único e eleito, um eu que não é mais um indivíduo qualquer do gênero humano. Tudo se passa como se o surgimento do humano na economia do ser virasse o sentido, a intriga e a classe filosófica da ontologia: o em-si do ser persistente-em ser supera-se na gratuidade do sair-de-si-para-o-outro, no sacrifício ou na possibilidade do sacrifício, na perspectiva da santidade.¹⁰¹

O aspecto do domínio privado, por sua vez, tem sido entendido como lugar de autenticidade, de calma, de via verdadeira, na vida das famílias, no entanto Moreau¹⁰² advertia sobre o perigo dessa tendência à privatização, onde o mundo público é demonizado e o espaço privado exaltado, no qual, no mundo público, é possível observar a penetração de contra-valores como se fossem conquistas, onde se multiplicam erros, ambiguidades, estilos de vida, permissão para leis iníquas, que findam por produzir uma nova cultura, uma nova moral, ou que encerra valores com os quais a convivência e a sobrevivência são ameaçados.

Ortega y Gasset afirma que Stuart Mill escreveu há mais de oitenta anos que há no mundo uma forte e crescente inclinação para se estender de forma extrema o poder da sociedade sobre o indivíduo, tanto por meio da força da opinião como da legislativa, levando a que todas as mudanças que acontecem no mundo tenham o efeito de aumentar a força do social e diminuir o poder individual, sendo

¹⁰¹ LÉVINAS, op. cit. p. 18-19.

¹⁰² MOREAU, P. apud. TRUJILLO, Alfonso López. Cardeal. Família e Privatização. In: PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA. *Lexicon*: termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas. Brasília: CNBB, 2007. p. 406.

um mal que não tende a diminuir, mas torna-se maior¹⁰³.

Ortega y Gasset, na mesma obra, denuncia e desmascara a existência:

De um politicismo integral, que provoca a absorção de todo o homem pela política, no qual a massa rebelde perdeu toda a capacidade de religião e de conhecimento, não podendo conter mais que políticas, uma política exacerbada, frenética, fora de si, visto que pretende suplantar a religião, a *sagesse* --, enfim, as únicas coisas que por seu conteúdo estão aptas a ocupar o centro da mente humana. A política priva o homem da solidão e de intimidade, e por isso a pregação do politicismo integral é uma das técnicas usadas para socializá-lo.¹⁰⁴

Ele cita, ainda, o pensamento de Humboldt afirmando que:

Para o humano se consolidar e se aperfeiçoar é necessário que exista “variedade de situações”, assim como faz uma crítica de certas posições dizendo: Ser da esquerda, assim como ser da direita, é uma das infinitas maneiras que o homem pode escolher para ser um imbecil, na verdade, ambas são uma forma de hemiplegia moral. Além disso, *a existência desses qualificativos contribui muito para falsificar mais ainda a “realidade” do presente, já falsa por si própria*, porque as experiências políticas a que cada uma corresponde giraram cento e cinquenta graus, como demonstra o fato de que hoje as direitas prometem revoluções e as esquerdas propõem tiranias.¹⁰⁵

É também possível observar a existência de uma sociedade que estabeleceu uma moral pública oriunda de uma concepção de moral privada, uma concepção de uma moral autônoma que se constrói no mundo do subjetivo, mas que se encontra subtraída às normas vinculantes, nas quais o sujeito se erige em norma de sua própria moralidade, até mesmo procurando fugir ao seu destino biológico, revelando que há um mecanismo de destruição levando a que, no social, se encontre o risco de transformar o delito em direito, quer porque o reino subjetivo proíbe qualquer proibição ou imposição, quer porque a própria lei iníqua é interpretada desvalorizando o edifício ético, corrompendo os caminhos, levando aos maus impulsos, aos maus desejos, levando o ser humano a sucumbir à inclinação para o mal que depois não pode dominar, instalando uma nova forma de perversão, sem lei, uma vez que cada individualidade, cada subjetividade, é senhora e mestra da sua própria lei, dos seus próprios caminhos, dos seus próprios valores.

Nos comentários à Tora da edição hebraica, publicada em português pela editora Sêfer, especificamente os comentários ao livro do Gênesis, é ensinado que:

O Talmud discute se o homem nasce com maus impulsos ou se eles são

¹⁰³ORTEGA Y GASSET José. **A rebelião das massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 23.

¹⁰⁴ Ibid. p. 26

¹⁰⁵ Ibid. p. 26.

produto do mundo que o cerca, chegando à conclusão de que ele não nasce com tendências e impulsos, E SIM QUE SÃO RESULTADOS DE SUA CONDUTA, OU DE INFLUÊNCIAS RECEBIDAS, E NÃO CONSEQUÊNCIA DE SUA PRÓPRIA NATUREZA. Também é dito que quando conseguimos educar nossa mente e nosso corpo, criando limites e parâmetros para nossa gula, cobiça, inveja, ao invés de simplesmente erradicá-los, estamos disciplinando nosso ser de forma construtiva, sem violentá-la ou exigindo dele algo contra a própria natureza.¹⁰⁶

Pode-se observar o homem como criador de valores, que se refletem nos projetos estéticos ou na existência da política sem valores morais, de uma “(a) moral” que os autoriza a matar, roubar, invadir, depredar, matar, bloquear estradas, prejudicar transeuntes; uma “(a)moral” dos cientistas que os autoriza à realização de clones humanos e de animais, mudanças genéticas ou de criação de sementes transgênicas; uma “(a) moral” dos traficantes que os autoriza a procurar enriquecer, viciando e escravizando os outros, ou a matar para manter “bocas de fumo”; uma “(a)moral” econômica, burguesa, cujos objetivos são a acumulação e o lucro a qualquer custo e sem qualquer limites; uma “(a)moral” dos movimentos “gay”; uma “(a)amoral” dos fundamentalistas que resolvem se explodir para matar desafetos; uma “(a)moral” de governos ou de nações que se julgam autorizadas à destruição, à guerra ou ao terrorismo; uma “(a)moral” do holocausto; uma “(a)moral” da ditadura de um partido único, do stalinismo, da estranha ideia de uma igualdade absoluta pela supressão forçada da necessidade de ter.

Procuraram criar um mundo sem sentido e sem ordem, no qual a razão é que dá o sentido, ou, segundo a denuncia da filosofia de Lévinas, de um tu és tu absolutamente, ou, então, de um tu és tu que se insurge contra os mecanismos opressivos, ou sucumbe diante deles, numa nova forma de psicologia de endeusamento do ego e das individualidades, onde reina o salve-se quem puder, mas não de uma individualidade que contribui e enriquece o social porque dele se diferencia.

É fácil ainda, por outro lado, perceber a existência de mecanismos que procuram “modelar” a personalidade, ou que a força a manter-se uma construção ideológica, portanto, um momento cristalizado do processo social, embora ela – a personalidade – reflita a manifestação do entrelaçamento de classe social, etnia, experiências pessoais, construção e desenvolvimento de identidades; outras vezes percebe-se uma sociedade que a manipula e a põe a serviço dos interesses do

¹⁰⁶ BÍBLIA SAGRADA. **Gênesis**, cap. 21

Estado pela propaganda e como instrumento de manipulação das massas, construção que não passou despercebida por Freud quando cunhou o termo “formação comprometida”, referindo-se aos sintomas ou estruturas de caráter que se formam nos pontos de colisão entre os impulsos naturais e as pressões da civilização na psique do indivíduo.

Não é sem causas ou motivos que a história registrou a eclosão de duas guerras mundiais, e, posteriormente, um número excessivo de conflitos armados em diversas partes do mundo, a criação de arsenais com armamentos nucleares, guerra fria, a criação de sistemas de destruição coletiva, cujas tecnologias virtuais têm estreita relação com os processos ilusórios que envolvem o ser humano, ou mesmo às atividades dos homens provocando a destruição do *habitat* natural de forma lenta, mas constante, o que levou Freire a afirmar que:

O modelo está dando sinais de exaustão. Qual modelo? Aquele que considera a natureza como uma fonte a ser explorada, dominada e da qual, a ferros extraem-se os seus segredos. Ela, a natureza, dá sinais de alterações em prolongadas secas, tufões, grandes enchentes, aumento considerável de temperaturas em grandes extensões da terra. O desenvolvimento, o tecnicismo, consumismo precisam reconhecer seus limites. Nossa sobrevivência entra em zona de perigo. A natureza não é coisa (*res*), é mãe (*mater*). Dela somos parte. Ela é uma tela viva de interconexões. Por ela circula uma comunicação que, de forma surpreendente, fala de um sentido.¹⁰⁷

Objetivações e automatismos, oriundos de ilusões internas, falsas ideologias e representações, condições do meio ambiente ou da constituição da sociedade, ou do próprio do indivíduo, produzem todas estas dificuldades, exigindo que investiguemos que métodos são eficazes para que cessem as condições enganosas e confusas, ou obrigando a que também olhemos as manifestações psicopatológicas de forma não individualista e com uma lente cultural, ou as doenças mentais oriundas de processos ideológicos, das idéias passando ao ato, da desigualdade social oriunda dos desejos dos outros e da pobreza e exploração humana decorrentes do mal, da imaturidade, ignorância ou diversidade das formações pessoais.

Declara Santner que todo conteúdo ideológico toma emprestado um arcabouço fantasístico, capta a imaginação que passa a ter uma importância profunda para um indivíduo ou uma coletividade, sua matéria tem uma participação, é movida por essa dimensão pulsional da função simbólica, exerce fascínio,

¹⁰⁷ FREIRE, Airton. **Natura**: uma concepção sistêmica da natureza. Recife: Bagaço, 1999. p. 53

inscreve-se no campo de valores culturais.¹⁰⁸

Alice Bailey distingue ilusão, que é uma qualidade mental, de *espejismo*, este uma ilusão de carácter astral, que refere especificamente às emoções, assim como menciona as correntes de energias distorcidas que não cessam de arrastar a humanidade para uma atividade indesejável. Diz, ainda, que existem “*condiciones, prevalecientes en todos*”, que “*son el médio por el cual se sintonizan con el espejismo y la ilusión mundiales*”, além de mostrar a necessidade de dissipar “el espejismo mundial”, ou a necessidade de enfrentar “el espejismo” individual y grupal¹⁰⁹.

Ela acrescenta, quanto ao “*espejismo mundial*”, que é difícil escrever com claridade sobre o assunto porque nos achamos no meio da sua expressão mais densa – a pior que o mundo já viu – devido a séculos de cobiça e egoísmo, agressão e materialismo, estando todas as nações contaminadas por essa condição universal. Mostra também a necessidade de que nos libertemos das condições ilusórias, assim como a necessidade de ver tais conflitos e suas implicações mais amplas¹¹⁰.

Num outro livro, cuja citação é feita apenas a título de ilustração das ideias e correntes de pensamento existentes sobre o assunto, tratando das causas psicológicas das enfermidades, menciona:

Las enfermedades y dolencias grupales “aferradas a la raza”, atúan primordialmente a través do corpo etérico y encuentran su camino de manifestación, por conducto del cuerpo etérico de todas las formas [...] En la actualidad la raza está polarizada astralmente. La naturaleza sensório emocional es excesivamente poderosa en las masas. Esto conduce a poseer un cuerpo etérico relativamente negativo, el cual está sintonizado com toda sustância etérica del planeta. Esta sustancia, que subyace en todas las formas, es sencillamente um agente transferidor y transmisor de la energia vital ao cuerpo físico externo. La energia circula a través de esta sustancia etérica, libre de todo control por parte del ser humano individual, que casi no se da cuenta de ello, porque el foco de su atención es astral. Desde el estado de conciencia astral o emocional pueden ser deducidas muchas condiciones físicas individuales. En consecuencia debemos eliminar esas enfermedades que son de carácter grupal, las cuales han penetrado en la humanidad [...] asi como las enfermedades grupales y la proliferación de cualquier tipo de epidemais a través de las masas, están fundadas em alguna condición etérica del planeta. Esas enfermedades que son generales, nacionales, raciales y planetárias, llegan al individuo por conducto del cuerpo etérico, y no son tan personales em sus implicaciones.¹¹¹

¹⁰⁸ SANTNER. **A Alemanha de Schereber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1955. p. 60.

¹⁰⁹ BAILEY, Alice. **Espejismo - Glamour: um problema mundial**. Buenos Aires: Editorial Kier, 1961. p. 30.

¹¹⁰ Ibid.

¹¹¹ LA CURACION esotérica. Buenos Aires: Fundación Lucis; Kier, [19--], p.28-29, t. IV.

O Rabino Avraham Cachamovits, na palestra “O poder da imaginação”¹¹², fala da existência de um mundo feito pelas pessoas que não têm imaginação retificada, imaginação que sustenta ilusões que projetam desejos e expectativas, que provoca a mistura de sentimentos de forma caótica, volúvel; imaginação que se desenvolve de maneira não retificada e cuja falta de retificação cria distorções que levam à propagação do erro e com implicações poderosas nos relacionamentos (amor, romance), enfim, mantendo ilusões que nos leva a crer que tudo é possível. Ensina ele, ainda, que a imaginação descontrolada provoca a inclinação para o mal, assim como diz que “na imaginação, todas as ilusões do mundo encontram suas expressões, sendo a fixação no materialismo decorrente do poder da imaginação, impedindo a capacidade de nos orientar para o que é correto.”¹¹³

Em face dos seus ensinamentos, é importante relacionar e associar um ensinamento bíblico antigo, contido no livro do Gênesis, com os tempos contemporâneos, especificamente a passagem bíblica da construção do Bezerro de ouro pelos judeus no deserto, para servir como fonte de adoração e de procura de solução para seus problemas, enfim uma construção material que revela uma postura oriunda da ignorância que leva à idolatria, relacionar este evento antigo com as idolatrias do mundo contemporâneo, que revelam que o homem volta-se para o externo, endeusa objetos e a ciência e a usa para as conquistas técnicas, para construções de novas máquinas, novas tecnologias, obtenção de novos bens materiais, mas com perda de orientação e do afastamento das realidades internas, impedindo-o de distinguir o que é ser e ter, o que é excesso, ou o que é verdadeiro do falso¹¹⁴.

Denuncia Fromm que a promessa de progresso ilimitado – a promessa de sujeição da natureza, de abundância material, da maior felicidade para o maior número de gente, e a liberdade individual sem peias – manteve a fé e as esperanças de gerações após gerações desde o início da era industrial, enquanto “a trindade de uma nova religião passava a ser produção ilimitada, liberdade absoluta e felicidade irrestrita”¹¹⁵. Diz ele ainda que:

A satisfação irrestrita de todos os desejos não é conducente ao bem-estar, nem é a via para a felicidade ou mesmo para o máximo prazer”; “**o sonho**

¹¹² CACHAMOVITS, Avraham. Rabino. **O poder da imaginação**. Palestra. CDROM

¹¹³ Ibid.

¹¹⁴ BÍBLIA SAGRADA, **Gênesis**.

¹¹⁵ FROMM, op cit. p.23-24.

de sermos senhores independentes de nossas vidas terminou quando despertamos para o fato de que todos nos tornamos peças ínfimas da máquina burocrática, com nossos pensamentos, sentidos e gostos manipulados pelo governo, pela indústria e pelas comunicações de massa que controlam tudo”; “o progresso econômico continuou restrito às nações ricas, e o fosso entre nações ricas e pobres amplia-se cada vez mais; “o próprio progresso tecnológico ensejou perigos ecológicos e riscos de guerra nuclear, cada um dos quais ou ambos os quais podem acabar com toda a civilização e possivelmente com toda a vida.¹¹⁶ (Grifo nosso)

A necessidade de responder às perguntas anteriormente formuladas é oriunda da preocupação e do fato de que não podemos nos dirigir exclusivamente ao estudo de casos clínicos individuais específicos. Obriga-nos, sobretudo, a uma análise do individualismo, que tem sido o eixo das culturas ocidentais contemporâneas, muitas vezes com um perfil narcisista, provocando dificuldades para o desenvolvimento do processo do que Jung chama processo de individualização, que permite a muitos distinguirem-se das massas, mas que também leva, para muitos, que este processo não seja completado, levando a que a característica predominante seja a própria ausência de individualização, o que é explicado por causa do atraso ou da diversidade dos desenvolvimentos pessoais, do retardo do desenvolvimento do próprio processo de pensar, obrigando muitas vezes a escuta do analista a ser dirigida para camadas mais primevas da mente, ou para áreas onde ainda não houve simbolização.

Se as relações com o outro moldam o mundo interno e se o mundo interno por sua vez molda o externo, não é possível deixar de tentar traçar as linhas que distinguem o normal e o patológico, o adoecer psíquico e sofrimento, numa sociedade que tem pressa, cujos objetivos são imediatos, oriundos de mecanismos autônomos que se processam muitas vezes sem a possibilidade de controles individuais ou políticos, mas mesmo assim opressivos e sufocantes, provocando revoltas esparsas, como servem de exemplos bloqueios de estradas por grupos insatisfeitos, que não são ouvidos ou cujas reivindicações ou problemas não são atendidos, ou mesmo a paralisação do trânsito nas vias públicas por causa do número excessivo de carros nas ruas, que são sintomas do mau funcionamento da sociedade e da economia, esta com produção excessiva, ou, então, a inaptidão do poder público para gerar políticas.

É possível afirmar que a psicopatologia individual está relacionada com o

¹¹⁶ Ibid.

adoecer coletivo, ou pode ser dela decorrente, assim como o individualismo pode ser visto como sintoma social na psicopatologia, sendo necessário estabelecer as diferenças entre culturas individualistas e coletivistas nas diferentes manifestações psicopatológicas.

Moreira, Sloan analisam as conseqüências do individualismo como sintoma social do mundo contemporâneo, afirmando que:

Estudos epidemiológicos sobre saúde mental sugerem que as pessoas que vivem um estilo de vida moderno nas sociedades contemporâneas avançadas pagam um preço psicológico, vivendo sintomas como ansiedade vaga, impulsos para machucar a si mesmo, perda de fé, a sensação de que nada vale a pena, o desejo de se drogar, hábitos maníacos no trabalho, aborrecimentos com outras pessoas, fantasias com uma mudança radical no estilo de vida, estranhamento, alienação, dependência exagerada da opinião dos outros, solidão e depressão. Muitos destes sintomas, explicados como existenciais, médicos, ou simplesmente psicológicos, podem ter raízes sociais no mundo capitalista contemporâneo, onde impera o nervosismo pela permanente crise de identidade.¹¹⁷

Também é possível registrar as profundas transformações ocorridas desde que Freud escreveu “O Futuro de uma ilusão”¹¹⁸ e o “Mal estar na Civilização”¹¹⁹, provocadas por mudanças doutrinárias ou culturais, entre as quais podemos citar a questão da identidade sexual, a “ideologia de *gender*” (gênero sexual), que começou a se difundir a partir da década de 1960-1970, que sustenta que a feminilidade e a masculinidade não seriam determinadas basicamente pelo sexo biológico, mas pela cultura.

É também necessário citar como exemplo das transformações ocorridas, no campo da psicanálise, a crítica da religião como uma ilusão e neurose, mas sem que os psicanalistas enfatizem a ocorrência da substituição da religião por novas ideologias, que se revelaram com maior poder destrutivo, envolvendo as massas, embora ilusórias e oriundas de uma dedução falsa, surgindo da necessidade de defesa homem contra forças esmagadoramente superiores da sociedade ou da natureza, ou do impulso para retificar as deficiências de uma civilização, fornecendo aos indivíduos representações prontas, como objetos transacionais, que permitem suas travessias pela vida.

¹¹⁷ MOREIRA, Virginia; SLOAN, Tod. **Personalidade, ideologia e psicopatologia crítica**. São Paulo: Escuta, 2002. p. 135.

¹¹⁸ FREUD, Sigmund. O Futuro de uma ilusão. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21.

¹¹⁹ FREUD, Sigmund. Mal-estar na Civilização. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21. p. 85.

Os analistas também não responderam à crítica de Barrat (1993) de que a atividade de desideologização objetivada pela psicanálise, embora reforce o desmoronamento das identidades também restauram o funcionamento das pessoas dentro das cadeias ideológicas¹²⁰.

No campo social, também podemos citar as transformações relativas à guerra, que antigamente trazia as idéias de valores individuais como coragem, honra e heroísmo, mas que, na contemporaneidade, revela a existência de sistemas de destruição coletiva a ser executada a distância e em escritórios aparelhados com ar condicionado e telas virtuais.

Lipovetsky mostra que, no momento em que o ‘capitalismo’ cede passagem a um capitalismo hedonista e permissivo:

Acaba a idade de ouro do individualismo competitivo a nível econômico, sentimental a nível doméstico, revolucionário a nível político e artístico, e se estende a um individualismo puro, desprovido dos últimos valores sociais e morais que coexistiam ainda com o reino glorioso do homo economicus, da família, da revolução e da arte, emancipada de qualquer marco transcendental, a própria esfera privada troca de sentido, exposta como está unicamente aos desejos mutáveis dos indivíduos.¹²¹

Essas questões revelam sua importância quando observamos a existência de uma civilização que dá ampla vazão às pulsões de morte, na qual as ilusões, fantasias, ou subterrâneos da psique, quando expostos, revelariam as condições subjetivas e inconscientes que findam se contrapondo à pulsão de vida e criando objetivações autônomas que findam por conduzir às pulsões da morte, com agressividade, violência, indiferença, depressão, até mesmo ao uso violento do corpo alheio.

Caminhando ao lado da ânsia de viver, do gozar a qualquer preço, cujos momentos são retratados nos *shows coletivos*, nas lojas de *sex shop*, nos bailes, nos estádios, na labuta e no corre-corre das grandes cidades, dos conflitos militares conduzidos em telas de computadores, telas de videogames, dos jogos de guerra, suprimindo a dimensão cruel da guerra, esquecidos tão logo suprimidos das telas de TVs, há o que Habermas chama de um abismo entre fato e representação,

Lacan ensina que o que se chama o “eu humano” é uma série de defesas, de negações, de barragens, de inibições, de fantasias fundamentais, que

¹²⁰ BARRATT B. **Psychoanalysis and the postmodern impulse**: Knowing and being since Freud's Psychology. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1993 apud MOREIRA, Virginia; Sloan, Tod. **Personalidade, ideologia e psicopatologia crítica**. São Paulo: Escuta, 2002. p.68.

¹²¹ LIPOVETSKY, op. cit.

orientam e dirigem o sujeito, mas que o prende em ilusões, fantasias, falsas crenças, falsas ideologias, indicando que fomos impedidos de ser, nos levando a claudicar, sendo nossos defeitos e também causa do nosso adoecer¹²².

Leopoldo Nosek¹²³ registra que Freud, no seu texto “*O ego e o id*”, afirmou que o caráter do ego era um precipitado de catexias objetais abandonadas. O mundo interno é habitado por primitivas relações que já não existem, carregando a marca de uma história e uma existência de amores e paixões que sofreram o destino da efemeridade, de sua morte. As maiores paixões ocorrem na infância, pois o corpo e sua circunstância, seu habitat, têm menos trajetos já percorridos no mundo interno e, assim, suas marcas se fixam com maior intensidade. Cada experiência é radical, pois as pulsões se apresentam num psiquismo sem patrimônio que as atenua. Paixões que, além disso, terão como destino obrigatório uma perda. Como sobreviver?. Nosek confirma, ainda, que:

Aprendemos, também com Freud, que não existe no inconsciente a morte. Assim, só podemos abandonar nossos amores incluindo-os no mundo interno. Este se torna um território povoado por desejos e modos de relação que continuam vivos, trazendo consolo, conflitos entre si, modos de solução que configuram o nosso “jeito”. **Essa sociedade virtual plena de fantasmas tende a ser o modo como faremos face aos novos momentos que temos diante de nós.** [...] Não faz tanto tempo assim, a natureza era vista como o inimigo a ser derrotado pela cultura. As cidades eram construídas ao longo do mar, e as florestas, cenas de habitação das feras e dos selvagens, tinham de ser substituídas pelas construções humanas, seres supremos da criação. Hoje há outra percepção que todos compartilhamos, mesmo que a origem dos desequilíbrios e sua solução não sejam assim tão consensuais.

No seu entendimento pode-se pensar que o mesmo ocorre com nosso pensamento e nossa prática clínica, além de acrescentar:

Se, de um lado, é legítimo nos preocuparmos com a finitude e a carência de recursos hídricos no planeta, de outro seria desejável considerar que também não temos reservas indefinidas de tempo. Torna-se essencial, portanto, a reflexão acerca do melhor uso desse recurso, mesmo que isso nos coloque diante da indesejável angústia de pensar o caráter efêmero da vida. Se com Freud aprendemos que possuímos todos os mesmos componentes de ser de nossos pacientes, a visão terapêutica com definições de saúde e patologia tem cada vez menos sustentação. Autores como Searles afirmam que o analista não poderia estar com seus pacientes não fora ele mesmo, de alguma forma, um bordeleine. Não teria a permeabilidade para a tarefa. Tornamo-nos terapeutas tendo sido pacientes e, poderíamos dizer, continuando a ser pacientes. A agressão merece sua existência, pois sem ela não teríamos defesas. A pulsão de morte faz parte do viver, pois sem a desconstrução de qualidades psíquicas não teríamos a possibilidade de construir o novo. A onipotência é componente da ilusão criativa, e assim por diante”.[...]. O que se põe

¹²² LACAN, op. cit., p. 27.

¹²³ NOSEK. Leopoldo A metáfora da ecologia. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 41, n. 4, 2007.

radicalmente diante de nós é a questão da alteridade e a impossibilidade final de sua apropriação. Ela propõe o esgarçamento dos nossos conceitos, ela ultrapassa nossos saberes, ela nos traumatiza em nossa clínica. Esse infinito pressupõe uma nova ética e da bondade de permitir a existência do outro. Em vez da experiência de conhecer, a permissão de existir. Em vez de possessão, a acolhida e a hospitalidade ao estranho, ao outro.¹²⁴

Elisabeth Roudinesco, por sua vez, denuncia a existência de uma civilização na qual a sexualidade tornou-se livre e a ciência progrediu na exploração do corpo e do cérebro, mas:

Entretanto nunca o sofrimento psíquico foi tão vivo: **solidão, ingestão de psicotrópicos, tédio, cansaço, dieta, obesidade, medicalização de cada minuto da vida.** A liberdade de si, tão necessária, e conquistada renhidamente ao longo do século XX, parece ter se transformado em uma exigência de obrigações puritanas. **Quanto ao sofrimento social, é ainda mais insuportável, na medida em que parece em progressão constante, contra um fundo trágico de desemprego dos jovens e de desenraizamento** [...] Livre do garrote moral, o sexo não é vivido como correlato de um desejo, mas como uma performance, uma ginástica, um higienismo dos órgãos que só pode levar a uma lassidão mortífera. Como gozar? Como fazer gozar? Quais são o tamanho ideal da vagina, o bom comprimento de um pênis? Quanto tempo? Quantos parceiros em uma vida, uma semana, um único dia, um minuto? Nunca a psicologia do condicionamento e da alienação sexológica ou promiscua foi tão insinuante quanto hoje. A ponto de assistirmos agora a uma amplificação de todas as queixas. Pois quanto mais se prometem a felicidade e o ideal de segurança, mais persiste a infelicidade, mais aumenta o risco e mais as vítimas das promessas não cumpridas revoltam-se contra aqueles mesmos que os traíram.¹²⁵ (Grifo nosso).

Schneerson, numa visão religiosa, comenta que **há uma sexualidade que distorce a maneira como vemos nossos semelhantes** e que nem todas as formas de comportamento sexual são aceitáveis e que o caráter sagrado da sexualidade exige um comportamento que obedeça às leis divinas, leis que não nos solicitam que neguemos a sexualidade, mas que a vivenciemos de formas saudáveis e íntimas que irão fortalecer o crescimento e o aperfeiçoamento humanos, e quebrar os grilhões da escravização das paixões que, no fim, conduzem à decadência da sociedade¹²⁶. Schneerson expõe, ainda, que:

O fato de vivemos numa sociedade que, em grande parte, é pouco familiarizada com a sexualidade saudável, não altera essa verdade [...] e mesmo que nos ensinemos que um desejo sexual anormal específico seja genérico, por exemplo, ainda assim não deve ser tolerado, pois **muito de nossa existência se relaciona com a canalização apropriada de nossos desejos naturais.**¹²⁷ (Grifo nosso).

¹²⁴ Ibid.

¹²⁵ ROUDINESCO, Elisabeth. **Filósofos na tormenta**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2007, p. 10.

¹²⁶ SCHNEERSON, Menachem Mendel. **Rumo a uma vida significativa**. São Paulo: Maayanot, 2001, p.104.

¹²⁷ Ibid.

Schneerson também ensina que “um comportamento sexual impudico nada faz para cultivar a verdadeira intimidade. Apenas destrói o respeito pela pessoa, pelo lar e pela família”¹²⁸. Não está Menachen Mendel Schneerson distante de Freud que, segundo Valas, mostra que:

Um desenvolvimento complexo da pulsão sexual, que é ela própria uma composição de pulsões parciais, pode encontrar numerosos distúrbios. Freud evoca a possibilidade de uma dissociação de componentes de uma pulsão parcial, depois sua regressão, e finalmente sua fixação num estágio infantil da sexualidade, enquanto outro componente cede ao recalçamento característico do período de latência, não exercendo, mais, portanto, sua influência alternativa. [...] “As coisas são mais complexas. A ação combinada de fatores constitucionais (todas as construções de Freud quanto a isso visam tentar dar conta da intensidade do prazer ligado à propriedade de excitabilidade orgânica da zona erógena relativa aquela pulsão) e fatores ocasionais (as cenas primitivas) permite definir aquilo que é realmente fixado.”¹²⁹

Jung, por sua vez, denuncia a incrível crueldade do mundo supostamente civilizado dizendo que:

Tudo isto tem sua origem na essência humana e em sua situação espiritual. Observem-se os meios diabólicos de destruição! Foram inventados por *gentlemen* inofensivos, cidadãos pacatos e respeitados e tudo aquilo que se possa desejar. E se tudo explodir, abrindo-se um inferno indescritível de destruição, parece que ninguém será responsável por isso. É como se as coisas simplesmente acontecessem. E, no entanto, tudo é obra do homem. Mas como cada um está cegamente convencido de não ser mais do que uma simples consciência, muito humilde e sem importância, que cumpre regularmente suas obrigações, ganhando seu modesto sustento, ninguém percebe que toda a massa racionalmente organizada a que se dá o nome de Estado ou Nação é impelida por um poder aparentemente impessoal, invisível, mas terrível, cuja ação ninguém ou coisa alguma pode deter. Em geral, tenta-se explicar esse poder terrível pelo medo diante da nação vizinha, que se supõe estar possuída por um demônio maligno. E como ninguém pode saber em que ponto e com que intensidade está possuído e é inconsciente, simplesmente projeta seu próprio estado no vizinho. Torna-se então um dever sagrado possuir os maiores canhões e os gases mais venenosos. E o pior de tudo é que se tem razão. Cada vizinho se acha dominado pelo mesmo medo incontrolado e incontrolável. É fato bem conhecido nos manicômios que os pacientes que têm medo são muito mais perigosos do que os impulsionados pela ira ou pelo ódio.¹³⁰

Freud, nas suas “Reflexões para os tempos de guerra e de morte”, perguntava se a humanidade constituída no crime e através do crime tem como deixar de se dirigir inevitavelmente para a destruição.¹³¹

¹²⁸ Ibid. p. 105.

¹²⁹ VALAS, Patrick. **Freud e a perversão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 107.

¹³⁰ JUNG, Carl Gustav. **Psicologia da religião ocidental e oriental**. Petrópolis: Vozes, 1983, pp. 47-48.

¹³¹ FREUD, Sigmund. Reflexões para os tempos de guerra e de morte. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.57. FUKS, Betty Bernardo. Reflexões sobre a guerra e a segregação constitutiva do outro nos regimes políticos totalitários. In: FONTENELE, Laéria. (Org.) **Psicanálise: teoria, clínica e conexões**. Fortaleza: Edições Livro Técnico. 2006.

O Papa João Paulo II, por sua vez, denunciou a existência de uma “civilização enferma sob diferentes pontos de vista, visto que “a nossa sociedade se distanciou da verdade plena sobre o homem, da verdade acerca daquilo que o homem e a mulher são como pessoas”¹³², assim como denunciou, ainda, a falsificação produzida por certos instrumentos modernos de comunicação social, *sujeitos à tentação de manipular a mensagem*, tornando falsa a verdade sobre o homem, com *pressões sistemáticas sobre a opinião pública*, apresentando-as como regulares e atraentes, conferindo-lhes externas aparências e fascínio, situações que, de fato, são irregulares.

Freud denuncia que “em geral as pessoas experimentam seu presente de forma ingênua, por assim dizer, sem serem capazes de fazer uma estimativa sobre seu conteúdo”¹³³, assim como diz que “todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização”¹³⁴, civilização que “tem de ser defendida contra o indivíduo, e seus regulamentos, instituições e ordens dirigem-se a essa tarefa”¹³⁵, enquanto, no “Mal estar da Civilização”, afirma que:

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: **de nosso próprio corpo**, condenado à decadência e a dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; **do mundo externo**, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição; e, finalmente, **de nossos relacionamentos** com os outros homens.¹³⁶

Freud também afirma que “todo sofrimento nada mais é do que sensação, e só o sentimos como conseqüência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado”¹³⁷. Acrescenta que “é extremamente lamentável que até agora esse lado tóxico dos processos mentais tenha escapado ao exame científico”¹³⁸, denunciando que:

O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhe concederam um lugar permanente na economia de sua libido.¹³⁹

¹³² JOÃO PAULO II, Papa apud PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA. Lexicon: termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas. Brasília: CNBB, 2007. p. 8.

¹³³ FREUD, Sigmund. O Futuro de uma ilusão. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 21. p. 15

¹³⁴ Ibid.

¹³⁵ Ibid.

¹³⁶ FREUD, Sigmund. Mal-estar na Civilização. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 21. p. 85.

¹³⁷ Ibid. p.86

¹³⁸ Ibid.

¹³⁹ Ibid.

Koltai¹⁴⁰ afirma que “o cidadão moderno está sem rumo e ora se refugia na indiferença, ora parte para a violência contra aquele que imagina estar impedindo sua felicidade, roubando-lhe algo que no fundo nunca lhe pertenceu”. Koltai cita H. Arendt que fala de homens ressentidos contra tudo que nos é dado, inclusive nossa própria existência, contra o fato de que não somos criadores nem do universo nem de nós mesmos, levando-o a crer que tudo é permitido e crê secretamente que tudo é possível¹⁴¹.

No campo da psicopatologia, é possível observar as transformações que ocorreram, bastando citar, quanto ao corpo, a histeria na época de Freud, com os sintomas de conversão, e o corpo nos tempos atuais com as cirurgias transexuais que, violentando o físico, objetiva aproximá-lo do psíquico, dos corpos destruídos pelas bombas, dos corpos usados como instrumentos de prazer, ou então o corpo das cirurgias plásticas, corpos siliconizados, corpos tatuados ou cheios de tatuagens e *piercings*, retratos de insatisfação.

Alain Millet¹⁴² fala em seres desbussolados. Eugene Enriquez afirma que o Século XIX foi o século da esperança, da crença no progresso social, na fraternidade humana, enquanto o século XX foi o da inquietude, das desilusões com relação ao progresso, da sociedade sujeita a convulsões e tentada ao apocalipse, na qual os grupos sociais funcionam nas crenças e ilusões, ou no narcisismo que nega todo o vínculo com o outro, admitindo que é um ser a ser explorado, cujo sofrimento pode ser fonte de gozo ou de indiferença, mundo no qual muitos perderam o rumo, a dignidade, ou vivem sem esperanças¹⁴³.

Na contemporaneidade, as culturas tradicionais estão se deteriorando, famílias estão se desintegrando, povos estão sendo desenraizados, tudo em busca de um novo e questionável padrão de vida, que endeusa a globalização, a ciência, a tecnologia, o consumismo, mas que adocece ou vitimiza as pessoas de diversas maneiras; que implantou um sistema que provoca um rápido exaurimento dos recursos naturais, sustentado na ilusão de uma ideia de desenvolvimento e progresso universais sempre em expansão, ilusão que não permite observar “as diferenças”, o diferente, ou que os recursos humanos e de propriedade são

¹⁴⁰ KOLTAI, Caterina. Violência e Indiferença: duas formas de mal-estar na Cultura, **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v.13, n.3, 1999.

¹⁴¹ ARENDT, op. cit.

¹⁴² MILLET, Jacques-Alain. **Lacan Elucidado: palestras no Brasil**, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1997.

¹⁴³ ENRIQUEZ, Eugene. **Da horda ao Estado**: psicanálise do vínculo social: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

escassos e que bens e serviços também sejam escassos, mas que leva à destruição do *habitat* dos animais, sobretudo a destruição coletiva de grupos humanos, colocando em risco a própria sobrevivência da terra e da humanidade diante da disparidade existente entre as conquistas tecnológicas e as conquistas espirituais do ser humano.

Vive-se, ainda, num mundo no qual as antigas estruturas sociais e de valores cederam espaço para novas, no qual se anunciam e se propagam diferentes ideias, ou ideais, mas sem responsabilização individual, no entanto, com conseqüências coletivas, no qual foram elaboradas ideologias de gênero, ou novas doutrinas de identidade e diferença sexual, apresentando-as tão somente como fenômeno cultural, rejeitando uma sexualidade biológica, natural, ligada ao corpo ou às próprias necessidades de funções autopreservativas da espécie, sexualidade que migrou dos instintos e de reprodução das espécies para transformar-se na sexualidade cultural do ser humano, daí para a da mercancia do próprio corpo (prostituição nos seus vários gêneros), depois para as lojas de desejo (*sex shop*), *voyerismo* dos filmes pornô, enfim, revelando um complicado curso de transformações, no qual ingressam o desejo-prazer-gozo-relação com o outro, além de sexo mercado-psique, mas refletindo suas vicissitudes, desvios, um universo de ilusões, representações e aprisionamento, ilusões que levam ao falso entendimento de que o homem nasce com maus impulsos, ou de que decorre do mundo que os cerca, embora eles não nasçam com tendências ou impulsos, sendo esses resultados posteriores de suas escolhas, ou de influências recebidas, e não necessariamente como conseqüência da sua própria natureza.

Vivemos, ainda, num mundo da drogadicção, cujo retrato é o consumo desenfreado de álcool, maconha, fumo e de drogas pesadas (cocaína e heroína), da medicalização que serve de suporte e apoio temporários a muitos humanos nos seus obstáculos ou no seu sofrimento, como é o caso do uso de viagra, de antidepressivos, de calmantes, LSD, um mundo que criou uma medicina mecanicista e cujas salas de cirurgias parecem oficinas mecânicas, que trocam peças de um corpo usando serrotes, brocas e martelos, implanta corações mecânicos, ou usa próteses químicas (psicotrópicos), assim como um mecânico troca peças de um carro, coloca aditivos no motor, mas que é incapaz de solucionar o colapso nos sistemas de atendimento público, provocado por multidões de doentes que se amontoam em corredores de centros de emergência, cujo retrato é

a falta de leitos em hospitais e a proliferação de epidemias.

Também é possível observar a propaganda sendo usada na formação da opinião pública e na manipulação das massas para manutenção de sistemas totalitários, ou para obtenção de apoios em sistemas coletivos destrutivos, enquanto muitos dos políticos transformaram-se em objetos e produtos de marketing pessoal, ou números nas campanhas políticas, embora muitas vezes sejam objetos sem valor que são vendidos a uma população crédula, enquanto a violência e a neurose assolam a sociedade moderna.

Sobretudo, foi gerada uma nova economia psíquica oriunda de uma sociedade de consumo cujo pressuposto é a exclusão social, a concorrência desenfreada, oriunda de uma modernidade que abarcou uma multiplicidade de processos e cujo caráter muda de acordo com as regiões e os povos, levando a que sejam muitos os processos envolvidos, entre os quais podemos citar os seguintes: grandes descobertas científicas modificam a imagem do universo, alteram processos industriais, transformam o conhecimento científico em tecnologia, criam novos ambientes humanos e destroem os velhos, gerando novas formas de lutas de classes e de poderes corporativos, provocando alterações econômicas ou perturbações demográficas com crescimento urbano acelerado e muitas vezes caótico, ou, então, destruindo, ou separando pessoas dos seus hábitos e culturas, tornando muitas nações cada vez mais poderosas, narcísicas, expressão que tanto pode referir ao egoísmo como uma estrutura dinâmica de defesa, ou mesmo à ânsia de satisfação de desejos, mas que leva a que as sociedades sejam estruturadas e operadas burocraticamente, lutando para aumentar seus poderes, mas exigindo que haja a identificação dos efeitos psicológicos gerados por processos tão heterogêneos, obrigando-nos a indagar sobre novas formas de adoecer e de sofrimento.

Conflitos ideológicos construídos pelos que pretendem corrigir os defeitos e as falhas sociais, ou conflitos decorrentes de interesses econômicos latentes ou abertos, desviam recursos consideráveis para armamentos e criação de sistemas militares de destruição coletiva, cujas origens são complexas, mas nos quais é possível ver interesses econômicos, interesses de poder, desconfianças e separações, o autoritarismo humano, bloqueando os processos de comunhão e comunicação, embora sejam oriundos da existência de interesses narcísicos encobertos ou de ideais estéticos.

Conflitos entre religiões e culturas tornaram-se comuns, são oriundos de divergências ideológicas, separações e desconfianças que bloqueiam o diálogo e o entendimento, cujas origens encontram-se na apropriação das crenças como algo constitutivo do ser, da minha exclusiva verdade em contraposição à do outro, sem que se perceba que estruturas cristalizadas podem impedir a percepção da verdade, do entendimento, a alteridade, o crescimento e o avanço do ser, ou a simples aceitação do outro.

Afirma Sacks¹⁴⁴ que “qualquer tentativa de se impor uma única maneira de ver o mundo, ou mesmo uma sociedade, é fundamentalmente antagônica à condição humana e leva a uma perda consistente e inaceitável da liberdade”. Diz ele:

Até então a recuperação daquilo que o homem, expulso do paraíso terrestre, tinha perdido esperava-se da fé em Jesus Cristo, e nisto se via a “redenção”. Agora, “esta redenção”, a restauração do paraíso perdido, já não se espera da fé, mas da ligação recém-descoberta entre ciência e prática. Com isto, não é que se negue simplesmente a fé; mas esta acaba deslocada para outro nível – o das coisas somente privadas e ultraterrestres – e simultaneamente, torna-se de algum modo irrelevante para o mundo. Esta visão pragamática determinou o caminho dos tempos modernos, e influencia inclusive a atual crise de fé que, concretamente, é, sobretudo uma crise de esperança cristã. Assim também a esperança, segundo Bacon, ganha uma nova forma. Agora se chama fé no progresso. Com efeito, para Bacon, resulta claro que os descobrimentos e as recentes invenções são apenas um começo e que, graças à sinergia entre ciência e prática, seguir-se-ão descobertas completamente novas, surgirá um mundo totalmente novo, o reino do homem. Nesta linha, apresentou um panorama das invenções previsíveis, chegando ao avião e ao submarino. Ao longo do sucessivo desenvolvimento da ideologia do progresso, a alegria pelos avanços palpáveis das potencialidades humanas permanece uma confirmação constante da fé no progresso enquanto tal.¹⁴⁵

O Papa Bento XVI afirma que “simultaneamente, há duas categorias que penetram sempre mais no centro da ideia de progresso: razão e liberdade. Aquele é, sobretudo um progresso no crescente domínio da razão, sendo esta obviamente um poder do bem para o bem. O progresso é a superação de todas as dependências: é avanço para a liberdade perfeita. Também a liberdade é vista só como promessa, na qual o homem se realiza rumo à plenitude. Em ambos os conceitos – liberdade e razão – está presente um aspecto político. O reino da razão, de fato, é aguardado como a nova condição da humanidade feita totalmente

¹⁴⁴ SACKS, op cit. p. 140.

¹⁴⁵ BENTO XVI, Papa. Carta Encíclica Spe Salvi. A Esperança Salva. Disponível em:< http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documentd/hf_ben_enc....>. Acesso em: 24 abr.2008.

livre. Todavia, as condições políticas deste reino da razão e da liberdade aparecem à primeira vista, pouco definidas. Razão e liberdade parecem garantir por si mesmas, em virtude da sua intrínseca bondade, uma nova comunidade humana perfeita. Nos dois conceitos-chaves de “razão” e “liberdade”, tacitamente o pensamento coloca-se sempre em contraste com os vínculos da fé e da Igreja, como também com os vínculos dos ordenamentos estatais de então. Por isso, ambos os conceitos trazem em si um potencial revolucionário de enorme força explosiva.¹⁴⁶

Também têm ocorrido, e sido denunciadas, as mudanças nos vocábulos e nas expressões, objetivando esconder o que seja ofensivo, de modo que a expressão fique mais delicada, com a finalidade de evitar a rejeição de certas práticas sociais, enquanto novas expressões objetivam ocultar o seu real conteúdo e significado, impedindo a correta compreensão de alguns conceitos.

Com a alteração do conteúdo e valor dos vocábulos, tenta-se manipular a opinião pública, ocultando aspectos desagradáveis ou chocantes da realidade ou da verdade, levando a que, muitas vezes, os termos não sejam inocentes, mas usados com o objetivo de alcançar os fins desejados, acarretando a perda da verdade, alteração que é reclamada e gerada por desejos e vontades oriundas de conteúdos inconscientes encobridores, ou, então, por fragilidade científica, de equívocos doutrinários, ou decorrem de fragilidades no campo da ética. Na psicanálise, por exemplo, alteraram o conceito de perversão e direcionaram o vocábulo para uma específica estrutura clínica, mas findaram por excluir do seu âmbito os homossexuais, havendo recusa em relacioná-los com a paranoia.

Em 1984, o escritor George Orwell criticou as formas totalitárias, nas quais, com o propósito de propaganda, certos termos, repetidos para provocar reflexos condicionados, escapavam à clareza da inteligência e acabavam por assumir um significado contrário, **sendo um dos sintomas do ofuscamento moral a confusão dos termos**, usados com a finalidade obter uma mudança semântica, manifestando-se também em conceitos de “direitos” que passam a ser seletivos e caprichosos. Não se reconhece a universalidade de direitos, e são feitas “exceções”, enquanto existe uma maior separação entre o pensamento, a própria realidade e a palavra que os exprima, a qual passa a ser objeto de manipulação.

¹⁴⁶ Ibid.

A lei, por sua vez, passou a ser formulada e aceita enquanto expressão da maioria, mas adotam-se conceitos de verdades políticas impostas pelo mais forte ou por grupos, assim como, de igual modo, existem conceitos obscuros ou resistência em aceitar a lei natural e a vincular a lei a uma referência ética.

Por outro lado, e em decorrência das modificações ocorridas, como aliás ensinam Virginia Moreira e Sloan¹⁴⁷, a personalidade contemporânea passou a não ser diferente da propaganda que a cria e a sustenta, enquanto a realidade, que é a representação aparential do mundo, da qual não somos senhores, e na qual estamos submetidos, é compartilhada num processo que ilude e desilude, enquanto o real, que age dentro de nós, participando de relações, criado por inconscientes relativos, parece estar fora de alcance, embora seja a profundidade produtora e que se esconde por trás da identidade e da realidade, que são seus produtos.

Observam-se, dizem Moreira, Sloan, também mudanças na estrutura psicodinâmica da personalidade que trazem como consequência uma socialização distinta da tradicional, ocorrendo uma decadência da lei paterna, na qual as babás, as pré-escolas e a televisão substituem os pais na sua função socializadora, enquanto as TVs e os jogos virtuais apresentam imagens fantásticas e violentas de um mundo ilusório, obrigando a que as crianças tenham que organizar um sentido estável do seu ser através da imensa complexidade das interações de imagens, muitas vezes impossibilitando conseguir uma subjetividade autônoma e que seja capaz de reflexão crítica, levando a que, para uma estrutura psíquica desse tipo, o outro não exista como ser independente, uma vez que aspectos parciais do outro são incorporados sem sentido do eu ou em imagens idealizadas, poderosas e destruidoras.

Moreira, Sloan também mostram que “as perspectivas críticas da modernização têm se baseado nos efeitos psicológicos das instituições capitalistas (Marcuse, Adorno)¹⁴⁸, mas sem que sejam suficientes para um processo político que leve conta as necessidades psicológicas e os interesses do povo¹⁴⁹”.

A verdade, segundo os autores citados, é que não há alívio para a opressão e o medo, e não se estabelece uma confiança que seja capaz de desenvolver práticas comunicativas, além de não serem encontrados remédios

¹⁴⁷ MOREIRA, Virginia; Sloan, Tod. **Personalidade, ideologia e psicopatologia crítica**. São Paulo: Escuta, 2002. p. 135.

¹⁴⁸ MARCUSE, Adorno apud MOREIRA, Virginia; Sloan, Tod. **Personalidade, ideologia e psicopatologia crítica**. São Paulo: Escuta, 2002. p. 135.

¹⁴⁹ MOREIRA, Virginia; Sloan, Tod. **Personalidade, ideologia e psicopatologia crítica**. São Paulo: Escuta, 2002. p. 135.

contra as distorções sistemáticas na comunicação, impossibilitando a reconstrução de um elo fundamental de confiança entre as pessoas, ou entre nações, o que, no entanto, não pode ocorrer enquanto a opressão e o medo dominarem, ou enquanto interesses econômicos, concorrências comerciais, crenças e ideologias trabalham para separar e colocar uns contra os outros.

No que concerne ao terrorismo contemporâneo, segundo Habermas, os agentes patológicos são fruto da velocidade com a qual a modernização se impôs e da reação defensiva que ela provocou por parte de modos tradicionais de vida¹⁵⁰, enquanto, para Derrida¹⁵¹, a reação defensiva vem da própria modernidade. O terrorismo é, para ele, o sintoma de uma desordem auto-imune que ameaça a vida da democracia participativa, o sistema legal que a embasa e a possibilidade de uma separação nítida entre as dimensões religiosa e secular. As condições autoimunes implicam o suicídio espontâneo do mecanismo que deveria proteger o organismo da agressão externa.

Habermas também confirma a existência de uma patologia comunicativa, na qual “a espiral de violência começa como uma espiral de comunicação distorcida que leva, por meio da incontrolável espiral de desconfiança recíproca, à ruptura da comunicação”¹⁵², na qual se pode enxergar uma diferença entre a violência existente nas sociedades ocidentais, que são certamente assoladas pela desigualdade social, discriminação e marginalização, da violência transcultural na qual ocorre uma alienação dos outros através da comunicação sistematicamente distorcida¹⁵³.

Borradori¹⁵⁴ afirma que “na era do terror não há equilíbrio possível desde que **forças incalculáveis, mais do que estados soberanos, representem a verdadeira ameaça, o próprio conceito de responsabilidade torna-se potencialmente incalculável.** Quem é responsável pelo quê, em que estágio de planejamento, diante de que corpo jurídico?

Produção e consumo material tornaram-se a maior preocupação, e não se tem clareza de como estabelecer novas bases para a racionalidade, ou o sentido e a intersubjetividade que sejam capazes de produzir sujeitos capazes de enfrentar

¹⁵⁰ HABERMAS, Jürgen. Terrorismo e o legado do iluminismo, Habermas e Derrida. In: BORRADORI, Giovanna. **Filosofia em Tempo de Terror** : diálogos com Habermas e Derrida, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004

¹⁵¹ DERRIDA apud BORRADORI, Giovanna. **Filosofia em Tempo de Terror** : diálogos com Habermas e Derrida, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004

¹⁵² HABERMAS

¹⁵³ Ibid.

¹⁵⁴ BORRADORI, Giovanna. **Filosofia em Tempo de terror** : diálogos com Habermas e Derrida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

as tarefas da sobrevivência de uma sociedade pluralista, estruturada na agressividade e competitividade, em síntese, numa sociedade que enfrenta tantos e tão graves desafios.

Ribeiro¹⁵⁵ descreve que o homem acabou por ser submergido em um ambiente cultural hoje muito mais opressivo sobre ele que o meio físico ou qualquer outro fator, enquanto Jorge Waxemberg¹⁵⁶ denuncia que o homem vive através de defrontações, nas quais as ações são reações. O homem se sente frente a um meio que o pressiona e exige, e responde com reações. Sua vida é, enfim, uma resposta-reação, que, em vez de conectá-lo com o meio, o separa dele”. Miller¹⁵⁷ afirma que “a ciência testemunha o desenvolvimento patológico das faculdades mentais da humanidade de tal maneira, que ameaça destruir o ambiente em que ela vive”.

Por sua vez, o ser humano é um ser de uma linguagem social que não foi inventada por ele, mas que foi por ela capturado, identifica-se com valores que vieram do outro, mas que sempre deixam o sujeito em falta, insatisfeito, cujo desejo não se fixa em nenhum lugar e está sempre à procura de uma coisa, ou mais outra coisa, mas sempre em falta ou prisioneiro em estruturas que não foram criadas por ele.

O psicanalista Riaiz¹⁵⁸ afirma que “o sujeito do discurso capitalista – o sujeito ‘hiper-moderno’ – não tenha bandeiras, não busque uma resposta, não acredite na verdade. Ou seja, o sujeito do discurso capitalista não desconhece que a verdade tem valor de semblante, que a verdade nos faz crer que há algo ali onde não há nada. Por isso o sujeito hipermoderno não espera pela realização de um ideal, não articula o seu desejo como uma falta que espera ser satisfeita na realização de uma fantasia. O sujeito hiper-moderno, por ser efeito de discurso – e de um discurso que emergiu mediante a queda do pai, ou seja, o discurso capitalista –, é um sujeito para quem o desejo não é falta, senão capricho, vontade de gozo. O desejo do sujeito hiper-moderno é vontade de gozo porque o discurso capitalista tem a lógica insensata e feroz do supereu. Mais: poderíamos dizer que o discurso capitalista é o supereu do sujeito hipermoderno. Discurso capitalista e supereu articulam-se num mesmo imperativo: “Goza!”, mas não do imperativo da

¹⁵⁵ RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório**, 1972, p.172.

¹⁵⁶ WAXEMBERG, Jorge. **Da mística e dos estados de consciência** 2 ed. São Paulo: Ece, 1977, p. 68.

¹⁵⁷ MILLER, Jacques-Alain. **Lacan Elucidado: palestras no Brasil**. Rio Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997. p. 332.

¹⁵⁸ RIAIZ, Eduardo. **Modernidade, pós-Modernidade e hiper-Modernidade**. [19--]. (Impresso).

renúncia, como ordenava o supereu “moderno”, e sim de um modo infernal e ilimitado, goza do objeto técnico, do objeto que é efeito do discurso da ciência. Ou seja, o modo de gozo do discurso capitalista se caracteriza pelo extravio caprichoso do sujeito hipermoderno no objeto técnico”.

Ocorre que a contemporaneidade não afeta a todos da mesma maneira, podendo para uns, ser a consequência da falta de emprego, ou homens descartados por estruturas econômicas, a perda da função paterna; para outros pode ter a ver com a desagregação familiar ou a perda do negócio em face da concorrência capitalista; pode ser o *stress*, o assédio moral ou sexual no emprego, ou mesmo a incapacidade de aprender a pensar por si próprio fora das instituições do Estado, ou mesmo dizer respeito à sexualidade, assim como pode ser o impacto difuso, difícil de ser percebido, dos mecanismos autônomos existentes.

Chama a atenção dos investigadores o narcisismo, pesquisada por Freud e pela psicanálise, uma patologia tida como desordem de caráter, mas que, como causa, se reflete na produção econômica ligada ao desejo e onde nada é feito para durar, na qual satisfação e prazer estão submetidos ao mercado, criando uma sociedade hedonista.

Para Renate Jost Moraes:

A ciência progride incessantemente em tecnologia e descobertas “externas” ao homem, enquanto mantém o ser humano em si “reduzido”, estacionado e até mesmo, “regredindo” em seu desenvolvimento interior, conforme nos comprovam os fatos, cada vez mais alarmantes, dos acontecimentos mundiais.¹⁵⁹

Para poucos é que não passa despercebido um ensinamento contido em “O Zohar” de que “o homem deve sempre ver a si mesmo como se o destino do mundo inteiro dependesse dele”. Para Freud, segundo Betty Bernardo Fuks, em carta a Romain Rolland,

o homem deve aprender a distrair as pulsões do ato de destruir a nossa espécie, e, na carta a Einstein, afirma que contra a compulsão de assassinar, humilhar, destruir e infligir dores ao outro o melhor remédio é o de manter a chama do desejo de construir a vida, permanente e infinitamente acesa. Não está distante do pensamento de Lévinas quando, em seu comentário sobre o mandamento bíblico, “Não matarás”, recomenda lê-lo pelo avesso, sob o signo do desejo: “farás tudo para que o outro viva.”¹⁶⁰ (Grifo nosso).

¹⁵⁹ MORAES, Renate Jost de. **O inconsciente sem fronteiras**: São Paulo: Vale, 1995, p. 33.

¹⁶⁰ FUKS, Betty Bernardo. Reflexões sobre a guerra e a segregação constitutiva do outro nos regimes políticos totalitários. In: FONTENELE, Laéria. (org.) **Psicanálise: teoria, clínica e conexões**. Fortaleza: Edições Livro Técnico. 2006. p. 58.

Esta proximidade entre os dois pensadores permite indicar que a psicanálise deve manter-se na cultura como uma disciplina que convoca, para dizê-lo em termos levinasianos, a responsabilidade pelo outro em seu duplo sentido: responsabilidade pelo outro semelhante/diferente e pelo outro do desejo. Na medida em que o desejo é tão-somente o que Lacan chamou de metonímia de toda a significação, ao analista cabe guardar a possibilidade de um dizer Outro, capaz de fazer explodir os limites de qualquer pensamento totalizante.

A afirmação de Kant¹⁶¹ de que “a parte o caráter tortuoso da humanidade, nada de reto jamais foi criado”, parece mostrar a impossibilidade de construirmos uma sociedade ideal, a impossibilidade da existência de uma sociedade na qual as múltiplas ideias sobre o bem comum fossem simultaneamente colocadas em prática, enquanto o ensinamento contido nos Eclesiastes¹⁶² **“não conseguiremos consertar o que está errado”**, nos aproxima dos conceitos de defeito social, neurose social e neurose individual, como conceitos que afastam a idéia de normalidade e nos aproxima do patológico, mas que revela, em síntese, um conflito entre ter e ser, de homens construídos por ilusões e fantasias ou pensamentos e construções ideológicas, escravos de objetivações que se tornam autônomas e findam por destruir o próprio homem, ou, então, que o conceito de sanidade, no que se refere ao social, esteja mais próximo do poder que os homens possam ter de transcender a guerra e a violência e viver num mundo não fraturado, exigindo a construção de uma ética da responsabilidade e um novo tipo de relações.

¹⁶¹ KANT, Imanuel. Apud. SACKS, Jonathan. **Para curar um mundo fraturado: a ética da responsabilidade**, São Paulo: Sêfer, 2007. p.139.

¹⁶² BÍBLIA **Eclesiastes**. cap. 1, vers.15.

4 DIFERENÇAS ENTRE NORMAL E PATOLÓGICO

As descrições feitas e o retrato da contemporaneidade que foi esboçado fornecem elementos para tecer as diferenças entre normal e patológico, entre o adoecer, enfermidade, sofrimento, defeito social, e entre o adoecer individual e o coletivo.

No que concerne ao individual a medicina já estabeleceu a diferença entre normal e patológico. O patológico refere-se ao corpo, ao seu estado, no qual pode ser observado sofrimento, desordem, perda da harmonia, disfunção, a órgão ou órgãos que não funcionam bem. Refere também ao psíquico, apresentando-se no que é designado como “psicopatologia, desde que o psíquico, o mental, seja considerado como órgão essencial de adaptação do ser humano, como ser vivo, à realidade. Nesta perspectiva, o mental é considerado como um órgão específico, o que levou a ciência contemporânea a reduzir toda patologia, toda psicopatologia, à bioquímica do cérebro, o que não é uma estupidez, muito menos um disparate, uma vez que bioquímica do cérebro tem um papel, mas não é tudo.

Mas, no que concerne à psicanálise, cuja clínica é individual e singular, e a possível relação que mantém com processos coletivos que levam ao adoecer e ao sofrimento, encontramos diversos estudos doutrinários sobre a matéria, além dos métodos e técnicas relativas aos pequenos grupos, no que é chamado grupoterapia.

Betty Fuks¹⁶³, no estudo “Reflexões sobre a guerra e a segregação constitutiva do outro nos regimes políticos totalitários”, se posiciona no sentido de que **a psicanálise inviabiliza qualquer diferença entre psicologia individual e coletiva**, extraindo ela de Freud as linhas orientadoras para a posição que defende.

A primeira orientação, segundo ela, estaria contida no trabalho de Freud “Reflexões para os tempos de guerra e de morte” (1915), quando afirma que Freud, profundamente desiludido, seis meses depois de ter sido deflagrada a primeira guerra mundial, procura encontrar respostas e as razões pelas quais os homens insistem em matar e fomentar guerras de forma tão bárbara e primitiva, apesar de todo o progresso, dos avanços técnicos e científicos, criações artísticas e culturais,

¹⁶³ FUKS. Betty Bernardo. Reflexões sobre a guerra e a segregação constitutiva do outro nos regimes políticos totalitários. In: FONTENELE, Laéria. (Org.) **Psicanálise: teoria, clínica e conexões**. Fortaleza: Edições Livro Técnico. 2006.

findando ele por introduzir a morte para tentar responder às dramáticas questões, constatando que a história mundial é uma longa sucessão de assassinatos.

Diz ela que, posteriormente, na obra “Mal estar na Cultura”, EROS, a pulsão de vida, encontra seu antagonista, TÂNATO, a pulsão de destruição, uma agressividade não erotizada, uma inclinação destruidora.

Prossegue dizendo que, na “Psicologia das Massas e análise do eu” (1921), Freud leva em conta a insistência do homem em guerrear e destruir e não encontra dificuldade em qualificar de estratégica o modo como a noção de estrangeiro serve de esteio à coesão e ao fortalecimento da identidade de massa. A esse fenômeno de amor dentro do próprio grupo e ódio ao outro, que Freud chamou narcisismo das pequenas diferenças, revelaria que todo o sistema organizado em torno do poder que se materializa sob o vazio fundante da cultura, obedece ao mesmo regime do eu: procura fazer unidades fechadas em si mesmas pela eliminação radical do outro. Fuks afirma, ainda, que:

Freud não encontra dificuldade em qualificar de estratégica o modo como a noção de estrangeiro serve de apoio à coesão e ao fortalecimento da identidade da massa – um grupo altamente organizado, permanente e artificial (certa força externa é empregada para impedir que os membros se desagreguem). Aqui, o amor une um considerável número de pessoas sob o signo de uma determinada identidade, desde que outras – os estrangeiros – recebam manifestações de ódio. Na tese de 1921, existe um elemento fundamental para orquestrar esse quadro: o líder, aquele que consolida e fortalece as bases da massa, em nome do amor entre idênticos e sob a bandeira da exclusão do outro que deverá permanecer ‘de fora’ do todo. Portanto a arquitetura da massa é composta de dois eixos fundamentais, a do líder (o cabeça do grupo) e a dos indivíduos unidos pelo laço de amor (os membros do corpo político), que, conjuntamente, vão se opor ao que deve permanecer alijado, estrangeiro. O narcisismo do sujeito, segundo o qual a imagem do próprio corpo se sustenta na imagem que é, ao mesmo tempo, ele mesmo e outro distinto de si, no plano coletivo fica como base do narcisismo das pequenas diferenças. Enquanto o narcisismo instaura um ‘eu’ distinto do ‘outro’, o narcisismo das pequenas diferenças instala o ‘nós’ diferente dos ‘outros’. Dito do outro modo, o narcisismo das pequenas diferenças apoia-se sob a lógica da segregação, a mesma que sustenta o narcisismo propriamente dito, para fortalecer a identificação especular no interior dos grupos e distinguir aquilo que não é espelho, o não idêntico que atrai e repele. Por isso, a intolerância aparece mais intensamente contra as pequenas diferenças do outro do que dirigidas às diferenças fundamentais¹⁶⁴.

Uma outra orientação decorre do exame da agressividade na visão freudiana. Segundo Endo¹⁶⁵, a visão da agressividade figura em dois importantes

¹⁶⁴ Ibid, p. 58-59.

¹⁶⁵ ENDO, Paulo Cesar. **A violência no coração da cidade**: um estudo psicanalítico. São Paulo: Ed. Escuta-FAPESP, 2005, pp.146-147.

trabalhos de Freud —“Estudos sobre a histeria”¹⁶⁶ e “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”¹⁶⁷, dos quais são extraídas perguntas de como abordar psicanaliticamente os fenômenos da agressividade, crueldade, dominação e violência humanas.

Para o autor citado na parte três dos “Estudos sobre a histeria”, escrita por Breuer (1895)¹⁶⁸, descreve-se um instinto (instink) agressivo (no macho) que seria pacificado a partir da liberação motora do ato sexual. Essa associação inerente e natural entre agressividade e sexualidade marca a inegável influência da segunda sobre a primeira, como também marcará as desavenças entre ambas.

Num segundo momento, nesse mesmo ensaio, diz que Breuer fala numa pulsão agressiva “sem mistura”, presente nos homens jovens, ratificando conceitualmente a associação entre agressão e sexualidade. Essa associação inevitável, a ponto de aparecer claramente sob a pena de *Breuer*, retornará pela porta da frente dez anos mais tarde no momento da publicação de “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905). Ali, os termos sadismo e masoquismo, introduzidos pelo sexólogo *Kraft-Ebing*, adquirem estatuto conceitual no pensamento freudiano.

Uma outra orientação que se impõe para estudar o adoecer é a idéia freudiana da pulsão de morte, cuja complexidade e mistérios nos desafia, quer porque, segundo Freud, no que concerne as religiões, não haveria saída para a morte, uma vez que, segundo ele, são sistemas criados pelo homem, ou mitos que nos levam a buscar vida eterna e imortalidade, desejos de homens imperfeitos.

Laplanche confirma que “se a vida, apesar dessas ressalvas, está presente, materialmente, nas fronteiras da psique, a entrada em cena da morte no freudismo é muito mais enigmática. De início, como todas as modalidades do negativo, ela é radicalmente excluída do campo do inconsciente¹⁶⁹. Mais tarde, em 1920, eis que ela aparece no centro do sistema como uma das duas forças fundamentais e talvez mesmo da matéria.

A questão da morte, segundo ele, passa a ser “alma do conflito, discórdia elementar, de agora em diante ocupando o primeiro plano das formulações nas

¹⁶⁶ FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

¹⁶⁷ FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII.

¹⁶⁸ BREUER. 1895.

¹⁶⁹ LAPLANCHE, Jean. **Vida e Morte em Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1985, p.13-14.

teóricas de Freud, no entanto, ela não deixa de ser uma personagem muda quase o tempo todo, na clínica, onde Freud mantém até o fim a mais estreita reserva, em relação às reflexões que, quase naturalmente, sua conceituação nova parecia dever introduzir: as incidências da angústia de morte ou de um desejo originário de morrer, na psicopatologia clínica, na psicopatologia analítica, nunca ocuparão essa posição de “rochedo” irredutível que é atribuída, por excelência, ao complexo de castração”.

O exame ou o ingresso da questão da morte como fruto na questão do adoecer, no entanto, ultrapassa os limites médicos, psiquiátricos, psicanalíticos, adentrando a metafísica e a religião, cujo exame levaria a um aprofundamento impossível para os objetivos do presente estudo.

Registram-se, no entanto, doutrinas sobre o assunto: a doutrina teológica do afastamento de Adão e Eva do paraíso, a doutrina do pecado original, a doutrina de que foi com o pecado que a morte ingressou no mundo, ou então a doutrina que exsurge nos Salmos: *“enviou sua palavra para curá-los, e da cova preservar sua vida”*¹⁷⁰.

Rohden, por sua vez, parte da pressuposição de que sem um “permanente e sempre renovado contato entre o corpo individual e as energias do Universo não há vida nem saúde”, e que “vida e saúde são permanente contato entre o ser individual e o Ser Universal”¹⁷¹. Ele afirma que “saúde quer dizer integração do indivíduo no Todo. Doença é integração deficiente do indivíduo no Todo. Morte é falta de integração, ou seja, separação mortífera”¹⁷², afirmação que parece encontrar apoio em afirmações bíblicas: (1) a árvore que não der frutos será cortada; (2) e da parábola dos ramos da oliveira. Para Bailey:

La enfermedad es el producto de tres influencias, y está sujeta a ellas. Primero, el pasado del hombre, en que paga el precio de antiguos errores; segundo, sua herencia, donde comparte com todo el género humano, esas contaminadas corrientes de energias de origen grupal; tercero, su participación, com todas las formas naturales, de aquello que el Señor de La Vida impone a Su cuerpo. Estas tres influencias son denominadas “La antigua Ley de Participación del Mal”. Algún dia ésta debe ceder su lugar a la nueva “Ley del Antiguo y Predominante Bien” que reside detrás de todo lo que Diós há creado. Esta ley deve ser puesta em vigência por la voluntad espiritual del hombre¹⁷³

¹⁷⁰ BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. **Salmos**. Cap.107, vers. 20. CPAD Estados Unidos. Casa Publicadora das Assembléias de Deus. 1996.

¹⁷¹ ROHDEN, Huberto. **Ciência, Milagre e oração são compatíveis?** São Paulo: União Cultural.[s.l:s.n], [19--].

¹⁷² Ibid.

¹⁷³ BAILEY, Alice. op. cit. p. 32

Deve-se, no entanto, evitar o risco de buscar explicações em idealizações, doutrinas ou informações não que não aceitas pela comunidade científica, ou mesmo em construções do que seja ideal sobre saúde, afastadas do homem comum que não se encontra integrado no todo e que nem sequer tem ideia do que sejam as energias do Universo, mas procurar as explicações para o homem que se encontra só e se vê separado do todo, dos outros e da natureza, do homem envolvido na neurose, perversão e psicose, do homem envolto numa batalha diária, ou mesmo na batalha mítica entre bem e mal, que não reconhece que a causa deste mundo não é nossa, ou do homem que não reconhece ou aceita que há um poder superior que tudo move e que não se dobra à sua vontade.

Deve-se caminhar com o homem comum, sujeito às doenças e à mortalidade, o homem povoado por desejos, pressões, tensões, frustrações, cansaço, tédio, que tropeça nos próprios pés, ou tropeça nos outros ou os faz tropeçar, e que procura fugir da dor, do sofrimento, retardar o momento da morte, ou, como afirma Nosec, “homens cujos modos de solução configuram o nosso “jeito”, numa sociedade virtual plena de fantasmas, que tende a ser o modo como faremos face aos novos momentos que temos diante de nós”.

É para esse homem comum que vive entre o normal e patológico que a ciência procura entendimento e soluções. Erich Fromm¹⁷⁴ indaga se uma sociedade pode estar enferma e sobre a patologia da normalidade, respondendo que se trata de um relativismo sociológico dizer que uma sociedade carece de saúde mental porque implica uma discutida premissa contrária ao relativismo sociológico, uma vez que os sociólogos defendem que uma sociedade é normal enquanto funciona, e que a patologia só pode ser definida em termos de falta de ajustamento do indivíduo ao estilo de vida da sociedade. Para ele, contudo, há uma diferença entre doença mental individual e doença mental social, o que por sua vez sugere uma diferenciação entre o conceito de defeito e o de neurose, assim como menciona a existência de defeitos socialmente modelados.

O “Compêndio de Psiquiatria” de Kaplan et al¹⁷⁵, estabelece que na psiquiatria a saúde mental e normalidade eram originariamente definidas como o oposto da doença mental, sendo a ausência de uma psicopatologia grosseira

¹⁷⁴ FROMM, Erich. **Psicanálise da Sociedade Contemporânea**.

¹⁷⁵ KAPLAN, Harold; SADOCK, Benjamin J.; GREBB Jack A. **Compêndio de Psiquiatria**. São Paulo: Artmed

frequentemente identificada como um comportamento normal, mas várias tendências recentes lançaram dúvidas sobre a praticidade dessa formulação.

Para eles, os conceitos teóricos e clínicos de normalidade parecem encaixar-se em quatro perspectivas funcionais e, embora cada uma seja singular, findam por encaixar-se e por representar a totalidade dos enfoques das ciências comportamentais e sociais para a normalidade. São elas:

- a) **Normalidade como saúde** – decorre de um enfoque médico psiquátrico que iguala normalidade com saúde. O comportamento supostamente situa-se dentro dos limites normais quando nenhuma psicopatologia manifesta está presente. É uma visão que está próxima do modelo médico tradicional;
- b) **Normalidade como utopia** concebe a normalidade como uma mescla harmoniosa e ótima dos diversos elementos do aparato mental, culminando em um funcionamento ótimo;
- c) **Normalidade como média** baseia-se em princípios matemáticos, em princípios estatísticos, encarando a faixa intermediária do *continuum* como normal e ambos os extremos como desvios do normal. O enfoque baseado no princípio estatístico descreve cada pessoa em termos de uma avaliação geral e um escore geral;
- d) Por fim, a **normalidade como processo** enfatiza que o comportamento normal é o resultado final de sistemas que interagem entre si, enfim, um enfoque que salienta as mudanças ou processos.

Menciona o compêndio, ainda, o aumento de esforços para o desenvolvimento de pesquisas empíricas na área de normalidade para ligarem normalidade e processo social, referindo aos psicanalistas que estão interessados em elucidar as vicissitudes da psicopatologia normal da vida cotidiana, pela adaptação normal ao ambiente social. Kaplan traz também no compêndio vários conceitos psicanalíticos de normalidade, transcritos abaixo:

Freud – normalidade como ficção ideal;

Kurt Eisler – a normalidade absoluta não pode ser atingida, porque a pessoa normal deve estar plenamente consciente de seus pensamentos e sentimentos;

Melanie Klein – A normalidade caracteriza-se por força do caráter, capacidade de lidar com emoções conflitantes, capacidade de sentir prazer sem conflitos e capacidade de amar;

Erik Erikson – Normalidade é a capacidade de dominar os períodos da vida: confiança contra desconfiança, autonomia contra dúvida; iniciativa contra culpa; produtividade contra inferioridade; identidade contra

confusão de papéis, intimidade contra isolamento, generatividade contra estagnação e integridade do ego contra desespero;

Laurence Kubie – Normalidade é a capacidade de aprender pela experiência, de ser flexível e se adaptar a um ambiente mutável;

Heinz Hartman – Funções egoicas livres de conflitos representam o potencial da pessoa para a normalidade, o grau em que o ego consegue adaptar-se à realidade e ser autônomo está relacionado à saúde mental;

Karl Meninger – A normalidade é capacidade de se ajustar ao mundo externo com satisfação e de dominar a tarefa da aculturação;

Alfred Adler – A capacidade da pessoa para desenvolver o sentimento social e ser produtiva está relacionada com a saúde mental, a capacidade para trabalhar aumenta a autoestima e torna o indivíduo capaz de se adaptar;

R.E. Money-Kryle – Normalidade é a capacidade alcançar *insight* acerca de si mesmo, o que jamais é completamente realizado;

Otto Rank – Normalidade é a capacidade de viver sem medo, culpa ou ansiedade, e assumir responsabilidade pelas próprias ações”;

Segundo afirma Kelman, na introdução ao livro intitulado “Psicologia Feminina” (1991), Karen Horney “via doença no conflito entre as forças espontâneas do crescimento e as perversões destas energias saudáveis”, assim como diz que para ela a psicanálise pode libertar um ser humano que está de pés e mãos atadas. Não lhe pode dar novos braços ou pernas, mas nos tem mostrado, entretanto, que muito daquilo que considerávamos meramente constitucional representa um bloqueio do crescimento, bloqueio que pode ser suspenso. Para ela a constituição não era algo fixo e imutável no decorrer da vida, mas representava possibilidades plásticas a serem modeladas pelas interações de organismo e ambiente. Ela adota um conceito holístico de bloqueio em contraste com a noção mecanicista de resistência de Freud.

Na psicanálise, a cura é mais complexa e não tem o mesmo objetivo e significado da cura médica. Pode ser o de se tratar, o de cuidar, o de alcançar um ponto razoável de completude. A cura na psicanálise, no dizer de Herman¹⁷⁶ visa ao curar da cura.

Roudinesco vai buscar em Georges Canguilhem, filósofo francês, a distinção entre normalidade e patologia:

Os fenômenos patológicos são idênticos aos fenômenos normais, exceto quanto às variações quantitativas”. Nenhuma cura, dizia Canguilhem, “é retorno à inocência biológica. Curar é propiciar-se novas normas de vida, às vezes superiores às antigas”. Goldstein, psiquiatra e neurologista, formado nos campos de batalha da hecatombe de 1914-18, que cuidara de lesões no cérebro e constatara que a instauração de novas normas de vida, suponha nesses indivíduos uma redução do nível de atividade em um ambiente novo, mas “estreitado.”¹⁷⁷

¹⁷⁶ HERMAN. *Clínica psicanalítica a arte da interpretação*, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.p.179.

¹⁷⁷ ROUDINESCO, op. cit. 35

Para ela a doença é um abalo, uma colocação em risco da existência pela qual o organismo reage de maneira catastrófica em um ambiente que lhe é próprio. Vê ela, ainda, a relação entre o normal e o patológico e processos culturais quando afirma:

Mas existem muitas outras situações em que a violência do mundo pode fazer emergir, na consciência de um clínico ou de um cientista, sob o risco de morte, um outro olhar sobre o normal e o patológico [...] Cumpria pensar conjuntamente o normal e o patológico a fim de estabelecer o primado de uma subjetividade, isto é, de uma existência que reagisse diante de um ambiente.

[...]

As modificações quantitativas do estado normal, assim como modificações culturais, têm provocado mudanças nos conceitos e na elaboração clínica e nosográfica. Strauss afirma que “a história da psiquiatria está marcada, entre o fim do século XIX e o primeiro terço do século XX, por uma extraordinária riqueza na elaboração clínica e nosográfica. De Kraepelin a Clérambult, para citar apenas duas balizas essenciais, as grandes entidades são definidas em classificações até hoje acatadas por sua autoridade. A psicanálise, Freud mais particularmente, tem nisso uma parte, ao menos para os tipos clínicos das neuroses. Falta acrescentar aí o interesse pela criança, que fecha esse capítulo, antes que se abra, após a Segunda Guerra Mundial. O das grandes descobertas quimioterapêuticas, que parecem confirmar as clivagens nosográficas: tranquilizantes, antidepressivos, lítio, enfim, encontram aí suas indicações respectivas, ao mesmo tempo que perdem um pouco de seu interesse os esforços para uma diferenciação mais sutil.

Continuamente, as correntes sócio e psicogenéticas, se desenvolvem embotando sempre mais “o envoltório formal do sintoma”. A antipsiquiatria é o ponto de suspensão dessas correntes. Recusando qualquer saber objetivo sobre o outro, ela condena a iniciativa diagnóstica que redobraría a alienação do sujeito, e promove um encontro com o doente fora de toda orientação prévia.

A psicanálise, por sua vez, continua enredada nesses debates, sem por isso, quando tenta distinguir-se, fazer ouvir opinião menos dissonante. Desinteresse pela psicose na corrente majoritária da IPA, desmentido de uma diferença estrutural entre neurose e psicose para os kleinianos, reelaboração estrutural dessa diferença para J. Lacan são essas suas posições essenciais.

Roudinesco ainda interroga sobre o estado atual dos estudos:¹⁷⁸

Em que pé estamos hoje? — agora, quando as correntes psicogenéticas e humanistas perderam seus mais eminentes representantes, quando os biólogos aliados aos estatísticos nos prometem o progresso, quando se multiplicam as práticas corretivas com fundamentos divergentes?¹⁷⁹ Na França, logo depois da Revolução, e em benefício da invenção da clínica médica, oriunda do “avental” de Xavier Bichat, é que nascem os novos códigos do saber reguladores das relações entre a doença e o sujeito doente. Este último torna-se um “caso”, no qual se inscreve o universal da doença, enquanto o sintoma passa a ser um elemento significativo que permite a construção de vastas nosologias (sistemas de classificação das doenças) e poderosos programas contra a angústia e o mal-estar. Daí advém uma consciência médica, prognóstica, normativa, coletiva, fundada

¹⁷⁸ ROUDINESCO, Elizabeth. **O paciente, o terapeuta e o Estado**: São Paulo: Jorge Zahar, 2005. p.19.

¹⁷⁹ Ibid.

no higienismo, que progressivamente suprime a noção de doença vivida pelo sujeito e enviada por Deus. Aparece então a vontade estatal de medicalização da Cidade. A saúde deixa de ser definida como um estado antagônico ao da doença, e ambos os termos desaparecem progressivamente do discurso médico para dar lugar a uma representação do sujeito, do corpo e da sociedade centrada na alternância entre norma e patologia¹⁸⁰.

Roudinesco, em outra literatura,¹⁸¹ mostra que Canguilhem soube ver que Foucault, graças à leitura da obra freudiana, percebera quando e como a psiquiatria abandonara as plagas da faliantropia para se tornar uma polícia de loucos, assim como mostra que:

Para compreender a proliferação das novas síndromes pelas quais se manifesta o sofrimento psíquico contemporâneo, é preciso estudar a evolução do famoso Manual Diagnóstico e Estatístico dos Distúrbios Mentais (DSM) cuja primeira versão DSM I foi elaborado pela American Psychiatric Association (APA) em 1952. Nessa data, o Manual dava conta das conquistas da psicanálise e da psiquiatria dinâmica. Defendia a idéia de que os distúrbios mentais e psíquicos resultavam, no essencial da história inconsciente do sujeito, de seu lugar na família e de sua relação com o ambiente social. Em outras palavras, misturava uma tríplice abordagem: **a cultural (ou o social), a existencial e a patológica, correlata a uma norma**. Nessa perspectiva, a noção de causalidade orgânica não era negligenciada e a farmacologia em plena expansão, era utilizada em associação com o tratamento pela palavra. Mas à medida que se desenvolveu uma abordagem liberal dos tratamentos, que submetia a clínica a um critério de rentabilidade, as teses freudianas foram julgadas “inefazes” no plano terapêutico: o tratamento, dizia-se, era muito longo e caro demais. Sem contar que seus resultados não eram mensuráveis, uma vez que, ao se interrogar um sujeito passado pelo divã, este respondia em geral que havia sido “transformado” por sua experiência, mas não “curado”¹⁸².

A referida autora ressalta também que:

A partir de 1952, o Manual foi revisado várias vezes pela APA no sentido de um abandono radical da síntese efetuada pela psiquiatria dinâmica. Calçado no modelo sinal-diagnóstico-tratamento, **ele acaba eliminando a própria subjetividade de suas classificações**.

Quatro revisões ocorreram em 1968 (DSM II), em 1980 (DSM III), em 1987 (DSM III-R), em 1994 (DSM IV). O resultado dessa progressiva operação de limpeza, dita “a-teórica”, foi um desastre. **Ela visava fundamentalmente a demonstrar que o distúrbio da alma e do psiquismo devia ser reduzido ao equivalente a uma pane no motor**. Daí a elaboração de toda terminologia elaborada pela psiquiatria e a psicanálise.

Os conceitos (psicose, neurose, perversão) foram substituídos pela noção frouxa de “distúrbios” (disorder = desordem) e as entidades clínicas abandonadas em benefício de uma caracterização sintomática dessas famosas desordens. A histeria foi então reassimilada a um distúrbio dissociativo – podendo ser tratada como um sintoma depressivo –, e a esquizofrenia assimilada a uma perturbação do curso do pensamento, etc.

¹⁸⁰ Ibid.

¹⁸¹ Id. **Filósofos na Tormenta**, São Paulo: Jorge Zahar, 2005, pp. 44-45.

¹⁸² ROUDINESCO. **Filósofos na Tormenta**, São Paulo: Jorge Zahar, 2005 p. 44-45.

Também acrescenta:

Ao procurar, por outro lado, evitar qualquer polêmica com os pacientes, **as diferentes versões do DSM acabaram por abolir a idéia de doença**. O vocábulo “**distúrbio mental**” serviu para evitar a inferiorização de um paciente que, embora designado como doente, corria o risco de pedir uma reparação narcísica ao utilizador do DSM, até mesmo de promover processos judiciais contra ele. Na mesma perspectiva, substituiu-se o adjetivo “alcoólatra” por “dependente do álcool” e preferiu-se eliminar a noção de “esquizofrenia” em benefício do qualificativo “acometido por distúrbios que remetem a uma perturbação de tipo esquizofrênico”.

Também afirma que, atualmente, os princípios enunciados no Manual constituem autoridade de uma ponta a outra do planeta, embora sejam regularmente atacados por sua estupidez na imprensa americana. Depois de terem sido adotados pela Organização Mundial de Psiquiatria (WPA), o foram pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Com efeito, na segunda revisão de sua classificação das doenças (CID-10), no capítulo F, a OMS definiu os distúrbios mentais e do comportamento segundo os mesmos critérios que o DSM-IV”.¹⁸⁴

Ela considera também que essa evolução da classificação esteve na origem das epidemias de novas síndromes que tinham como denominador comum a formidável expansão de uma cultura do narcisismo.

No que diz respeito à questão da sexualidade e sua relação com o adoecer e sofrimento, cabe uma rápida referência a questão da violência sexual.

Michelin et al. esclarecem:

Em sentido amplo, a violência sexual pode ser definida como qualquer forma de atividade sexual não consentida. É um fenômeno de caráter universal que atinge indistintamente todas as classes sociais, etnias, religiões e culturas. Ocorre em populações de diferentes níveis de desenvolvimento social e econômico, em espaços públicos ou dentro dos lares. Embora possa atingir tanto mulheres quanto homens, em qualquer etapa de suas vidas, os dados acerca deste tipo de violência mostram que as principais vítimas são mulheres jovens e crianças. Pelos danos que acarreta e pelos altos índices de reincidência que a caracterizam, representa um sério problema de segurança e saúde públicas em todo o mundo. Sua conceituação legal varia de acordo com o país, embora a maioria das definições inclua o uso da força física ou intimidação, o contato sexual e o não-consentimento da vítima. Estima-se que 12 milhões de pessoas no mundo sofram de alguma forma de violência sexual a cada ano.¹⁸⁵

Continuam esclarecendo:

A violência sexual é uma importante causa de morbidade e mortalidade, tendo um enorme impacto sobre a saúde física e mental de suas vítimas.

¹⁸³ Id. **A análise e o arquivo**, p.62- 65,

¹⁸⁴ Ibid.

¹⁸⁵ MICHELIN, Kátia, PACHECO, Ana Cláudia, BITTENCOURT, Eloisa Auler, LIMA, Maria Jenny Mitraud; ALBUQUERQUE Trícia Kommers. Banco de dados de perfis genéticos no combate aos crimes sexuais. **Revista Perícia Federal**, Brasília, DF, n 26, p. 13 e 14, jun.2007 a mar. 2008.

As agressões sofridas comprometem sua vida pessoal, profissional e afetiva, resultando em sequelas físicas e psicológicas como gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, depressão, tendências suicidas, anorexia nervosa. Entre crianças e adolescentes, a violência se reflete em maior propensão da vítima prostituir-se ou tornar-se usuária de drogas.

Os dados oficiais publicados pela SENASP em 2006 contabilizam 13.372 casos de violência sexual em 2004 (7.601 estupros e 5771 atentados violentos ao pudor) e 15.842 casos em 2005 (8.520 estupros e 7.322 atentados violentos ao pudor). Esses números, no entanto, restringem-se aos casos notificados através de ocorrências registradas pelas Polícias Civis no Brasil, sendo certamente subestimados. No Brasil, acredita-se que menos de 10% dos casos cheguem às delegacias.[...] Outra característica marcante desse tipo de crime é a reincidência. Criminosos sexuais costumam cometer o mesmo crime ou similar, afetando múltiplas vítimas. A natureza, gravidade e frequência dos crimes frequentemente aumentam. Um estudo americano realizado com estupradores e molestadores de crianças mostrou que cada agressor comete, em média, oito crimes, e que 67% destes criminosos já haviam cometido mais de uma agressão.¹⁸⁶

O mal-estar e a perda de rumo parecem ter se instalado na psiquiatria e na psicologia, áreas nas quais, segundo Roudinesco:

A ideologia da avaliação levou a um verdadeiro desastre tanto no plano clínico como do ponto de vista do ensino das próprias disciplinas. Para reduzir os custos e melhor delinear os “perfis” patológicos dos pacientes, os avaliadores aplicaram aos doentes mentais critérios idênticos aos que permitem agrupar especialidades médicas em um mesmo setor hospitalar.¹⁸⁷

A autora acima citada prossegue dizendo que,

“como consequência, os pacientes não são mais tratados caso a caso, ou segundo a singularidade de sua história, mas, enquanto pertencentes a grupos homogêneos de doentes, são definidos em função de critérios comportamentais e psicofarmacológicos: a cada comportamento corresponde um medicamento; a cada patologia, um certo número de atos; a cada hospital, um tipo de patologia. Os doentes são recenseados por meio de “fichas” que visam registrar todas as suas atividades, bem como definir o número de providências – ambulatoriais, hospitalares ou extra-hospitalares – tomadas pela psiquiatria, o qual não deixa de levar em conta, em sua auto-avaliação, o tempo gasto na apresentação telefônica de um caso. A ficha serve, em seguida, de base para o relatório de atividade anual enviado à Direção Geral da Saúde (DGS), que pode servir para fins estatísticos.

Obrigados a um trabalho administrativo cada vez mais pesado, a multiplicar os cálculos e as avaliações, a proceder às famosas perícias destinadas a classificar os pacientes em função de um sistema de vigilância ao mesmo tempo “jargonesco” e incoerente, os psiquiatras tornaram-se, em alguns anos, gestores de uma empresa em processo de falência – e não os clínicos modernos de uma abordagem dinâmica da loucura, como alguns nos queriam fazer acreditar. Assim, transferiram suas competências para os enfermeiros ou psicólogos que se ocupam do psiquismo do paciente. Nume relatório patrocinado por Jean-François Mattei — grande protetor da psicanálise—, e reivindicando uma

¹⁸⁶ ROUDINESCO, Elizabeth. **O paciente, o terapeuta e o Estado**: São Paulo: Jorge Zahar, 2005.

¹⁸⁷ Ibid.

medicalização mais intensa, na França, do fato psíquico, diversos psiquiatras avaliadores anunciaram o desaparecimento para 2020, da disciplina psiquiátrica¹⁸⁸.

A mesma autora revela os reflexos que estão ocorrendo no campo da psiquiatria:

Os psiquiatras são, entre os médicos, aqueles cuja média de idade é mais elevada. Em 2012, uma diminuição de 12% do número de psiquiatras é quase inelutável ao se considerar as escolhas já operadas e um prazo mínimo de onze anos antes que elas se materializem. Conservando-se um número de 176 diplomas de estudos especializados (DES) em psiquiatria, a diminuição do número de psiquiatras seria de cerca de 40% (- 5.398) no horizonte de 2020, quanto restariam apenas 7.856 psiquiatras. Essa diminuição significativa do número de especialistas compromete a realização de missões que preconizamos para a psiquiatria. Foi esse relatório que serviu como ponto de apoio para a elaboração das emendas de Bernard Accoyer e, sobretudo, de Jean-François Mattei de que tratamos no cap. I. Para remediar o inevitável declínio de uma psiquiatria desertada pelos estudantes mais brilhantes, que agora se orientam para outras especialidades, os autores dos relatórios propõem a criação de um status de psiquiatria coordenador, o qual teria como missão avaliar, vigiar, periciar todos os terapeutas da psique não diplomados em psicologia ou em psiquiatria, a fim de impedi-los de “prejudicar” os pacientes¹⁸⁹.

Diz ela, ainda, que “preconizam considerar como “científicas – e, portanto, a prazo, deixar a cargo do seguro de saúde — somente as psicoterapias devidamente periciadas e praticadas, a princípio por psiquiatras ou, na falta destes, por psicólogos. Foi, portanto em nome dessa ideologia da pericia que os psicoterapeutas não diplomados foram condenados por um ministro benevolente — que ignora o número deles — a se inscrever em listas a fim de serem avaliados por júris compostos por psiquiatras e psicólogos inaptos a julgá-los, mas que não sabem absolutamente com o que estão lidando. Assim, pensa-se estar protegendo os “usuários” de uma dominação de seitas no exato momento em que, como já destaquei, o fenômeno está em retrocesso na França.

Partindo-se desse entendimento, a autora esclarece que:

Diante das psicoterapias e das novas terapias, cujo desdobramento tentei descrever, as terapias cognitivo-comportamentais (TCC), completamente desconhecidas por parte dos pacientes, são, portanto, as únicas a serem vistas como “científicas” pelos psiquiatras hostis à psicanálise, pelos psicólogos cognitivistas, globalistas ou experimentalistas, com diplomas reconhecidos pelo Estado, e finalmente — mais grave ainda — pelo seriíssimo Institut National de la Santé et de la Recherche do comportamento e da cognição, essas terapias consistem numa mistura do método Coué, educação corporal e técnicas de persuasão e de condicionamento das consciências. Longe de quererem emancipar o sujeito, elas propõem na verdade um protocolo terapêutico cifrado,

¹⁸⁸ Ibid.

¹⁸⁹ Ibid. p.19.

espécie de contrato, projeto de vida ou de reeducação do pensamento, ao fim do qual, em um número de sessões bem definidas, o paciente, claramente informado por seu terapeuta, deve aprender, caso seja fóbico, a se curar de sua fobia assistindo a filmes de terror, caso anorético, comendo pouco e em pequenas quantidades, caso ansioso, dominando sua angústia e tornando-se sensato, e, caso esquizofrênico, não sendo mais louco e raciocinando corretamente. Entregue a tais procedimentos, conhecidos como “modelos básicos”, deverá atravessar diversas etapas antes de ter acesso à cura definitiva: *shaping*, *modeling*, *fading*, extinção, autodessensibilização, programa *token-economy*, aprendizagem por fuga, evitamento e punição, etc. Ousamos dizê-lo: essas “terapias” têm mais a ver com as técnicas de dominação impostas pelas ditaduras ou seitas do que com terapias dignas desse nome. Assim, podemos nos felicitar por irritarem as pessoas.

Refere, ainda, a uma “perícia coletiva”, tornada pública em 26 de fevereiro de 2004, patrocinada inicialmente por Bernard Kouchyner e depois por William Dab, diretor geral da saúde, diversos pesquisados do Inserm, que não hesitam em destacar que conseguiram fornecer a prova da superioridade dessas terapias sobre as outras e, principalmente, sobre todas as abordagens psicodinâmicas, entre as quais a pior de todas: a psicanálise. Por fim acrescenta:

Quando sabemos que esses “peritos” do Inserm são, eles próprios, adeptos dessas terapias cognitivo-comportamentais, deturpadores da psicanálise e da abordagem psicodinâmica ou fanáticos pela perícia generalizada em matéria de saúde pública, perguntamos em que consiste sua competência como avaliadores. Podem eles julgar com absoluta objetividade os métodos que são os seus e outros métodos de que são, por sinal, ferozes adversários? O que diríamos se o estado tivesse confiado aos membros mais ortodoxos das sociedades psicanalíticas a tarefa de avaliar os tratamentos dispensados pelos membros de suas próprias escolas?¹⁹⁰

¹⁹⁰ Ibid. p.92/97.

5 O INDIVIDUALISMO NA PSICOLOGIA

Uma outra dificuldade para estudar o adoecer coletivo na sua relação com a psicanálise, decorre da prática do individualismo na psicologia.

Registram Virginia Moreira e Tod Sloan¹⁹¹ que a psicologia científica moderna emerge no século XIX praticando uma forma de individualismo que é oriunda da junção de racionalismo, empirismo e materialismo, considerando a pessoa como autônoma, autocontida, isolada e desconectada da história, dos processos sociais, excluindo a cultura como um elemento constitutivo da psique.

Mostram¹⁹², ainda, que os psicólogos lutam obstinadamente para apresentar sua disciplina como científica, livre de valores, não afetada por nenhum preconceito que tenha origem na história ou fatos sociais, além de citarem Power, Dalglesh que ponderam:

Teorias individualistas organizam análises conceituais em torno dos processos e estruturas do indivíduo ou entre uma estrutura individual pré-concebida e o ambiente social imediato (por exemplo, família, pares). *Se a cultura, ou a sociedade, é considerada de alguma forma, é levada em conta somente em um segundo momento, adicionada como uma categoria variável, que interage mecanicamente ou como uma influência mediadora, juntamente com o gênero, a idade e o status socioeconômico.* A maioria das abordagens teóricas contemporâneas (psicanálise, teoria piagetiana, psicologia social cognitiva, teoria da personalidade humanista-existencial e sentimentos) no momento tem começado a construir um breve reconhecimento da importância de considerar as forças ou fatores socioculturais, além dos individuais de análise, apesar de existirem notórias exceções.¹⁹³

A maioria das práticas psicológicas, inclusive aconselhamento individual, psicoterapia, tratamento psicofarmacológico, focaliza-se em produzir mudança no plano individual porque o indivíduo é definido, graças ao individualismo, como o detentor do problema. Por sua vez, os métodos individualistas de investigação avaliam principalmente as relações entre variáveis ou características no plano individual, considerando as percepções do indivíduo, julgamentos, atitudes, narrativas e padrões de ação e comparam aqueles de outros indivíduos sem considerar os contextos da vida histórica, social e cultural dos quais todos aqueles derivam seus significados.

¹⁹¹ MOREIRA, Virginia; SLOAN, Tod. op. cit. p. 19-20.

¹⁹² Ibid. p. 22

¹⁹³ POWER; DALGLESH apud MOREIRA, Virginia; Sloan, Tod. **Personalidade, ideologia e psicopatologia crítica**. São Paulo: Escuta, 2002. p. 135.

Com a constituição da psicanálise com Freud, sobretudo a constituição de uma prática que possibilita o acesso ao inconsciente, ocorre uma nova mudança no modelo, tendo a psicanálise avançado no estudo das relações entre o individual e social. Com Jung, sua cisão com a psicanálise e suas teorias sobre o inconsciente coletivo e, posteriormente, com Jacques Lacan, ao mostrar o inconsciente estruturado como linguagem, ocorrem novas rupturas, desta feita dentro da própria psicanálise.

Ocorre que uma visão individualista não abre espaço para examinar o adoecer coletivo, até mesmo porque uma classificação nosográfica, um diagnóstico, é um processo cujo objetivo é o discernimento e o reconhecimento de uma determinada doença, supondo a existência de doenças nitidamente definidas no indivíduo e não na sociedade ou no corpo social.

Na medicina o processo segue a seguinte progressão histórica:

1. Num primeiro momento a entidade mórbida emerge sob a forma de um quadro descritivo, resultante da observação clínica;
2. Num segundo estágio, um substrato anatômico lhe é reconhecido;
3. A descoberta do agente etiológico ocorre num terceiro momento, ficando a entidade nosográfica perfeitamente delimitada quando os três aspectos ocorrem.

No adoecer coletivo, não podemos operar da mesma maneira como fazemos com a individualidade, muito menos podemos valer-nos dos quadros nosográficos vigentes, obrigando-nos a uma abordagem diferente e a estabelecer linhas gerais de estudo que sirvam de orientação para delimitação do tema.

Uma das orientações pode ser encontrada em Jung nos seus Fundamentos da Psicologia Analítica: as conferências de Tavistock”, quando expõe:¹⁹⁴

A nossa psicologia individual não passa de uma pele bem fina, uma pequena onda sobre um oceano da psicologia coletiva. O fator poderoso, aquele que muda nossa vida por completo, que muda a superfície do mundo conhecido, que faz a história, **é a psicologia coletiva que se move de acordo com leis totalmente diferentes daquelas que regem nossa consciência.** Os arquétipos são a grande força decisiva e produzem fatos e não os nossos raciocínios pessoais e a nossa inteligência prática. Antes da Grande Guerra todas as pessoas inteligentes diziam: Não poderemos ter mais guerras; o raciocínio humano desenvolveu-se demais para que as coisas assim ainda possam

¹⁹⁴ JUNG. Carl Gustav. Fundamentos da Psicologia Analítica: as conferências de Tavistock”, Rio de Janeiro: Vozes p. 207, 1972.

acontecer, e nosso comércio e finanças estão tão entrelaçados internacionalmente que uma guerra está completamente fora de cogitações. E aí fizemos a mais espalhafatosa guerra que já se viu. E agora já recomeçam com essas conversas de domínio da razão e planos de paz e mais outras coisas assim; tornam-se cegos, agarrando-se a um otimismo infantil – e vejam os resultados! Está evidentemente claro que as imagens arquetípicas decidem o destino do homem. O que decide é a psicologia inconsciente do homem e não aquilo que pensamos e discutimos em câmara cerebral, lá no sótão da casa.¹⁹⁵

O mesmo Jung (*O Eu e o Inconsciente* (1978), também afirma:

A personalidade consciente parece-nos um segmento mais ou menos arbitrário da psique coletiva. Ela resulta do desconhecimento *a priori* de fatores humanos fundamentais, da repressão mais ou menos involuntária de uma série de elementos psíquicos e característicos que poderiam ser conscientes, e cuja finalidade é estabelecer aquele segmento da psique coletiva a que demos o nome de persona. A palavra persona é realmente uma expressão muito apropriada, porquanto designava originalmente a máscara usada pelo ator, assinalando o papel que este ia desempenhar na peça. Se tentarmos estabelecer uma distinção exata entre o material psíquico consciente e inconsciente, logo nos encontraremos diante do maior dilema: no fundo teremos de admitir que as afirmações acerca do inconsciente impessoal são coletivas. Acontece, porém, que a persona, sendo um recorte mais ou menos arbitrário e acidental da psique coletiva, cometeríamos um erro se a considerássemos *in totum* como algo individual. Como seu nome revela, ela é uma simples máscara da psique coletiva, máscara que aparenta uma individualidade, procurando convencer os outros e a si mesma que é individual, quando na realidade não passa de um papel ou desempenho através do qual fala a psique coletiva.¹⁹⁶

Embora Jung seja rejeitado pela maioria das escolas de psicanálise e não seja considerado psicanalista, embora Freud mencione a existência da Escola de Zurich, a psicanálise continua a centrar suas preocupações e atividades na clínica individual, desenvolve suas atenções para a psicopatologia da vida cotidiana, e, ainda, para os pequenos grupos, no que é chamado psicanálise dos grupos ou grupoterapia, e somente de forma secundária preocupa-se com psicologia das massas, psicanálise e processo social, mas sem estudos sistemáticos sobre o adoecer coletivo, sem dar maior importância ao fato de que a contraposição pulsão de vida (EROS) e pulsão de morte (TÃNATO) obriga a psicanálise a avançar suas pesquisas numa direção que leva ao afastamento do que é propriamente individual, e a se aproximar da filosofia das diferenças, da alteridade, do outro, e a manter relações com outros ramos de conhecimento.

Para estudar o adoecer coletivo, um outro obstáculo se coloca: o que devemos entender por cura e adoecer no plano coletivo, uma vez que a psicanálise,

¹⁹⁵ Id. JUNG. Carl Gustav. **Fundamentos da Psicologia Analítica: as conferências de Tavistock**, Rio de Janeiro: Vozes p. 207, 1972.

¹⁹⁶ Id. **O Eu e o Inconsciente**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978, pp. 133-134.

no que se refere ao conceito de cura analítica, consoante ensina Zimerman nos seus Fundamentos Básicos das Grupoterapias, vem mudando sistematicamente de critério visto que os analistas pioneiros preconizavam tão-somente. Diz ele:

A passagem do sintoma para a transferência, daí para a neurose de transferência, a qual servia uma ponte para a neurose infantil, com uma “pretensão terapêutica restrita, tanto que o próprio Freud postulava que o máximo que a psicanálise poderia pretender seria tornar consciente aquilo que fosse inconsciente”.¹⁹⁷

Por outro lado, Zimerman, no verbete sobre cura, ensina que:

O conceito psicanalítico de cura vai muito além do significado latente que o vocábulo sugere – como é o de uma prestação de cuidados, tal como aparece em cura de uma paróquia, curador (de menores), procurador, curativo, descurar, etc. Da mesma forma, vai além do seu habitual significado manifesto, como é habitualmente empregado na medicina, designando resolução completa de uma doença.

Para Zimerman, “em psicanálise, o conceito de cura deve aludir mais diretamente ao terceiro significado que o termo adquire, qual seja o de amadurecimento – tal como um queijo que está maturado, sazonado, o que equivale ao trabalho de uma lenta elaboração psíquica que permita a obtenção de mudanças caracterológicas estáveis e definitivas”.

O mesmo autor pondera:

Alguns autores, ao mesmo tempo em que apontam uma série de aspectos que sofreram sensíveis transformações durante o processo analítico que justificariam um critério de cura, também alertam para as análises que, aparentando estar tudo evoluindo muito bem, possam não ser mais do que a construção de um falso *self*, como enfatiza Winnicott, ou curas cosméticas, como as denomina Bion. Este último autor evita o termo cura, preferindo a expressão crescimento mental pelas razões expostas no verbete respectivo.¹⁹⁸

Os principais critérios que indicam a obtenção de uma sempre relativa cura analítica estão descritos por ele no verbete término da análise”, enquanto (obra cit. p. 406) os “critérios que indicam a adequação do término formal da análise são muito variáveis e dependem de uma série de fatores multideterminados, entre os quais citam-se a modificação da qualidade das relações objetais, menor uso de mecanismos defensivos primitivos, renúncia às ilusões de natureza simbiótico-narcisista, capacidade de fazer desidentificações (patogênicas) e, a partir daí, fazer neoidentificações, reintegração das partes que estavam divididas e projetadas, capacidade de suportar frustrações, absorver perdas e fazer luto pelas mesmas, assumindo o seu quinhão de responsabilidade e de eventuais culpas, capacidade

¹⁹⁷ ZIMERMAN, Davi E. **Fundamentos Básicos das Grupoterapias**. Porto Alegre: Artmed, 2 ed. 2000, p. 22.

¹⁹⁸ ZIMERMAN, Davi E. **Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 94.

de consideração pelas outras pessoas e capacidade de fazer reparações, diminuição das expectativas – exigidas pelo ego ideal e pelo ideal do ego – impossíveis de alcançar, abrandamento do superego, libertação de áreas autônomas do ego.¹⁹⁹

No que concerne a relação da questão da individualidade com os grupos, a psicanálise dos grupos, segundo ensina Zimerman, nos seus Fundamentos Básicos das Grupoterapias, é obrigada a reconhecer que, desde Freud, conhecemos:

O princípio básico de que grupo e individualidades são indissociadas e se encontram em permanente jogo dialético entre si. Este postulado justifica a necessidade de revisarmos os principais movimentos que processam a normalidade, ou a patologia, da formação da personalidade do indivíduo.²⁰⁰

Na contemporaneidade, não podemos estudar o adoecer como se estivéssemos tão-somente diante de novas síndromes, ou de novas formas de adoecimento, uma vez que a bulimia, segundo Catherine Couvreur²⁰¹, não é uma forma de adoecimento nova ou da contemporaneidade, porque, quanto a ela, são encontrados estudos do médico grego Galiano, nos anos 130-200, que faz uma análise da “grande fome”, assim como, em 1708, Blankaart foi o primeiro autor anglo-saxão a detalhadamente fazer referência à bulimia. Também James em 1743 faz uma das primeiras descrições completas da doença.

Mesmo a anorexia, cujo aumento em jovens de todo o mundo tem provocado inquietação, com novos discursos sobre este quadro clínico, segundo Daniel Franco de Carvalho²⁰², não é uma doença contemporânea e foi estudada por Freud em vários momentos de sua obra.

A questão da toxicomania também é antiga, encontrando-se registros do seu uso na China antiga, além de envolver o estudo das adições, desde o estudo de drogas pesadas (heroína, cocaína) até o álcool, este relacionado por Abraham²⁰³, à questão da sexualidade. Ainda no que concerne à drogadicção, Zimerman também a associa às patologias do vazio.

Os estudos sobre o adoecer na contemporaneidade poderiam se dirigir

¹⁹⁹ Ibid. p. 406.

²⁰⁰ Id. **Fundamentos Básicos das Grupoterapias**

²⁰¹ COUVREUR, Catherine **A Bulimia**. In: BRUSSET, B.; COUVREUR, C. (orgs). **A Fine**. São Paulo: Escuta, 2003.

²⁰² CARVALHO, Daniel Franco de. **Contribuições de Freud ao entendimento da anorexia nervosa**; uma revisão de literatura In: **Psicanálise: Teoria, Clínica e Conexões**. FONTENELE, Laércia. Fortaleza: Livro Técnico.

²⁰³ ABRAHAM, Karl. **Psicoanálisis Clínico** 3. ed. Argentina: Lúmen Hormé, 1994

para os aspectos anteriormente citados, para a relação entre as transformações psíquicas geradas pelo capitalismo, como aliás fez Charles Melman (O homem sem gravidade), ou para os impactos gerados por uma sociedade de massas, ou estudando o fanatismo suicida e assassino, sadismo, necrofilia, esta associada a Hitler, consoante ensinamentos de Erich Fromm, ou, ainda, no caso específico da paranoia para o estudo da história e da pré-história do nacional-socialismo, paranoia que, segundo Santner²⁰⁴, desempenha um papel crucial na ideologia do nacional-socialismo, e que desfrutara um *status* de **uma ideologia ou mesmo de religião quase oficial de Estado**, assim como o sucesso dos nazistas em sua mobilização de população só poderia ser entendido através de um estudo minucioso da natureza e estrutura dos mecanismos paranóicos e o modo como funcionam no plano individual e coletivo.

Afirma Santner²⁰⁵ que “as conexões entre o caso Schreber e o núcleo paranoico da ideologia nacional-socialista já tinham sido assinaladas, ainda que em pinceladas amplas e idiossincráticas, por Elias Canetti em seu notável tratado sobre a psicologia das massas (Massa e Poder, Companhia das Letras), que faz referências e alusões políticas do texto de Schreber dizendo o seguinte:

Concedeu-se a seu sistema político, em poucas décadas, uma alta honraria, ainda que sob a forma bem mais crua e menos letrada, ELE SE TORNOU O CREDO DE UMA GRANDE NAÇÃO, LEVANDO [...] À CONQUISTA DA EUROPA E CHEGANDO POR UM TRIZ À CONQUISTA DO MUNDO.²⁰⁶

Para Canetti, o elo crucial entre a paranoia e a liderança totalitária não foi tanto uma questão de conteúdo histórico das “tramas” conspiratórias contra as quais lutam o paranoico e o líder totalitário, tanto Schreber quanto Hitler viam seus destinos profundamente ligados ao de toda sorte de perigos historicamente específicos, inclusive o perigo de contaminação e corrupção judaicas. De acordo com Canetti, o elo entre a paranoia e a liderança hitlerista foi de natureza mais formal. O paranóico e o ditador sofrem de uma doença de poder, que implica uma vontade patológica de sobrevivência exclusiva ou mesmo um impulso concomitantes de sacrificar o resto do mundo em nome dessa sobrevivência. A propósito dos delírios apocalípticos de Schreber, nos quais o fim do mundo é encenado de várias maneiras, Canetti descreve:

²⁰⁴ SANTNER. **A Alemanha de Schreber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1955, p. 60.

²⁰⁵ *Idid.* p. 8

²⁰⁶ CANETTI, Elias. **Massas e poder**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

Não nos fica a impressão de que essas desgraças se abatam sobre a humanidade contra a vontade de Schreber. Ao contrário, ele parece sentir uma certa satisfação no fato de a perseguição a que esteve sujeito [...] ter conseqüências tão aterradoras. A humanidade inteira sofre e é exterminada porque Schreber pensa haver alguém que está contra ele [...] Schreber fica como o único sobrevivente porque isso é o que ele mesmo quer. Ele quer ser o único homem vivo que resta, postado num imenso campo de cadáveres, e quer que esse campo de cadáveres contenha todos os homens, menos ele. Não é apenas paranoico que ele se revela nisso, Ser o último homem a permanecer vivo é o anseio mais profundo de todos os que buscam o poder [...] Quanto mais se sente ameaçado, seu desejo apaixonado de ver todos mortos diante dele mal pode ser controlado por sua razão.

Canetti afirma que:

Em virtude dessa disposição psíquica comum, por serem tanto o paranóico quanto o líder totalitário, apanhados na mesma ânsia de poder – e, para Canetti, O PODER É O OBJETO MÁXIMO DAS PULSÕES -- ELE CONCLUI QUE “UM LOUCO, DESAMPARADO, MARGINALIZADO E DESPREZADO, QUE SE ARRASTA NUMA VIDA OBSCURA NUM SANATÓRIO, PODE, ATRAVÉS DO DISCERNIMENTO QUE NOS PROPORCIONA, REVELAR-SE MAIS IMPORTANTE DO QUE HITLER OU NAPOLEÃO, ELUCIDANDO PARA A HUMANIDADE SUA MALDIÇÃO E SEUS SENHORES (ISTO É, OS DO PODER).²⁰⁷

Ensina Santner²⁰⁸, ainda, que Gilles Deleuze e Felix Guattari, embora mais indulgentes para com os delírios de Schreber, subscrevem a leitura que Canetti faz do texto de Schreber como um depósito de fantasias e estruturas fantasísticas profascistas. Referindo-se ao livro de Canetti, eles caracterizam o tipo paranoico como alguém que “manobra as massas”, como o “artista dos grandes agregados molares.. [...] dos fenômenos das multidões organizadas”, concluindo que esses comentadores de Schreber estabelecem um vínculo poderoso entre as “Memórias” e alguns dos aspectos obsessões centrais do nacional-socialismo.

Poderíamos, ainda, estudar o adoecer na contemporaneidade sob o ângulo da psicanálise do vínculo social, psicanálise das crenças, procurando fazer uma anatomia da destrutividade humana, analisando a perversão na vida cotidiana e a violência daí resultante, relacionando o adoecer humano com o processo social da pulsão de morte, enfatizando o adoecer provocado pelo desenvolvimento científico, com as descobertas e o uso de certas substâncias químicas no trabalho, ou mesmo certas condições do trabalho humano, que provocam distúrbios mentais e de comportamento, ligadas ao ambiente do trabalho ou fora dele. Também, quanto ao trabalho, às questões relacionadas com “abuso moral”, “assédio sexual”,

²⁰⁷ Ibid.

²⁰⁸ SANTNER, p. 8

stress, ou pondo em evidência os impasses de uma psicofarmacologia que pretende erradicar a loucura atuando exclusivamente sobre o cérebro.

Ocorre que não é possível tal nível de aprofundamento para os fins propostos.

6 O ADOECER HUMANO E A PULSÃO DE MORTE

O adoecer humano situa-se entre as duas grandes questões mencionadas por Freud: a pulsão de vida (EROS) e a pulsão de morte (TÂNATOS). Envolve o individual e o coletivo, o psíquico e o físico num sistema extremamente complexo, variável, rico de multiplicidades, gradações e diferenças.

Roudinesco, estudando Canguilhem, mostra a transformação ocorrida com a concepção clássica da morte dizendo:

Se a vida é o conjunto das funções que resistem à morte, isso significa que se confisca de Deus seu direito de vida e morte sobre o mundo humano e animal. A morte não lhe pertence mais, e não é mais dele – nem do céu, nem do inferno – que depende a passagem da vida para a morte, mas de um duplo processo fisiológico e patológico próprio dos organismos vivos. Portanto a morte está inscrita na história da vida assim como a doença está inscrita na existência de cada sujeito, do mesmo modo que o sintoma de uma investida da morte sobre a vida. Fenômeno progressivo de degradação lenta dos corpos, a morte apodera-se do homem desde seu nascimento, habitando-o longe sua vida até a última passagem.²⁰⁹

Se, como já mencionado, na clínica médica ou psicanalítica, o adoecer é estudado do prisma individual, também podemos olhá-lo, nas manifestações do paciente, numa gradação de diversidades entre EROS E TÂNATO.

Lacan elabora e tece o laço social do sujeito constituído em função da linguagem e de um discurso elaborado por outros, e que implica uma combinatória de lugares, do qual pode servir de exemplo os efeitos com pessoas ou por condições oriundas dos discursos sociais, das guerras, das vítimas das crenças ou dos desejos dos outros, dos preconceitos e gozos oriundos dos significantes dos outros.

Como cada realidade se funda e se define por um discurso, a relação, no dizer de Luiza Helena Pinheiro Gonçalves²¹⁰, não é de cunho fotográfico, assim como não é o caso de considerá-la como abstração, mas de considerar sua estrutura inserida na realidade. Da mesma forma, o discurso, que funda e define cada realidade, não se reduz a uma espécie de visão do mundo; esta pertence mais ao imaginário relativo ao discurso vigente. Para ela, o discurso tampouco se confunde com a cultura. O que existe é o liame social, modo de enlaçamento, que só se instaura e reina na medida da imersão da linguagem.

²⁰⁹ ROUDINESCO, **Filósofos na Tormenta**, Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p.46

²¹⁰ GONÇALVES, Luiza Helena Pinheiro. **O discurso do Capitalismo**: uma montagem em curto circuito, São Paulo: Via Lettera, 2000, p. 18.

A mesma autora afirma que “a clínica analítica ensina que os sintomas são efeitos de uma estrutura discursiva. Eles se mantêm porque há uma satisfação em jogo”, assim como pergunta: “como se constitui uma realidade considerada tão daninha e o que nós temos a ver com isso. Se tal realidade diz de nosso desejo, será que queremos o que desejamos? Como analisar tal situação?”.²¹¹

Fábio Hermann pondera:

No estado de humanização absoluta do mundo, o modelo de ser é o próprio ato humano. Só tem prestígio ontológico a conexão de um intuito com resultados condizentes. Concebem-se as nações como seres humanos, com objetivos nacionais, razões de Estado e conquistas pessoais; as classes sociais são pensadas como indivíduos expandidos, têm desejos, aspirações, projetos. O psicologismo, atribuição à sociedade do modelo de ação individual racionalizada, é, quem sabe, UMA DAS PRINCIPAIS AQUISIÇÕES IDEOLÓGICAS DA SOCIEDADE INDIVIDUAL MODERNA. Estamos todos mais ou menos convencidos de que a sociedade é um indivíduo gigantesco, que possui necessidades, conscientiza-se delas, intenciona, age e vê ou não gratificadas suas necessidades. Assim sendo, a consciência só pode aspirar a sobreviver perdida na massa – caso em que será desprezada, pois o modelo individual da sociedade quer espelhar-se em cada um, exige de mim que seja um indivíduo, tal como ela o é —, ou então deverá identificar-se ao todo, pretender, agir, resultar. O indivíduo contemporâneo vem a ser produto de uma identificação circular; ele tenta imitar a sociedade, que é concebida à imagem dele mesmo, mas no circuito vê obstados os meios de concretização. Devo doar à sociedade minha vontade e, em seguida, ser social – isto é, semelhar a autorrepresentação da sociedade, ser voluntarioso, eficaz, determinado e, por fim, aparecer, destaca-me entre meus iguais, representá-los. Por esse motivo o superego contemporâneo envolve um paradoxo: DITA MINHA SUBMISSÃO E DILUIÇÃO NA SOCIEDADE, MAS EXIGE TAMBÉM QUE COPIE A SOCIEDADE, QUE ME TRANSFORME EM APARÊNCIA DOMINANTE, EM PERSONALIDADE. Torna-se patológica a impotência ao impor uma contradição que dilacera o ego – para poder ser, devo submeter-me ao anonimato social, mas ser considera-se o mesmo que dominar, aparecer, transformar-me em realidade dominante.²¹²

O que pertence ao imaginário, às formas ilusórias de visão ou de representação do mundo, ou as crenças, também são causas do adoecer individual e coletivo. Há um adoecer coletivo que não é apenas reflexo da repressão cultural, uma vez que, do socialismo utópico de Thomas Morus até as tentativas de implantação de um socialismo científico por Marx, Engels e Lênin, portanto uma doutrina de salvação, de reconstrução social, às tentativas estéticas e de limpeza do nacional socialismo, à destruição provocadas pela guerra, ou às tentativas da construção de uma grande Alemanha e de uma raça pura, às novas crenças sobre progresso, deparamo-nos com um universo imaginário e com formas ilusórias de

²¹¹ Ibid

²¹² HERMANN, Fábio. **Andaimos do real**: psicanálise do cotidiano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p.199.

visão e de representações do mundo, em síntese, de crenças que são tentativas para a cura de defeitos sociais ou para as causas do adoecer coletivo, sendo elas próprias, as crenças, muitas vezes o veneno, causador da morte.

Santner²¹³ mostra a estreita relação entre adoecer individual e coletivo, quando refere ao estudo do fascismo alemão pelo psicanalista norte-americano William Nierderland, que se concentrou na importância do pai de Shreber, Daniel Moritz Schreber, para a doença mental de seu filho. Segundo Nierderland, Moritz Schreber é um médico ambicioso, autor e incentivador dos exercícios e da boa forma física, traumatizou cronicamente seu filho, através de uma série de intervenções e controles ortopédicos e pedagógicos agressivos. A paranoia de Shreber, sugeriu Nierderland, foi o produto monstruoso de um monstruoso projeto médico-pedagógico: a elaboração delirante de anos de maus-tratos infantis reais e sistemáticos, vivenciados nas mãos de um *pater familiae* dominador e com formação médica.

Essas idéias foram ampliadas e popularizadas no início dos anos setenta por Schatzman, que, combinando as descobertas de Nierdeland com as especulações de Canetti sobre o poder, propôs UM VÍNCULO DIRETO ENTRE O “DESPOTISMO MICROSSOCIAL DA FAMÍLIA SHREBER E O DEPOTISMO MACROSSOCIAL DA ALEMANHA NAZISTA”.

Schatzman²¹⁴ afirmou que “Hitler e seus pares foram criados na época em que os livros do Dr. Schreber, pregando o totalitarismo doméstico, eram populares”, e acrescentou que “quem quiser compreender a ‘estrutura de caráter’ alemã na era nazista poderá estudar com proveito os livros do Dr. Schreber”.

Ainda segundo Santner²¹⁵, Walter Benjamin, ao fazer uma crítica da violência, relaciona as preocupações de Schreber com a decadência com as do nacional socialismo, além de demonstrar que a decadência interna da lei é o fato de que o preceito legal, em última análise, é desprovido de justificação ou legitimação últimas, de que o próprio espaço do raciocínio jurídico dentro do qual prevalece o preceito legal é estabelecido e sustentado por uma dimensão de força e violência, que, por assim dizer, ocupa o lugar dos fundamentos que faltam. Em sua base legal, é sustentado não pela simples razão, mas também pela força/violência de um

²¹³ SANTNER, Eric L. op. cit. p. 9.

²¹⁴ SHATZMAN apud SANTNER. **A Alemanha de Schereber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1955, p. 60.

²¹⁵ SANTNER, op. cit, p. 22.

enunciado tautológico — “A lei é a lei!” —, que, para Benjamin, é fonte de um desequilíbrio e degeneração institucionais crônicos.

Menciona Santner²¹⁶ que Jacques Derrida, ao comentar o ensaio de Benjamin (Para uma crítica da violência), refere a dimensão extralegal da força que pode ser desnudada “numa ideia mais geral da **estrutura performativa dos atos da fala**. O enunciado performativo é aquele que acarreta seu próprio conteúdo proposicional, que cria um fato social no mundo, por ser enunciado num contexto social específico, como, por exemplo, quando um juiz ou um padre declaram um casal “marido e mulher”. Em geral, os enunciados performativos são encadeados ou inseridos em conjuntos de relações com níveis “mais baixos” de performativos, que criam o cenário para o seu funcionamento exitoso.

A afirmação de Benjamin é que, a uma certa altura, essa cadeia de transferências atinge o fundo, depara com um elo perdido na origem do capital simbólico que circula através dela. Para os de “sensibilidade mais apurada”, entretanto, esse elo perdido está presente em toda parte, e é, precisamente, algo de podre na lei”. Como sugere Benjamin, é esse elo perdido, vinculado ao surgimento das instituições, que impulsiona a máquina simbólica do direito – para ele, a instituição paradigmática – e que **a impregna de um elemento de violência e compulsão**. Embora ele não evoque a teoria psicanalítica das pulsões, a contribuição particular de Derrida para nossa compreensão da “Crítica da violência” de Benjamin, e para o “fundamento místico da autoridade” em termos mais gerais, é sua insistência no vínculo entre a performatividade e a compulsão à repetição. Diz ele:

É da própria estrutura da violência fundamental requerer a repetição de si mesma e fundar o que deve ser conservado, conservável, fadado à herança e à tradição [...] a fundação é uma promessa. toda posição [...] permite e promete [...] e, mesmo quando uma promessa não é efetivamente cumprida, a iteratividade a inscreve como sentinela no instante mais irruptivo da fundação. assim, ela inscreve a possibilidade de repetição no cerne do originário [...] a posição já é a iteratividade, um chamamento à repetição autopreservadora.²¹⁷

Quando, em outras, é-se “declarado” marido, mulher, professor, ou *Senatspräsident*, é-se investido de um mandato simbólico, o qual, por sua vez, obriga a uma série regulamentada de desempenhos, rituais e comportamentos sociais, que corresponde à posição simbólica na comunidade, que “itera” e, com

²¹⁶ Ibid. p 23-24.

²¹⁷ Ibid.

isso, atesta o performativo originário que estabelece a mudança de situação do sujeito. Essa combinação peculiar de performatividade, repetição e força, intrínseca não apenas na eficácia da lei, que era preocupação de Benjamin revelar, mas também no funcionamento mágico de todos os ritos da instituição e de seus processos de investidura simbólica, foi explorado com grande minúcia pelo eminente sociólogo do poder simbólico, Pierre Bourdieu. Bourdieu enfatizou a natureza imperativa e, a rigor, coercitiva dos atos de investidura simbólica, atos como o chamamento feito pelo Ministério da Justiça a Daniel Paul Schreber, em 1893, nomeando-o para a posição de *Senatspräsident*. Os atos oficiais de interpelação – que, como assinala Bourdieu, têm que ser sustentados por “incessantes chamados à ordem”, uma vez assumida a nova identidade social – funcionam à maneira de um ato do destino:

TORNA-TE O QUE ÉS”: EIS O PRINCÍPIO POR TRÁS DA MAGIA PERFORMATIVA DE TODOS OS ATOS INSTITUCIONAIS. A ESSÊNCIA CONFERIDA ATRAVÉS DA NOMEAÇÃO E DA INVESTIDURA É, LITERALMENTE, UM FATUM . [...] Todos os destinos sociais, positivos ou negativos, por consagração ou estigma, são igualmente fatais – com o que quero dizer mortais –, porque encerram aqueles a que caracterizam dentro dos limites que lhe são atribuídos e que eles são levados a reconhecer.²¹⁸

Acrescenta Santner²¹⁹ que a lição crucial da “Crítica da Violência” de Benjamin é que esse processo de decomposição interna que aflige as elites em crise é, na verdade, o estado normal das coisas, que então é apenas repudiado com maior ou menor sucesso, recalcado com maior ou menor sucesso no inconsciente”.

Ocorre que o exemplo citado não tenha ocorrido necessariamente na contemporaneidade, mas, sim, nas crises de modernidade, para os quais os nazistas viriam a elaborar sua própria série de soluções radicais e ostensivamente “finais”, não é possível afirmar que a contemporaneidade tenha exorcizado esses fantasmas.

Do atentado ao Papa João Paulo II por Mehemet Ali Agca, muçulmano que integrava um partido de direita no seu país, e que repete sem cessar “*a vida não me interessa*”, *a vida não me interessa*”, cujo procedimento pode também significar que o terrorista é um parricida, ou pior, está tomado por impulsos tanáticos, ao suicídio coletivo de 700 pessoas numa das Guianas, ou aos atentados

²¹⁸ BOURDIEU,

²¹⁹ SANTNER, op. cit. p. 25.

terroristas, o adoecer encontra explicações e origens diversas. Muitos atos políticos que ocorrem na sociedade civil, ou em parcelas circunscritas da mesma, aproximam-se do caráter de atentado, o que leva Fábio Hermann²²⁰ a afirmar “que devemos, por conseguinte, definir o atentado não pela violência em si – as grandes violências são geralmente paulatinas e subrepitícias, como a fome e a exploração do trabalho — mas por ser ato coagulado”. Hermann esclarece que:

A impotência que o atentado revela mascara-se de onipotência. Um indivíduo pretende alterar a ordem mundial por meio de um ato isolado de força. Que há por trás disso? [...]. A humanização extrema do mundo moderno faz de cada ato individual elementos de uma cadeia extremamente complexa ou autorregulada. Nunca os atos isolados puderam modificar significativamente a história humana. Entretanto, quando a aldeia ou o bairro concentravam os bocados de história realmente relevantes na vida individual, era possível uma certa dose de autogestão ou, pelo menos, ilusão de autonomia. Fazia-se algo, e os efeitos eram próximos, palpáveis. Hoje, porém, as linhas de produção deixaram o estreito limite da fábrica para se transformarem em modelo social prevalente. Um ato só se torna eficaz quando acompanhado e seguido de muitíssimos outros atos convergentes para o mesmo fim; mas a produção dessa série raramente procede de um pensamento explícito e quase nunca de um projeto pessoal. Representações ideológicas motivam-nos, planejamentos governamentais organizam a série, automatismos econômicos regulam sua viabilidade. E, mais grave, os indivíduos começam a desconfiar disso. A experiência repetida mostra a todos nós que mesmo as opções mais claras e os atos mais diretos são imediatamente contrabalançados por uma reação oposta, diluem-se no todo, por um efeito a que se poderia chamar tamponamento de massa.²²¹

Hermann ensina, no que concerne ao atentado ao Papa e a figura de

Agca, que:

Um autor de um atentado identifica-se com sua vítima. Quem é ela? Uma personalidade pública. A personalidade encarna uma idéia, é certo; o gesto homicida simboliza o ataque à ideia, por causa disso coloca um indivíduo ignorado no mesmo plano de valor da vítima, campos de idéias oponentes. Essa, todavia, é apenas a intenção. Raspando o verniz, temos de dar mais crédito à opinião popular que vê no atentado um esforço de tornar-se famoso, de gozar, ainda que momentaneamente, do mesmo prestígio da personalidade, alvo do atentado: Agca e João Paulo II ficam equiparados em face da publicidade”.[...] Que promove o atentado? Como reunir num mesmo ato o protesto, a autopromoção e esse desgarramento que isola o gesto particular dos projetos gerais e que vimos ser tão característico do atentado? A resposta não será demasiado difícil, se recordarmos a contradição da impotência individual que se esboçou páginas atrás. Quando está morta a eficácia do ato individual, cria-se a grande personalidade que é erigida em representante das instâncias sociais. A personalidade contemporânea é uma curiosa figuração da hipostasia: representa ao máximo, porém a pessoa da personalidade exerce muito pouco poder direto, sua força na condução do processo social é na maioria dos casos inversamente proporcional à majestade da representação que se lhe confere. Sua representação esmagou quem a sustenta. Nesse sentido, ela representa muito exatamente a sociedade.

²²⁰ HERMANN, Fábio. **Andaimes do real**: psicanálise do cotidiano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

²²¹ HERMANN, op. cit.

Representa a sociedade concebida como um indivíduo extenso, com pretensas aspirações e resultados mais que duvidosos.²²²

Na contemporaneidade, encontramos formas de adoecimento que revelam as pulsões de morte e têm trazido graves danos, sequelas de violência social e morte, especificamente o que refere ao círculo de ferro provocado pelas drogas, nas quais encontramos: o álcool, que Karl Abraham²²³ relaciona com a questão da sexualidade em *Psicoanálisis Clínico*, às toxicomanias com as patologias dos traficantes e dos viciados, estes *adictos*, que, segundo David Zimerman²²⁴, sofrem da patologia do vazio, o que leva a que as *adicções* estão sempre ligadas a uma tentativa de o sujeito preencher vazios existenciais decorrentes da primitiva angústia de desamparo lançando mão do uso ilusório da droga, ou de bebidas alcoólicas. No traficante, encontramos a ausência da lei, o desrespeito pela vida, o desrespeito e o uso do outro, o desejo de poder, de ter.

Zimerman²²⁵ afirma que também existe adicção a alimentos, consumismo de roupas, joias, assim como ocorre sob a forma de busca compulsória de relações pseudogenitais com pessoas do sexo oposto (ou do mesmo sexo), sempre como uma busca de sentir-se vivo, porquanto a abstinência remete o *drogadicto* ao vazio e gera nele a terrível sensação de desamparo, de não existir.

²²² Ibid. p. 299 -201.

²²³ ABRAHAM, Karl. *Psicoanálisis Clínico* 3. ed. Argentina: Lúmen Hormé, 1994

²²⁴ ZIMERMAN. *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 20.

²²⁵ Ibid.

7 O ADOECER E AS TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Encontram-se transformações de natureza biológica, científica, psicológica, social, econômica, cultural e espiritual, que são processadas pela evolução histórica da humanidade, acarretando um sério problema de adaptabilidade aos novos padrões, sendo que todos esses aspectos estão indissociada e reciprocamente relacionados, até mesmo porque vivemos num mundo globalmente interligado. Diz Zimerman que não cabe mais o individualismo e o isolacionismo dos indivíduos e nações e, por tal razão, ele:

Adota uma visão sistêmica por causa dos múltiplos elementos que estão arranjados ou combinados. Nestes as diversas partes estão integradas e estruturadas no todo, sendo mais importante do que cada uma delas isoladamente, por mais importantes que elas possam ser, o que requer fundamentalmente uma nova forma de pensar e de visualizar todos os problemas coletivos, forma essa que vale ser chamada de visão sistêmica do mundo e da vida.²²⁶

Acrescenta que “a família nuclear está sofrendo radicais transformações no que diz respeito ao número crescente de casamentos que são seguidos de descasamentos e recasamentos, com uma nova composição em função dos filhos que cada cônjuge traz para o novo lar. Aumenta o número de mães adolescentes, de mães solteiras, entre as quais muitas assumem deliberadamente a condição de uma produção independente de filhos, assim como muitos casais preferem morar em moradias próprias e independentes um do outro. Existe uma evidente mudança nos papéis tradicionais que eram conferidos ao pai, mãe, avós, de modo a que não raramente os papéis e os lugares ocupados se superponham ou até se invertam, tudo isto podendo ser encarado com naturalidade, porém também podendo gerar uma séria confusão, principalmente para os filhos, os quais, por sua vez, estão cada vez mais cedo se emancipando da família nuclear. Notadamente, o papel da mulher, na sua inserção familiar, social, sexual, política e profissional, vem sofrendo vertiginosas transformações”. O somatório de tudo isso está contribuindo para uma crescente e generalizada crise de identidade.

Menciona Zimerman²²⁷ que há uma acelerada mudança dos valores éticos, morais e ideológicos quanto aos modos e a finalidades de viver, num mundo que exige uma velocidade crescente para uma exitosa adaptação aos padrões

²²⁶ ZIMERMAN, Davi E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. 2. ed. Rio Grande do Sul: Artmed, 2000. p. 22.

²²⁷ ZIMERMAN, Davi E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. 2. ed. Rio Grande do Sul: Artmed, 2000. p. 22.

vigentes, que leva os indivíduos a se sentirem ansiosos, confusos, perdidos quanto à sua identidade, impedindo saber quem eles são, como devem ser, para o que e para quem eles vivem. Um forte motor gerador dessa angústia social reside no fato de que há uma crescente necessidade de **exitismo**, uma vez que desde a infância a criança está programada pela família e pela sociedade para ser bem sucedida, numa interminável busca pela conquista de êxitos.

Zimerman²²⁸ revela que também ocorreu uma profunda mudança de valores porque, até poucas décadas atrás a humanidade era regida pelos valores de certeza, sendo fácil defini-los, em termos absolutos, como certo ou errado, valorizado ou desvalorizado, a toda causa correspondendo um determinado efeito, mas atualmente, até mesmo pelas profundas modificações na física subatômica e quântica, o homem moderno repousa nos conceitos de incertezas, negatividade, paradoxalidade, tudo parecendo conduzir a um estado caótico universal.

Prossegue Zimerman²²⁹ dizendo que a globalização do mundo moderno, com novas exigências, novas tecnologias ligadas à informática e de uma fantástica rede de comunicação instantânea via satélites, exerce uma decisiva influência no psiquismo de todos, notadamente nas crianças e adolescentes.

Ela provoca a formação de uma nova ideologia política, novo estilo de viver com a apologia do consumismo, mudanças de hábitos alimentares, levando a que a essência do pós-modernismo consista na progressiva introdução da imagem no lugar classicamente ocupado pelo pensamento e pela palavra, promovendo certa confusão entre o que é real e o que é imaginário, além de estimular à busca de ilusões, fetiches, no qual o que parece ser é tomado como fato, como sendo, da mesma forma como a participação ativa dos indivíduos e massas fica sendo substituída por uma forma passiva.

Ensina Zimerman²³⁰, ainda, que o **pós-modernismo** tende a repudiar tudo o que representa uma lógica de causalidade e faz apologia da causalidade, do ilógico, do intuicionismo, das incertezas, do relativismo, do surrealismo e do misticismo. Há os que veem os tempos atuais de forma apocalíptica, esperando as piores desgraças para a humanidade, enquanto outros consideram o pós-modernismo de uma forma apologética, isto é, fazem apologia dos novos rumos e

²²⁸ Ibid.

²²⁹ Ibid.

²³⁰ ZIMMERMAN, op. cit.

das novas perspectivas promissoras para o desenvolvimento da humanidade.

Refere Zimmerman²³¹, ainda, à *cultura do narcisismo, que leva o indivíduo a debater-se numa acirrada competição para ter direito a um lugar ao sol, onde predomina a lei do mais capaz, ou, pelo menos, daquele que aparenta ser bem-sucedido, ou que procura atingir metas idealizadas pela família, pela sociedade, pela cultura e por si próprio. Estas podem ultrapassar as suas inevitáveis limitações, provocando uma disparidade que na linguagem psicanalítica é conhecida como um conflito entre o Ego ideal versus “o Ego real”.*

Esse tipo de conflitiva tem gerado um crescente paradigma de que, falsamente, o sujeito vale mais pelo que tem ou aparenta ter, do que, de fato, é ou, autenticamente, pode vir a ser. Se a presença do narcisismo for excessiva, vai representar um alto custo para ele próprio e para os que com ele convivem, tendo em vista a impossibilidade de admitir limites, limitações às inevitáveis diferenças com os demais, à finitude da vida, além de que as capacidades para pensar, aprender, ter tolerância e o amor pelas verdades ficam respectivamente substituídas pela onipotência, onisciência, prepotência e a indiscriminação entre o que é verdadeiro e o que é falso. A selvagem luta pela sobrevivência psíquica também se traduz no aumento de carências emocionais, faltas, buracos negros interiores, constituindo aquilo que podemos chamar de patologias do vazio, e que se manifestam por meio de sintomatologia de psicoses, psicopatias, perversões, drogadicções e transtornos de caráter e conduta.

Zimerman²³² alude, ainda, ao vínculo de reconhecimento que provoca a necessidade de ser reconhecido e aceito, respeitado, desejado e amado. Nesse caldo cultural, ao mesmo tempo narcisista e globalizante, existe uma maior propensão à busca de soluções mágicas e ilusórias, a um consumismo exagerado, à substituição de valores autênticos por variados tipos de *fetiches* (algo que parece ser, mas que, de fato, não é!), ao incremento de atuações e de adicções, a transtornos da sexualidade, a uma concomitante submissão aos desejos. Também menciona o incremento da violência em todos os níveis, não só a violência urbana de assaltos, crimes, sequestros, trânsito homicida, etc., mas também na violência manifesta através das injustiças sociais, políticas corruptas e corruptoras, inflação, desemprego, miséria, precária assistência à saúde, poluição, etc.

²³¹ Ibid

²³² ZIMERMAN, op. cit.

A soma disso tudo provoca uma justificada paranóia e um constante sobressalto em toda e qualquer pessoa, obrigando a que sejam criados mais e mais meios de proteção, ou então às transgressões que não são pecaminosas e até sadias, como um meio sadio contra práticas educacionais e padrões culturais que restringem a espontaneidade e a liberdade, mas que também podem ser malignas, como é o caso das transgressões de gangues, onde predomina a pulsão de morte.

Melman²³³ afirma que se passa de um acultura fundada no recalque dos desejos e, portanto, cultura da neurose, a outra que recomenda a livre expressão e promove a perversão. Assim a saúde mental não se origina mais numa harmonia com o Ideal, mas como um objeto de satisfação. A tarefa psíquica se vê enormemente atenuada e, a responsabilidade do sujeito, apagada por uma regulação puramente orgânica.

Ele afirma que há uma nova economia psíquica que não existia antes, uma mutação que nos faz passar de uma economia organizada pelo recalque a **uma economia organizada pela exibição do gozo**, levando a deveres radicalmente novos, dificuldades, impossibilidades e sofrimentos diferentes.

Keppe²³⁴ ensina que Freud, por sua vez, no seu texto Psicologia de Grupo e a Análise do Ego, expõe conceitos a respeito da psicologia de massas e dos fatores que levam a pessoa a se comportar de maneira diferente num determinado grupo. O primeiro fator que ele destaca é que, no grupo, o indivíduo pode vencer as repressões e manifestar suas pulsões inconscientes. O segundo fator destacado é o contágio, que Freud classifica como fenômeno de ordem hipnótica, que leva o indivíduo a sacrificar seu interesse pessoal ao interesse coletivo.

Freud aponta, ainda, como terceiro fator, o processo de sugestão feito pelo grupo, comparando com a sugestão hipnótica, na qual o indivíduo se submete ao comando do hipnotizador. Da mesma forma, o indivíduo se submete ao comando do grupo, e *esses três fatores provocariam o que ele denominou pulsão social*. Mas Freud também destaca o fato de alguns grupos se organizarem para realizar ideais elevados, demonstrando que o fenômeno grupal não acontece apenas para o irrompimento das pulsões inconscientes. Dentro destes grupos organizados e com propostas construtivas, podem incluir os grupos terapêuticos, que são voltados para

²³³ MELMAN, Charles. **O homem sem gravidade**: gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 2003, p. 16.

²³⁴ KEPPE, Marc André R. **Curso de psicanálise**. São Paulo: Edições Inteligentes, 2006, p. 245 -246.

o bem-estar e para a saúde de seus membros.

Freud realiza ainda nesse estudo uma descrição muito importante sobre o processo de identificação que acontece nos grupos. Ele começa por descrever a identificação que acontece na criação com relação ao progenitor do mesmo sexo e o Complexo de Édipo. [...] Mas Freud também demonstra que pode haver uma identificação sem esse conteúdo afetivo, e a pessoa pode simplesmente imitar um comportamento que acredita ser vantajoso. Dessa forma, os grupos e o ambiente externo influenciam o indivíduo através de processos de identificação”.

Que relações existem entre os destinos individuais e o destino da sociedade? Em que sentido um mal-estar social pode estar relacionado com conteúdos inconscientes ou determinar condutas psicológicas individuais e, inversamente, qual é o papel de indivíduos que apresentam anomalias psicológicas ou que são afetadas por um delírio de grandeza que não é percebido como tal na dinâmica social? Por que o antissemitismo, como forma exacerbada do racismo, não se desfez ao longo dos séculos, possibilitando pensar o mundo moderno como o mundo da destruição tranquila, científica, sem culpa; mundo de expansão narcísica, que nega todo o vínculo com o outro, tornando-o um ser a explorar, cujo sofrimento pode ser fonte de gozo ou pelo menos de indiferença?

O general Argentino Alfredo Saint-Jean, membro da junta Argentina, é um exemplo que precisa ser lembrado uma vez que afirmou na época da grande repressão de 1976-1977: “Mataremos primeiro todos os subversivos, em seguida, aqueles que com eles colaboram; em seguida, os simpatizantes; em seguida, os indiferentes; e, finalmente, os tímidos”.²³⁵

Para certos autores, a patologia revelada nessa linguagem é a da necrofilia com seu desejo de morte. Caberia indagar qual a origem dos significantes que a sustenta e por qual razão uma estrutura narcísica desse porte, criadora de um ilusão oriunda de uma crença e de uma vontade totalitária, que se julga senhora da vida e da morte sobre os outros, pretende ocupar o lugar da verdade e não respeita a variedade das subjetividades.

Cintra²³⁶ afirma que “a teoria das estranhezas e o conceito de mosaico

²³⁵ SAINT-JEAN, Alfredo apud ENRIQUEZ, Eugene. **Da horda ao Estado**: psicanálise do vínculo social: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

²³⁶ PRADO, Maria do Carmo Cintra de Almeida. **O Mosaico da violência**: a perversão na vida cotidiana. São Paulo: Vetor, 2004.

mostram-se particularmente apropriados para se pensar a complexidade do fenômeno da violência, que é plurideterminado e multicausal”. Observa ela que numa sociedade predominantemente adultocêntrica, a própria criança vítima de violência fica exposta a outras situações de violência, que podem até envolver atuações de outros profissionais, como juízes, psicólogos, médicos, assistentes sociais e profissionais atuantes em conselhos tutelares. Menciona, ainda, a relação da violência com a pulsão de morte, a função “desobjetalizante” e a perversão narcísica, sua participação na constituição do sujeito (violência primária) e suas expressões secundárias, enquanto violência intrassubjetiva, intersubjetiva, trans-subjetiva e social, com referências à violência da autocensura e à relação entre violência, poder e dominação, além do conceito tradicional da perversão.

A pulsão de morte, no ensinamento de Maria do Carmo Cintra, contrapõe-se à pulsão de vida e tende para a redução completa de tensões, isto é, a reconduzir o ser vivo ao estado inorgânico. Primeiramente, volta-se para o interior, como autodestruição, e, secundariamente, dirige-se para o exterior, manifestando-se como pulsão agressiva ou destrutiva. Violência e pulsão de morte estão, portanto, correlacionadas.

Contrapondo-se à fórmula otimista de Durkheim “*homo homini Deus*”, Jung usa a fórmula de Hobbes “*homo homini lupus*, que Freud recolocou como epígrafe dos Estados modernos, afirmando²³⁷ que é uma máxima triste, mas de validade eterna. Diz ele que o homem tem, de fato, motivos suficientes para temer as forças impessoais que se acham ocultas em seu inconsciente e que encontramos numa feliz inconsciência, uma vez que tais forças jamais, ou pelo menos quase nunca, se manifestam em nossas ações pessoais e em situações normais. Por outro lado, quando as pessoas se reúnem em grande número, transformam-se em turba desordenada, desencadeando-se os dinamismos profundos do homem coletivo: as feras e demônios que dormitam no fundo de cada indivíduo, convertendo-o em partícula da massa. No seio da massa, o homem desce inconscientemente a um nível moral e intelectual inferior, que sempre existe sob o limiar da consciência, e o inconsciente está sempre pronto para irromper, logo que acorra a forma e atração de uma massa”.

Afirma Jung²³⁸, ainda, que julga um equívoco funesto considerar a psique

²³⁷ JUNG, Carl Gustav. **Psicologia da religião ocidental e oriental**. Petrópolis: Vozes, 1983. p.11.

²³⁸ Ibid.

humana como algo puramente pessoal e explicá-la exclusivamente de um ponto de vista pessoal, e que “é surpreendente a transformação que se opera no caráter de um indivíduo quando nele irrompem as forças coletivas”. Um homem afável pode tornar-se um louco varrido ou uma fera selvagem. Tem-se a propensão de inculpar as circunstâncias externas, mas nada poderia explodir em nós que já não exista de antemão, além de acrescentar que vivemos sempre como que em cima de um vulcão, e a humanidade não dispõe de recursos preventivos contra uma possível erupção que aniquilaria todas as pessoas a seu alcance. Por certo, é bom pregar a sã razão e o bom senso, mas o que deve fazer alguém quando seu auditório é constituído pelos moradores de um manicômio ou pela massa fanática? Entre os dois casos não há grande diferença, pois o alienado, tal como a turba, é movido por forças impessoais sociais que o subjugam. Na realidade, basta uma neurose para desencadear uma força impossível de controlar por meios racionais. Ele diz, ainda, que:

Se um homem imaginasse que eu sou seu pior inimigo e me matasse, eu estaria morto por causa uma mera fantasia. AS FANTASIAS EXISTEM E PODEM SER TÃO REAIS, NOCIVAS E PERIGOSAS QUANTO OS ESTADOS FÍSICOS. ACREDITO MESMO QUE OS TRANSTORNOS PSÍQUICOS SÃO MAIS PERIGOSOS DO QUE AS EPIDEMIAS E OS TERREMOTOS. NEM MESMO AS EPIDEMIAS DE CÓLERA OU DE VARÍOLA DA IDADE MÉDIA ROUBARAM A VIDA A TANTOS HOMENS COMO CERTAS DIVERGÊNCIAS DE OPINIÃO.²³⁹

Enriquez²⁴⁰, por sua vez, afirma que “a pulsão deve sempre encontrar sua expressão em um desejo específico. As pulsões fazem diretamente parte do jogo das identificações, ou seja, todo conflito pulsional se inscreve fundamentalmente como um conflito identificatório. Na medida em que todo ser humano está constantemente dividido (e é a própria divisão que designa sua humanidade) entre o reconhecimento de seu desejo e o desejo de reconhecimento (identificação), as pulsões que o animam são obrigadas, para encontrar satisfação, a voltar-se para a existência do outro. Somente o outro pode aceitar seu desejo como tal e reconhecê-lo como portador de desejo, só o outro pode assegurá-lo de seu lugar na ordem simbólica social, na medida em que aceitou tomá-lo, muito ou pouco, como modelo. O desejo (qualquer que seja), para trilhar seu caminho, deve poder ser aceito pelo sujeito (e ser identificado pelos outros), que pode centrar sua expressão em um

²³⁹ JUNG, op. cit.

²⁴⁰ ENRIQUEZ, Eugène, op. cit.

desejo específico.

O pulsional é, então, o que imprime um movimento ao organismo, mas, ao mesmo tempo, visa ao outro como aquele que pode reconhecer o desejo ou responder ao desejo de reconhecimento. O pulsional faz parte do fundamento de cada sujeito e do fundamento da vida social. Torna-se indispensável recorrer-se à teoria das pulsões e dos processos identificatórios para se compreender as duas ordens de realidade: a realidade psíquica e a realidade social.

Green²⁴¹, conforme ensina Cintra, diz que as pulsões não são criadas pelos objetos, mas são reveladas por eles. A sua função primordial é garantir uma função objetualizante, revelando-se capaz de transformar estruturas em objeto, mesmo quando ele não mais diretamente em questão. A consequência principal de meta objetualizante das pulsões de vida é a função de simbolização, mediante a função sexual. Já a meta da pulsão de morte, cuja manifestação própria à destrutividade é o desinvestimento, é de realizar ao máximo uma função desobjetualizante, por meio do desligamento.

Segundo Green²⁴², a função desobjetualizante apresenta-se dominante na MELANCOLIA e também em outros quadros clínicos como AUTISMO INFANTIL OU AS FORMAS NÃO PARANOIDES DE PSICOSE CRÔNICA, ANOREXIA MENTAL e DIVERSAS EXPRESSÕES DE PATOLOGIA SOMÁTICA.

Cintra crê também que esteja presente no que chama de PATOLOGIAS SOCIAIS, que envolvem todas as formas de abuso. Para ela, também o NARCISISMO NEGATIVO, a que alude Green (1988), conjuga-se com a perversão narcísica, em ambas imperando relações de dominação. Na perversão narcísica, que não se trata de perversão sexual, embora esta não esteja inteiramente descartada, *opera uma perversão moral nas relações do sujeito com seu meio* – as duas tarefas fundamentais que todo ser humano tem que realizar, isto é, fazer face à angústia e ao luto fundamental se problematizam e não se realizam de maneira eficaz. A perversão narcísica se apresenta então como um modo particular de se proteger dos conflitos internos, à custa do meio.

Afirma Enriquez²⁴³ que as estruturas não existem em si, são sempre modeladas pelos homens que, na sua ação, fazem-nas viver, as esculpem e lhes

²⁴¹ GREEN apud CINTRA, Maria do Carmo.

²⁴² GREEN apud CINTRA, Maria do Carmo.

²⁴³ ENRIQUEZ, Eugene. *Da horda ao Estado*: psicanálise do vínculo social: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

dão sua significação. Não existe líder sem homem sedutor e repressor; nem divisão do trabalho sem pessoas dominantes, que têm o direito de pensar e exprimir sua palavra, e sem pessoas submissas, mantidas à distância de seus desejos e de suas palavras. Não existe lógica capitalista sem que os capitalistas sejam mais ou menos inteligentes e exploradores. Mas não existem capitalistas, como demonstrou Castoriadis²⁴⁴, sem a construção de um imaginário social que autorize atos capitalistas”

Por isso, um trabalho que objetiva estudar o adoecer na contemporaneidade, é obrigado a voltar-se para a psicanálise do vínculo social. São citados por autores as devastações provocadas, no espaço de um século e meio, pelo colonialismo e o neocolonialismo, assim como é impossível calcular os milhões de mortos que lhe são imputáveis. Todos os grandes países europeus e os Estados Unidos são culpados. Escravatura, repressões impiedosas, torturas, expropriação, roubo de terras e dos recursos naturais pelas grandes companhias ocidentais, americanas ou transnacionais, ou por potentados locais a seu soldo, monoculturas substituindo as culturas tradicionais, destruição dos modos de vida e das culturas ancestrais, desmatamento e desertificação, desastres ecológicos, fome, êxodo das populações, o que levou Raimundo Queneau a escrever que a história é a ciência da infelicidade dos homens.

Acrescentam que poucos Estados estiveram isentos da violência de massa. Da Alemanha com o nazismo, passando ao totalitarismo na URSS, aos EUA impregnados pela cultura da violência, além da escravidão dos negros, racismo e extermínio dos índios, podemos dizer que o século XXI é o das grandes catástrofes humanas: duas guerras mundiais, sem falar das tragédias como as da Armênia, Biafra, Ruanda, e outros países, no qual se inclui a Itália de Mussolini que massacrou os Etíopes, inserindo-se também o comunismo nessa faixa de tempo histórico transbordante de tragédias, impondo uma repressão metódica e instituindo o terror como forma de Estado, e o crime de massa como verdadeiro sistema de governo, obrigando a indagar se crenças e ideologias são inocentes e como provocam novas formas de adoecer.

É possível indagar se não são formas de adoecer as matanças em massa, a instituição de terror como políticas de Estado, ou o genocídio? Não seriam

²⁴⁴ CASTORIADIS apud ENRIQUEZ, Eugene. **Da horda ao Estado**: psicanálise do vínculo social: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

formas de adoecer os crimes contra o espírito, contra a cultura universal, contra as culturas nacionais? O capitalismo, com sua patologia do lucro e de maior acumulação, seria um sistema bulímico, uma forma de hiperfagia impulsiva, um apetite extraordinário, um narcisismo coletivo?

O que justifica a exacerbação da razão, que torna as nossas ideias e nossas crenças mais valiosas do que a própria vida, ou mais valiosos do que os processos de alteridade com o outro, levando à destruição, ao choque com a própria realidade para transformá-la, subjugar-la, matá-la, impondo-se pela força, de forma perversa e sádica?. Ideologias dividiram e ainda dividem nações, servindo de exemplo Cuba, cujo retrato revela a existência dos que ficaram e dos que migraram, ou de uma Venezuela dividida, rachada, que luta para evitar uma ditadura; o esfacelamento da URSS, a divisão da Coréia, e até mesmo a própria civilização em dois grandes grupos prontos a destruírem a vida na terra.

Lear²⁴⁵ alerta para a elaboração do fim de uma civilização (indígena nos EUA), ou ao que tem sido chamado “fim da civilização”, choque de civilizações”, “fim da história”, ou mesmo para a existência de grupos que têm de arcar com a perda de conceitos, perda de acontecimentos, perda de estados mentais, perda de identidade, ou para existência de tragédias motivadas e decorrentes das crenças, como servem de exemplo o holocausto dos judeus, acampamentos de palestinos na Jordânia e na Síria, ou de crenças religiosas que levaram à separação entre Paquistão e Índia, acarretando dois milhões de mortos, onze milhões de refugiados e que, segundo Tariq Ali²⁴⁶ levou Sandat Hasan Manto, um dos mais talentosos escritores urdus do subcontinente a escrever uma obra prima de quatro páginas intitulada *Taba Tek Singh*, ambientada no manicômio em Lahore na época da divisão da Índia e Paquistão, afirmando ele:

Quando cidades inteiras estão sofrendo limpeza étnica, como os asilos podem escapar? Os lunáticos sikhs e hindus são informados de que serão transferidos para instituições na Índia. Os internos rebelam-se. Eles se abraçam e choram. Precisam ser forçados a entrar nos caminhões que esperam transportá-los à Índia. Um deles, um sikh, é tão assolado pela fúria que, quando a fronteira é alcançada, recusa-se a se mover e morre na linha de demarcação que divide o novo Paquistão da velha Índia. Quando o mundo real é dominado pela insanidade, a normalidade só existe no manicômio. Os lunáticos têm uma compreensão melhor do crime que está sendo perpetrado do que os políticos que concordam com ele.²⁴⁷

²⁴⁵ LEAR, Jonathan. **Elaborar o fim de uma Civilização**. Revista a brasileira de Psicanálise. São Paulo, v. 41, n. 1, 2007.

²⁴⁶ ALI, Tariq. **O confronto de fundamentalismos**. Rio de Janeiro: Record, 2002, pp .21- 22.

²⁴⁷ Ibid.

Borradori²⁴⁸ afirma que, para Habermas, a relação entre o fundamentalismo e o terrorismo é medida pela violência e por uma patologia da comunicação. A espiral de violência começa com uma espiral de comunicação distorcida que leva, por meio de incontrolável espiral de desconfiança recíproca, à ruptura de comunicação. O remédio contra as distorções sistemáticas de comunicação que levam à violência transcultural é reconstruir um elo fundamental de confiança entre as pessoas, o que não pode ocorrer enquanto a OPRESSÃO e o MEDO DOMINAREM.

Para Habermas²⁴⁹, a razão, entendida como uma possibilidade de comunicação transparente e não manipuladora pode curar os males da modernização, entre eles fundamentalismo e terrorismo, enquanto, para Derrida, essas forças destrutivas podem ser detectadas e nomeadas, mas não totalmente controladas ou conquistadas. Se, para Habermas, os agentes patológicos são fruto da velocidade com a qual a modernização se impôs e da reação defensiva que ela provocou por parte dos modos tradicionais de vida, para Derrida, o tipo de terrorismo global subjacente aos ataques de 11 de setembro não é o primeiro sintoma da crise autoimune, mas apenas uma manifestação mais recente.

A reação defensiva vem da própria modernidade. O TERRORISMO É, PARA ELE, O SINTOMA DE UMA DESORDEM AUTOIMUNE QUE AMEAÇA A VIDA DA DEMOCRACIA PARTICIPATIVA, o sistema legal que embasa tal desordem e a possibilidade de uma separação nítida entre as dimensões religiosas e secular. As condições autoimunes implicam o suicídio espontâneo do mecanismo que deveria proteger o organismo da agressão externa. Partindo dessa análise sombria, a exortação de DERRIDA é no sentido de que se proceda lenta e pacientemente à busca de uma cura.

Portanto, se há uma patologia na comunicação, se a globalização acelerou a patologia referida, criando uma reação defensiva acompanhada do medo e do que Habermas define como o “violento desenraizamento dos modos tradicionais de vida”, dividindo a sociedade mundial em vencedores, beneficiários e perdedores, criando uma visão de mundo altamente polarizada, em que várias fontes espirituais buscam resistir à força secularizadora da influência ocidental e

²⁴⁸ BORRADORI, Giovanna. **Filosofia em Tempo de Terror** : diálogos com Habermas e Derrida, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.31

²⁴⁹HABERMAS, Jürgen. Terrorismo e o legado do iluminismo, Habermas e Derrida. In: BORRADORI, Giovanna. **Filosofia em Tempo de Terror** : diálogos com Habermas e Derrida, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.32

levou ao que Habermas, para afastar essa perigosa polarização entre a amoralidade do Ocidente e a suposta espiritualidade do fundamentalismo religioso, apele para um rigoroso autoexame da cultura ocidental, que exporta a mensagem do consumismo, e, ainda, para o exame das cadeias associativas oriundas de conflitos sociais antigos (CRISTÃOS X ÁRABES, JUDEUS X ÁRABES).

No fundo é uma questão que envolve a cultura e a religião e o que têm sido transmitido via gerações ou via transmissões psíquicas, cujas relações com o adoecer na contemporaneidade são evidentes.

Na obra “Filosofia em tempo de Terror”²⁵⁰, “o remédio contra as distorções sistemáticas de comunicação que levam à violência transcultural é reconstruir um elo fundamental de confiança entre as pessoas, o que não pode ocorrer enquanto a opressão e o medo dominarem. Esse elo dependeria tanto das melhorias das condições materiais como da cultura política em que os indivíduos se encontram em interação uns com os outros, pois, na ausência de um desses dois fatores, torna-se impossível a adoção de qualquer perspectiva mútua”. Freud, no entanto, como foi citado anteriormente, desloca a ênfase do material para o mental, enquanto a psicanálise obriga-nos a examinar o adoecer contemporâneo abordando a psicanálise das crenças, a patologia na comunicação, até mesmo a origem das tensões intragrupo, embora em psicanálise a expressão “terapia de grupo” tenha o significado de tratamento de um certo número de indivíduos reunidos em sessões terapêuticas, ou possa relacionar-se a um esforço planejado para desenvolver num grupo as forças que conduzem a uma atividade cooperativa de funcionamento livre.

O presente trabalho obriga-nos a registrar a doutrina lacaniana do inconsciente estruturado como linguagem, linguagem que é fenômeno nitidamente universal, coletivo, mas transmitida individual ou coletivamente conforme cardápio que é fornecido por outro e, ainda, confrontá-la com a doutrina junguiana, cuja contribuição convida ao exame do inconsciente coletivo, bem como examinar a relação entre cultura e psicanálise, denunciando a relação entre adoecer e cultura, assim como necessitamos definir o que entendemos por cultura, sobretudo, torna-se necessário observar o que Karl Menninger afirma que: “é verdade, porém, que no final cada homem mata a si mesmo da maneira que escolhe, depressa ou

²⁵⁰ BORRADORI, Giovanna. **Filosofia em tempo de terror** : diálogos com Habermas e Derrida, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p.31.

devagar, mais cedo ou mais tarde”²⁵¹. Ele afirma ainda que:

Não é novidade que o mundo está cheio de ódio, que os homens se destroem entre si e que nossa civilização se ergueu das cinzas de povos espoliados e recursos naturais dizimados”, matando e adoecendo outras espécies, ameaçando extinguir a própria vida.²⁵²

Cultura, na definição de Edward Taylor (1832-1917),²⁵³ tomado em seu amplo sentido etnográfico, “é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes ou qualquer capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”, mas também inclui competição, luta incessante pelo lucro e destruição de concorrentes, exclusão social e criação de objetos e de estruturas de consumo exacerbado.

Para Jacques Turgot (1704-1781)²⁵⁴, o homem é possuidor de um tesouro de signos que tem a faculdade de se multiplicar infinitamente, o homem é capaz de assegurar a retenção de suas ideias eruditas, comunicá-las para outros homens e transmiti-las para seus descendentes como uma herança sempre crescente. No entanto, para Alfred Kroeber (1876-1960)²⁵⁵, a cultura, mais do que herança genética, determina o comportamento do homem. Para ele, o homem age de acordo com seus padrões culturais, sendo a cultura o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos. Em vez de modificar para isso seu aparato biológico, o homem modifica seu equipamento superorgânico.

A cultura é um processo acumulativo resultante de toda experiência histórica das gerações anteriores, tendo os instintos humanos sido parcialmente anulados pelo longo processo evolutivo porque passou o ser humano.

As teorias modernas sobre cultura a vêem da seguinte forma: como um sistema adaptativo (Leslie White, Sahlins); como sistema cognitivo, que considera a “cultura um sistema de conhecimentos, ou então como sistemas estruturais, ainda, como um sistema simbólico, uma criação acumulativa da mente humana. Caberia ao antropólogo descobrir na estruturação dos domínios culturais — mito, arte, parentesco e linguagem — os princípios inconscientes que geram essas

²⁵¹ MENNINGER, Karl. **Eros e Tânatos: o homem contra si próprio**. São Paulo: Ibrasa, 1970.

²⁵² Ibid.

²⁵³ TAYLOR, Edward (1832- 1917) In: Jarbas. Disciplina **Cultura e Linguagem**. São Luis, 2008. (Aulas proferidas no Curso de Especialização em Psicanálise, Filosofia e Contemporaneidade, pelo Instituto Laboro, Universidade Estácio de Sá).

²⁵⁴ TURGOT, Jacques (1704-1781) In: Jarbas. Disciplina **Cultura e Linguagem**. São Luis, 2008. (Aulas proferidas no Curso de Especialização em Psicanálise, Filosofia e Contemporaneidade, pelo Instituto Laboro/Universidade Estácio de Sá).

²⁵⁵ KROEBER, Alfred (1876-1960). In: Jarbas. Disciplina **Cultura e Linguagem**. São Luis, 2008. (Aulas proferidas no Curso de Especialização em Psicanálise, Filosofia e Contemporaneidade, pelo Instituto Laboro, Universidade Estácio de Sá).

elaborações culturais; segundo Geertz²⁵⁶, cultura não é só considerada como um complexo de comportamentos concretos, mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras e instruções para governar o comportamento.

Freud tinha esperança de fazer crescer o processo civilizatório por meio de uma educação não religiosa e **através da primazia da razão**, e em dois trabalhos — “O Futuro de uma Ilusão” e “O Mal Estar na Civilização” — estabeleceu as linhas gerais da relação entre cultura e linguagem, mas é a própria exacerbação da razão que tem servido para assassinatos em massa, obrigando-nos a questionar uma psicanálise que ancora seus objetivos no estabelecimento da razão.

No “Futuro de uma Ilusão” ele mostra o que quer dizer com a expressão civilização humana: “tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais”. Despreza ter que distinguir entre cultura e civilização, uma vez que elas apresentam dois aspectos ao observador: “por um lado inclui todo conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro lado, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível”. Mas não observa a autonomia das produções e representações coletivas.

Para Freud²⁵⁷, a civilização também é algo que foi imposto a uma maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção. Ele vê não só o processo civilizatório sobre a coerção e a renúncia ao instinto, como constata que em todos os homens estão presentes tendências destrutivas, antisociais e anticulturais, e que, num grande número de pessoas, essas tendências são suficientemente fortes para determinar o comportamento deles na sociedade.

Em princípio, diz ele, poderíamos pensar que, na sua essência, o processo civilizatório realiza-se por meio do controle da natureza para o fim de adquirir riqueza, e que os perigos que a ameaçam poderiam ser eliminados por meio de uma distribuição apropriada dessa riqueza entre os homens, mas desloca a

²⁵⁶ GEERTZ. In: Jarbas. Disciplina **Cultura e Linguagem**. São Luis, 2008. (Aulas proferidas no Curso de Especialização em Psicanálise, Filosofia e Contemporaneidade, pelo Instituto Laboro, Universidade Estácio de Sá).

²⁵⁷ FREUD, Sigmund. **Mal-estar na Civilização. Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 21.

ÊNFASE DO MATERIAL PARA O MENTAL. Vê como uma questão decisiva saber se, e até que ponto, é possível diminuir o ônus dos sacrifícios instintuais impostos aos homens, reconciliá-los com aqueles que necessariamente devem permanecer e fornecer-lhes uma compensação.

Ele observa que o processo civilizatório inclui todo conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível. As duas tendências da civilização são independentes uma da outra: em primeiro lugar, porque as relações mútuas dos homens são profundamente influenciadas pela satisfação instintual que a riqueza existente torne possível; segundo, porque, individualmente, um homem pode, ele próprio, vir a funcionar como riqueza em relação a outro homem, na medida em que a outra pessoa faz uso da sua capacidade de trabalho ou o escolha como objeto sexual; terceiro, porque todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização, embora se suponha que esta constitua objeto de interesse humano universal.

Já em o “O Mal Estar na Civilização”, Freud, aproveitando-se de uma carta de um amigo, que refere a existência de um sentimento oceânico, realiza um outro tipo de abordagem e introduz-nos num outro tipo de reflexões, traçando as linhas fronteiriças entre o ego e o mundo externo. Estas se tornam incertas, acham-se incorretamente traçadas, afirmando que há casos em que partes do próprio corpo de uma pessoa, inclusive partes de sua própria vida mental — suas percepções, pensamentos e sentimentos —, lhe parecem estranhas e como não pertencentes ao seu ego; há outros casos em que a pessoa atribui ao mundo externo coisas que claramente se originam em seu próprio ego e que por este deveriam ser reconhecidas. Assim, até mesmo o sentimento de nosso próprio ego está sujeito a distúrbios, E AS FONTEIRAS DO EGO NÃO SÃO PERMANENTES. [...] A FIM DE DESVIAR CERTAS EXCITAÇÕES DESAGRADÁVEIS QUE SURGEM DO INTERIOR, O EGO NÃO PODE UTILIZAR SENÃO OS MÉTODOS QUE UTILIZA CONTRA O DESPRAZER ORIUNDO DO EXTERIOR, E ESTE É O PONTO DE PARTIDA DE IMPORTANTES DISTÚRBIOS PATOLÓGICOS. DESSE MODO, ENTÃO, O EGO SE SEPARA DO MUNDO EXTERNO. OU NUMA EXPRESSÃO MAIS CORRETA, ORIGINALMENTE O EGO INCLUI TUDO;

POSTERIORMENTE, SEPARA, DE SI MESMO, UM MUNDO EXTERNO.

Steurman,²⁵⁸ ao apontar três modelos de mente na obra de Freud, afirma que, se antes a mente era formada na luta do indivíduo para sobreviver e se adaptar à realidade, depois Freud passa a conceber o id pulsional como vida e morte, tanto como o repositório de forças vitais quanto como o desejo silencioso de atacar e destruir tudo o que promove a vida.

A verdade é que, em Freud, pulsão de morte e pulsão de vida, transformam-se numa batalha mítica entre EROS E TÂNATOS. No entanto, apesar do desejo de Freud que almejava pela primazia da razão, muitos dos problemas contemporâneos decorrem da razão, como aliás observa Luis Carlos Menezes²⁵⁹:

Os dois grandes projetos históricos (refiro-me naturalmente ao comunismo e ao nazismo) estavam, nessa perspectiva, de acordo com as exigências da razão. Afirmação chocante, mas que se encontra desenvolvida de forma bastante convincente sob a pluma de Z. Bauman, cuja tese central é a de que o nazismo não foi uma aberração em nossa cultura, toda calcada na filosofia das Luzes e da Revolução Francesa, mas foi a forma mais extrema de sua lógica, que ele chama “lógica do jardim”. Esta consiste em selecionar criteriosamente as plantas escolhidas para crescer no jardim, eliminando as “pragas”, ou seja, as plantas indesejáveis e, portanto nocivas ao desenvolvimento das demais.²⁶⁰

Observa, ainda, que “tanto o desenvolvimento nas ciências como na política visou, nessa perspectiva, alcançar a boa ordem das coisas, organizando as cidades e a relação dos cidadãos de maneira que se integrassem ao projeto coletivo do bem comum, prevendo lugares adequados para neles colocar os que não podiam se integrar, como, por exemplo, os loucos e os tuberculosos nos asilos previstos para isso, os doentes nos hospitais, etc. Nada mais razoável. O operário do realismo socialista e o ideal nazista de novo homem são cultivados, da mesma forma, segundo a lógica do jardim: tudo que é frágil, doente, estrangeiro, suspeito, elimina-se, tal como se eliminam as pragas, para que as boas plantas floresçam fortes e saudáveis.

Do processo cultural ao civilizatório, da satisfação instintual ao mental, do mental ao ego que inclui tudo e posteriormente separa de si mesmo um mundo externo, do ego às patologias, Freud introduz-nos no universo inconsciente e na psicanálise e do que ele chama de psicologia profunda, enquanto Faustino Teixeira

²⁵⁸ STEURMAN, Emilia. **Limites da razão**: Habermas, Lyotard, Melanie Klein e a racionalidade, p. 106.

²⁵⁹ MENEZES, Carlos. Preservem as flores Selvagens: aderência, adesão e lucidez. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 40, n. 2, 2006.

²⁶⁰ Ibid.

²⁶¹ introduz-nos na mística e na visão de Abraham Joshua Heschel (1907-1972), um dos mais importantes filósofos do judaísmo no século XX, que afirma que **“o que distingue o homem do animal é a infinita, imprevisível capacidade para o desenvolvimento de um universo interior”**²⁶² (Grifo nosso). E é esse universo interior que Freud procura revelar através da psicanálise, enquanto, para Faustino Teixeira, os grandes místicos desvelam e desbastam com grande maestria, abrindo as janelas inusitadas para um novo modo de ser no mundo.

No dizer de Bion²⁶³, a terapêutica de indivíduos reunidos em grupos é geralmente da natureza de uma explicação do problema neurótico, com reasseguramento da confiança, e, às vezes, gira principalmente em torno da catarse da confiança pública. A terapêutica de grupos dá a possibilidade de versar sobre a aquisição de conhecimentos e experiências dos fatores que contribuem para um bom espírito de grupo.

No tratamento do indivíduo, a neurose é apresentada como um problema do indivíduo. No tratamento de um grupo, ela tem ser apresentada como um problema do grupo. Já na questão social a ênfase deve ser posta sobre os mecanismos autônomos que foram construídos e que esmagam os indivíduos, nas distorções e patologias da comunicação, nos sistemas repressivos em vifor.

Quando se desloca a questão do individual para os pequenos grupos, universo no qual se move a psicanálise em termos clínicos, e daí para relações intragrupais, cujo inconsciente apresenta traços distintos, que constroem o mundo como representação, de formas diversas, mas levando aos conflitos entre elas, desagregação, violência, dor, sofrimento e conflitos, até aos sistemas de crenças que vigoram, uma contribuição possível é de que a psicanálise possa dar é a da interpretação para que se conheça e obtenha uma ampliação de consciência. Jung²⁶⁴, numa carta a um colega, Dr. S., datada de 27.3.1937, referindo a um sonho que foi relatado na carta que lhe foi enviada, afirma que “toda cultura é ampliação da consciência..”

O que é externo e interno, o que é real e irreal, o que traz liberdade interior e escravidão, ciência e superstição, em síntese, esse grande universo que

²⁶¹ TEIXEIRA, Faustino. **Nas Teias da Delicadeza**: itinerários místicos, São Paulo: Edições Paulinas, 2006, p. 8.

²⁶² HESCHEL, Joshua (1907-1972) apud TEIXEIRA, Faustino. **Nas Teias da Delicadeza**: itinerários místicos, São Paulo: Edições Paulinas, 2006, p. 8.

²⁶³ BION, W. R. **Experiências com grupos**. Rio de Janeiro: Ed. Imago; São Paulo: Ed. Universidade. 1975, p. 3.

²⁶⁴ JUNG, Carl Gustav. **Cartas 1906-1945**. Rio de Janeiro: Vozes. 1999, p.244, v. 1.

envolve cultura, civilização e a própria jornada do homem em busca de satisfação material, instintual ou liberdade, torna-se um universo fascinante, que é objeto da psicanálise, da filosofia, da teologia e da própria ciência. No centro de todas as questões, encontramos vida e morte e a questão do adoecer.

O adoecer contemporâneo envolve uma multiplicidade de aspectos, desde os oriundos das transformações psíquicas provocadas pelo capitalismo, até o adoecer nas comunidades relativamente primitivas. Jung cita como exemplo o estado de *amok*, que corresponde ao furor guerreiro (*Berserkertum*) das sagas germânicas. Trata-se de um estado de transe mais ou menos completo, muitas vezes acompanhado de efeitos sociais devastadores. Mesmo uma emoção comum pode causar uma considerável perda de consciência. Por isso é que os primitivos empregam formas refinadas de cortesia: falam em surdina, depõem as armas, arrastam-se pelo chão, curvam a cabeça, mostram a palma das mãos. Nossas próprias formas de cortesia ainda revelam uma atitude religiosa em relação a possíveis perigos psíquicos.

No dizer de Santner,²⁶⁵ todo arcabouço ideológico toma emprestado matéria fantasística. Uma ideologia decorre da imaginação que passa a ter uma profunda significação para o indivíduo ou coletividade. Sua matéria é movida pela dimensão pulsional da função simbólica e que passa a ser inscrita no campo dos valores culturais. O arcabouço fantasístico exerce fascínio e, ao circunscrever o objeto da crença, também articula a operação de acreditar e o agir, demonstrando o funcionamento global do significante e da lei do significante. Segundo Certeau²⁶⁶ a loucura não é particular. Ela é geral, fazendo parte de qualquer instituição que assegure uma linguagem do sentido, seja do direito, seja da verdade. A ideologia, imposta pelo outro, pelos significantes e desejos, não é autorizada por coisa alguma, desempenhando um papel que é um engano, cujo segredo encontra-se guardado, precisando ser desvelado.

²⁶⁵ SANTNER, Eric L. **A Alemanha de Shreber**: uma história secreta da modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

²⁶⁶ CERTEAU apud SANTNER, Eric L. **A Alemanha de Shreber**: uma história secreta da modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

8 NATUREZA E ADOECER

O termo natureza, segundo Enriquez²⁶⁷,

É utilizado para designar quatro tipos de realidades: as forças da natureza (os elementos impetuosos, as doenças), o destino (o que se expressa no penoso enigma da morte), a relação espontânea (relação predatória e de estupro) que existe nos homens em estado de mera natureza, e a fraqueza humana (que se liga a um estado de angústia infantil). A vida dos homens em estado natural é difícil suportar, está sujeita a terrores cotidianos e encontra-se sempre gravemente ameaçada. O homem aspira, então, a ser protegido e consolado. É esse o papel que a civilização vai assumir. [...] O papel da civilização é o de fazer morrer em nós a natureza, ou seja, a irredutível violência que levaria, se pudesse exprimir-se plenamente, ao advento de um tirano, o único que poderia ser irrestritamente feliz.

Afirma Enriquez que, no que pertine às forças da natureza, a razão não poderá jamais ter controle, e, no que diz respeito ao cultural e social, toda ideologia²⁶⁸ é criadora de um espaço imaginário que suscita projetos e desencoraja outros. Ela permite um recomeço prometendo o impossível imediatamente, num prazo extremamente curto.

Miller²⁶⁹ afirma que, do ponto de vista freudiano, a teoria da cultura faz surgir o termo antitético “natureza”, ao qual o termo “cultura” se opõe. Diz ele que não “este não é um tema exclusivamente freudiano, pois os filósofos já afirmavam que o homem é um animal desnaturado, qualificando-o como animal afetivo, o que pode significar o desnaturamento do animal humano. Dizer que o homem é um animal político, ou um animal que fala, é dizer que na humanidade a natureza foi substituída pela cultura. [...] Houve tentativa na filosofia de pensar que seria necessário ao homem voltar à natureza, pois todas as enfermidades humanas eram conseqüência da cultura; portanto, seria oportuno voltar à suposta harmonia do ser humano com a natureza.”

Jung²⁷⁰ afirmava que não estava absolutamente convencido de que “o inconsciente seja, de fato, tão somente minha psique, pois o conceito de inconsciente significa que não tenho consciência dele”. Acrescenta que “a personalidade humana é constituída de duas partes: “a primeira é a consciência e tudo o que ela abrange; a segunda é o interior de amplidão indeterminada da psique

²⁶⁷ ENRIQUEZ, op. cit. p. 84.

²⁶⁸ ENRIQUEZ, op. cit. p. 74.

²⁶⁹ MILLER, Jacques-Alain. **Lacan Elucidado: palestras no Brasil**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1997. p. 287,288.

²⁷⁰ JUNG. **Psicologia da religião ocidental**. Petrópolis: Vozes, 1983.

inconsciente”.

Ocorre que as relações entre natureza, interno e adoecer, são mais difíceis de serem demonstradas, em face do materialismo, do mecanicismo e individualismo que reinam na psicologia contemporânea, mas não faltam estudos sobre o assunto abrindo novas hipóteses científicas e perspectivas doutrinárias.

Herrmann fala da ilusão da individualidade dizendo que :

Os três enganos, acoplados, fazem crer ao homem que ele está de fato em oposição a seus coletivos, ao grupo, à sociedade, à espécie, sendo, portanto, um todo indiviso, um indivíduo separado, ao invés de uma confluência de determinações do real. Por crer-se assim, e a teoria explícita endossa tal visão, contrapõem indivíduo e realidade, equívoco final. A conjunção de interesse da espécie, valores sociais e determinações da realidade, cria esta condição especial do ser que se autodenomina indivíduo humano; sua convergência passa a existir por si mesma, autonomiza-se, isola-se, individualiza-se. Realidade, espécie e sociedade constroem o homem que se reconhece, reproduz e modifica, para satisfação de seu interior exigente, que é, na verdade, a presença interiorizada dessas mesmas entidades, sob forma de premência. [...] O homem individual comparece então como simples mediador das potências, correndo de cá para lá dentro de si mesmo, enquanto crê ser um indivíduo autônomo.²⁷¹

A psicanálise, segundo afirma Herrmann²⁷², não é um individualismo uma vez que sua teoria reflete o papel jogado por forças de várias ordens, que atravessam os níveis múltiplos de instâncias da psique e o que:

O que faz com que a realidade se contraponha ao indivíduo, como o choque de dois projetos, é esse engodo que vemos desenrolar-se, para depois voltar e enrolar-se sobre si mesmo. Indivíduo e realidade criam-se antagônicos, apenas por tal jogo de espelhos. Como o cão que ladra contra sua imagem, o indivíduo e a realidade da teoria freudiana, sendo idênticos, não se reconhecem a se tentam morder²⁷³

Stein,²⁷⁴ por sua vez, nos transmite as preocupações dos estudos desenvolvidos por Jung quando afirma que:

Jung com Wolfgang Pauli, este prêmio Nobel de Física em 1952, publicaram juntos o livro *Naturerklärung und Psyche* (A interpretação da Natureza e a Psique), que era uma tentativa de elucidação das possíveis relações entre natureza e psique. É significativo que Jung publicasse essa obra em conjunto com um cientista vencedor do Nobel e não com um filósofo, um teólogo ou um mitologista. De obra teórica de Jung, esse estudo sobre sincronicidade é o que está sujeito às mais grosseiras distorções. Jung queria evitar ser visto como um místico ou um excêntrico, e é evidente que se preocupava em especial com a forma de expor essa parte do seu pensamento aos olhos do público científico moderno. O ensaio de Pauli, “A influência de ideias arquetípicas sobre a expressão das teorias científicas de Kepler”, investiga os padrões arquetípicos no

²⁷¹ HERRMANN, Fabio. **Andaimos do real**: psicanálise do cotidiano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

²⁷² HERRMANN. op. cit. p. 285.

²⁷³ Ibid.

²⁷⁴ STEIN Murray . **Jung O mapa da alma**, p. 178, São Paulo: Cultrix, 2006.

pensamento científico de Kepler, e, num certo sentido, prepara o terreno para a mais temerária contribuição de Jung, o ensaio “Sincronicidade: um princípio de conexões causais. Essa obra sobre sincronicidade acrescenta à teoria psicológica de Jung a noção de que existe um alto grau de continuidade entre a psique e o mundo, de tal modo que imagens psíquicas (as quais incluem também núcleos de pensamentos científicos abstratos, como o de Kepler) podem revelar também verdades sobre a realidade no espelho refletor da consciência humana, uma vez que a psique “não é algo que começa e termina somente em seres humanos e em isolamento do cosmo. Há uma dimensão na qual a psique e o mundo interagem intimamente e se refletem reciprocamente. Essa é a tese de Jung”²⁷⁵.

Freire²⁷⁶ por sua vez afirma:

Presta atenção: todos os seres — cães, pássaros, formigas, seres humanos — tudo o que possui realidade física, encontra-se, inseparavelmente, vinculado a seu meio. Certo? Por outro lado, todos os seres possuem características, propriedades que só podem ser compreendidas em termos de sua interação com o conjunto maior, que é a natureza. O interessante é descobrir que tudo o que ocupa lugar no espaço determina a estrutura do espaço circunvizinho e é também, influenciado, de forma essencial, por esse meio. Se tu ocupas lugar no espaço, tu determinas a sua estrutura: quer dizer, o espaço passa a ser “ocupado” por ti. Esse espaço, assim modificado, exerce influência sobre ti. Explicado? Essa foi uma grande contribuição que nos trouxe a física quântica. Precisamente, a nova física descobriu a existência de um “campo quantizado” criado pelas interações que acontecem entre as partículas que formam o átomo. Este campo está presente em todos os pontos do espaço. Sabes o que isto significa? Significa que ele torna possível a interatividade de tudo que existe em termos de troca e de mutações. Se os pássaros, os répteis, os cães, os lobos, manifestam um conhecimento acerca da proximidade da chuva, deve-se a isso a que os físicos chamam de Unidade Única, que pervade toda a realidade, sem que com ela se confunda. Se não existisse essa Unidade, não haveria qualquer unidade fundamental na realidade. Tudo seria um puro ajuntamento, sem comunicabilidade, sem autogestão. É essa unidade que torna possível a interação profunda que há na natureza. “É dessa Unidade Única (pois ela não é uma entre as demais) que parte o comando, aquele que torna possível, para além do espaço e do tempo, a comunicação na sua forma mais profunda de ser. [...] O que torna possível a interação entre seres da natureza é a presença desse “campo quantizado”, criado a partir das interações. Por outro lado, há UMA UNIDADE ÚNICA que perpassa toda a realidade, sem o que todo o conjunto do que existe seria puro ajuntamento.

O surgimento de um novo paradigma, o da física quântica, por outro lado, vem expondo as falhas do realismo materialista, que é uma forma de metafísica adotada pela medicina convencional. É um paradigma que vê a ciência dentro da consciência, além de acabar com os dualismos ao firmar o primado da consciência, que vem em primeiro lugar e que é o fundamento de todo ser. Tudo o mais, inclusive matéria, seria uma possibilidade da consciência, que escolhe as

²⁷⁵ STEIN, Murray. **Jung O mapa da alma**, São Paulo: Cultrix, 2006. p. 178),

²⁷⁶ FREIRE, Airton²⁷⁶ **Natura: uma concepção sistêmica da natureza**. São Paulo: Bagaço.

possibilidades dos eventos que vivemos.

Ele ensina que essa é uma concepção diferente da medicina de máquina, feita para máquinas, cujos exemplos são a cirurgia mecânica ou os transplantes de órgãos, assim como remédios, que têm natureza mecânica.

Esse novo paradigma, que é oriundo dos estudos da física contemporânea, permite uma associação da física com psicologia e espiritualidade, mas acrescenta elementos novos e diversos aos da ciência convencional, esta uma ciência determinista que continua válida no seu próprio plano, o estritamente material, e que usa máquinas para quantificar, enfim, uma ciência de objetos, que desenvolve teorias de objetos e os relaciona com outros objetos, uma ciência cujos profissionais da medicina acadêmica acreditam na física clássica, a física determinista inaugurada por Isaac Newton, mas não explica a consciência.

Ensina Goswami²⁷⁷ que na concepção da física inaugurada por Isaac Newton todos os movimentos são materiais e determinados por leis físicas e pelos valores iniciais dos objetos materiais envolvidos. Mas, na visão da física quântica, os objetos são descritos como ondas de possibilidades que podem estar em dois lugares ao mesmo tempo. Na física quântica as coisas não acontecem do mesmo modo da física clássica, uma vez que ela fala de incerteza. Em vez de partículas ou ondas, ou de alguma visão da física clássica, a física quântica introduz complementariedade, onda e partícula, isto e aquilo, leva a consciência à física: ***quem observa o que acontece com o que está sendo observado.***

Na física clássica, todo movimento é contínuo e determinável por cálculos matemáticos e algoritmos que exigem continuidade, enquanto na física quântica, além do movimento contínuo, são possíveis “saltos quânticos”, descontínuos. A física quântica vê as coisas e os seus movimentos como possibilidades. *Quem escolhe entre essas possibilidades?*

Goswami ensina ainda que “a física clássica nos obriga a ver os objetos como ‘coisas’ cujos movimentos são totalmente determinados pelas leis físicas e por algumas condições iniciais (posição e velocidade iniciais). Em contraste, na física quântica, os objetos são calculados como ondas de possibilidades, não como movimentos determinados. É a observação feita por alguém que precipita um dado evento entre as várias possibilidades. Abre-se assim a janela visionária: as

²⁷⁷ GOSWAMI. **O médico quântico.** São Paulo: Cultrix, 2006. p.37.

possibilidades são possibilidades da consciência de escolher; quando a consciência escolhe, precipita-se um evento real que consiste em um sujeito observando um objeto. Isso é o que o físico quântico chama de evento de ‘colapso’. [...] Colapso significa simplesmente a passagem de uma condição de possibilidade para um estado de ser.”²⁷⁸

Nessas confluências de forças — estrutura atômica, consciência, ação — acontecem o adoecer, a enfermidade, o sofrimento, o mal-estar contemporâneos, a morte, e, ainda, encontram-se e interrelacionam-se indivíduo, sociedade e natureza. É surpreendente a visão de Aristóteles, quando, na sua “Ética a Nicômanos”, ensinava que devemos examinar o que é relativo às ações, como realizá-las, pois elas são as principais causas da formação dos diversos modos de ser. O que ele não nos deixou, em face da inexistência de conquistas científicas, é como as ações plasmam, alteram, deformam, formam os diversos modos de ser, acarretando enfermidades, mal-estar, sofrimento e o próprio adoecer.

A psicanálise preocupa-se com a psique-inconsciente, efetuando os aprofundamentos e desdobramentos em campos teóricos próprios no que se chama “homem psicanalítico, mas sem se preocupar com a consciência e de como ela é plasmada pela ação, pela linguagem.

No campo filosófico, Lévinas²⁷⁹ nos fala da intencionalidade da consciência. Diz ele: toda consciência é consciência de alguma coisa, não é descritível sem referência ao objeto que pretende. Focagem intencional que não é um saber, mas que, nos sentimentos ou aspirações, é, com o seu próprio dinamismo, afetivamente qualificada.

Theilard de Chardin²⁸⁰, segundo Airton Freire, por sua vez, nos livros *O Meio Divino* e *o Fenômeno Humano*, nos deixou um conceito de consciência no sentido de perceber conscientemente. Consciência, para ele, é o efeito específico da complexidade organizada: um sistema extremamente simples e que foi se tornando complexo e, no percurso, encaminhou-se em direção a um patamar superior, no que diz respeito ao nível de consciência, que culmina com a espiritualidade humana.

²⁷⁸ Ibid.

²⁷⁹ LEVINAS. *Ética e infinito*. Portugal: Edições 70, 2007.

²⁸⁰ CHARDIN, Theilard de. Apud FREIRE, Airton. *Natura: uma concepção sistêmica da natureza*. São Paulo: Bagaço.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um adoecer coletivo, no qual a distinção entre defeito social, adoecer psíquico, enfermidade e sofrimento são difíceis de precisar, mas podem ser demonstrados.

A enfermidade e o sofrimento incomodam, perturbam, indagam sobre a natureza do ser humano, demonstram o seu mal-estar, denunciando que o que o ser humano faz, o seu agir, decorre das teias ilusórias pessoais e sociais sempre mutáveis, mas à procura de ordem e estabilidade, ou é oriundo de condições sociais e ideológicas que envolvem os seres humanos, até porque o que pensamos como “individual” e “social” é, na análise final, a mesma coisa porque o homem finda sendo produto de um cardápio que lhe é fornecido pronto.

São condições oriundas do agir, do pensar onipotente e da ilusão de um progresso externo ilimitado, de expansão narcísica que nega todo vínculo com o outro, tornando-o um ser a ser explorado, que também é fruto do desejo e de uma onipotência infantil que pensa e acredita que tudo pode submeter, mas que criaram uma civilização perdulária, prisioneira dos próprios mecanismos e sistemas, que lança os homens para o externo, de homens que querem ter sem ser, sustentados e movidos por suas representações e pelas idéias de um progresso que seria necessário para atender demandas de desejos de uma população em expansão, ou que parte da premissa de que é normal e razoável que as pessoas tenham desejos ou necessidades materiais ilimitadas, mas que findam sendo construtores de uma economia voltada para o lucro a qualquer custo, para a acumulação crescente de capital, sustentada nas idéias de riqueza a ser construída nas apostas das bolsas de valores ou na busca de lucro fácil, ou mesmo na hipótese do interesse pessoal e racional que entende que o homem econômico é dotado de uma racionalidade que está associada à procura constante em obter o máximo de utilidade ou lucratividade na aquisição dos bens escassos, mas sem observar a indiferença distributiva que não considera as desigualdades na distribuição da felicidade, ou mesmo o descaso com os direitos e liberdades dos outros.

O adoecer na sua relação com a natureza nos questiona sobre a relação do que é interno com a natureza e a forma e o modo como se interrelacionam, tendo sido apresentado no presente estudo três aspectos: o da estrutura atômica do ser humano, que é um dado da natureza, a consciência, que não é algo

propriamente individual, e a ideia junguiana do inconsciente coletivo e de que psique individual não retrata todo o inconsciente.

Cabe, por fim, registrar que o vocábulo indiano para indicar consciência é *agni*, que remete à ideia de consciência e fogo, transmitindo uma ideia mais próxima das conquistas da física quântica e abrindo perspectivas para novos estudos sobre consciência e o adoecer.

REFERÊNCIAS

- ARENDETT, Hanna. **A condição humana**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. p.10.
- ARISTÓTELES. **Ética a nicomaco**. Madri. Instituto de Estudos Políticos. 1970.
- BAILEY, Alice. **Espejismo - glamour**: un problema mundial. Buenos Aires: Fundación Lucis: Editorial Kier, 1961.
- _____. **La curación esotérica**. Buenos Aires: Fundación Lucis, Editorial Kier, 1964.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998.
- BENTO XVI, Papa. **Carta Encíclica Spe Salvi**. A Esperança Salva. Disponível em:< http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documentd/hf_ben_enc....>. Acesso em: 24 abr. 2008.
- BERGAMIN FILHO, A.; KIMATI, H.; AMORIM, L. **Manual de Fitopatologia**. 3. ed. São Paulo: Agronômica Ceres, 1995.
- BETANCOURT, Ingrid. **Cartas à mãe**: direto do inferno. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. **Amós**. CPAD Estados Unidos, Casa Publicadora das Assembléias de Deus.1996.
- _____. **Eclesiastes**. CPAD Estados Unidos, Casa Publicadora das Assembléias de Deus.1996.
- BION. W. R. **Experiências com grupos**. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Universidade, 1975.
- BODHABHIKSHU, Brahmacharin. **La Filosofia esotérica de la Índia**. México, DF: Editorial Orion, 1967, p.44.
- BONDER, Nilton. **Ter ou não ter, eis a questão**: a sabedoria do consumo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- BORRADORI, Giovanna. **Filosofia em tempo de terror**: diálogos com Habermas e Derrida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Declaração de Alma Ata**. Brasília: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. 2002.
- BRUSSET, B.; COUVREUR, C.; FINE, A. **A Bulimia**. São Paulo: Escuta, 2003.
- CANETTI, Elias. **Massa e poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- PRADO, Maria do Carmo Cintra Almeida. **O Mosaico da violência**: a perversão da vida cotidiana. São Paulo: Vetor, 2004.

CHARDIN, Theilard de. **O Meio divino**: ensaio de vida interior. Lisboa: Editorial Presença, sem data.

DAHLKE, Rüdiger. **A doença como linguagem da alma**: os sintomas como oportunidade de desenvolvimento. São Paulo: Cultrix, 2007. p. 15- 16.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

ENDO, Paulo Cesar. **A Violência no coração da cidade**: um estudo psicanalítico. São Paulo: Escuta, FAPESP, 2005. p. 107.

ENRIQUEZ, Eugene. **Da horda ao Estado**: psicanálise do vínculo social: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FERNANDES, Maria Helena. Transtornos alimentares. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, n. 4, p. 40, 2006.

FERRAZ, Flávio Carvalho. A tortuosa trajetória do corpo na psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, [s.l], v. 41, n. 4, p. 66, 2007.

FREIRE, Airton. **Natura**: uma concepção sistêmica da natureza. Recife: Bagaço, 1999.

FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Mal-estar na civilização**: obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21. p. 85.

_____. **O Futuro de uma ilusão**. Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21.

_____. **Psicologia de grupo e a análise do eu**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 18.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7.

FREUD, Sigmund. **Reflexões para os tempos de guerra e de morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.57.

FUKS, Betty Bernardo. Reflexões sobre a guerra e a segregação constitutiva do outro nos regimes políticos totalitários. In: FONTENELE, Laéria (org.). **Psicanálise**: teoria, clínica e conexões. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2006.

FROMM, Erich. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983. 347. p. 27.

FUKS, Bernardo. **Reflexões sobre a guerra e a segregação constitutiva do outro nos regimes políticos totalitários**, 1982. p. 58.

GONÇALVES, Luiza Helena Pinheiro. **O discurso do capitalista**: uma mensagem em curto-circuito. São Paulo: Via Lettera, 2000.

GOSWAMIR, Amit. **O médico quântico**. São Paulo: Cultrix, 2006. p.37.

HERRMANN. **Andaimes do real**: psicanálise do cotidiano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos extremos**: o breve Século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORN, Admar. A Sedução da violência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 40, n. 1, 2006.

HORNEY, Karen. **Psicologia feminina**. [S.l]: Bertrand Brasil, 1991.

HOUAISS, . **Dicionário de Língua Portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001, pp.88/89.

JUNG, Carl Gustav. **Cartas 1906-1945**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. v. 1. p. 244.

_____. **O Eu e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978. p. 133-134.

_____. **Fundamentos da Psicologia Analítica**: as conferências de “Tavistock.” Rio de Janeiro: Vozes, 1972. p. 207.

_____. **Psicologia da religião ocidental e oriental**. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 47-48.

KEPPE, Marc André R. **Curso de psicanálise**. São Paulo: Edições Inteligentes, 2006. p. 245 -246.

KOLTAI. Caterina. Violência e indiferença: duas formas de mal-estar na Cultura. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v.13, n.3, 1999.

KROEBER, Alfred (1876-1960). In: JARBAS. **Cultura e Linguagem**. São Luís, 2008. (Aulas proferidas no Curso de Especialização em Psicanálise, Filosofia e Contemporaneidade, pelo LABORO, Universidade Estácio de Sá).

LACAN. Jacques. **O Seminário**: livro 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. p. 21.

LAPLANCHE, Jean. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. p.13-14.

LEAR, Jonathan. Elaborar o fim de uma civilização. **Revista a Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 1, 2007.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p. 12.

_____. **Ética e infinito**. Portugal: Edições 70, 2007. p.15.

LIMA, Maria Jenny Mitraud; ALBUQUERQUE, Trícia Kommers. Banco de dados de perfis genéticos no combate aos crimes sexuais. **Revista Perícia Federal**, Brasília,

DF, n. 26, p. 13-14, jun.2007 – mar.2008.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manole, 2005. p. 11.

MENEZES, Luis Carlos. Preservem as flores selvagens: aderência, adesão e lucidez. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 40, n.2, 2006.

MENNINGER, Karl. **Eros e tânatos**: o homem contra si próprio. São Paulo: Ibrasa, 1970.

MICHELIN, Kátia et al. Banco de dados de perfis genéticos no combate aos crimes sexuais. **Revista Perícia Federal**, Brasília, DF, n 26, p. 13-14, jun.2007- mar.2008.

MILLET, Jacques-Alain. **Lacan Elucidado: Palestras no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1997.

MORAES, Renate Jost de. **O inconsciente sem fronteiras**: São Paulo: Editora Santuário, Vale Livros, 1995. p. 33.

NOSEK, Leopoldo. A metáfora da ecologia. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 4, 2007.

ORTEGA, Y.; GASSET, José. **A rebelião das massas**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 23.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA. **Lexicon**: termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas. Brasília: CNBB, 2007.

RIAIZ, Eduardo. **Modernidade, pós-modernidade e hiper-modernidade**. Distribuição em sala, sem referência de publicação.

RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório**. SP. Companhia das Letras. 1972. p.172.

ROHDEN, Huberto. **Ciência, milagre e oração são compatíveis?**. São Paulo: União Cultural, ano sem referência na publicação.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A análise e o arquivo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Filósofos na tormenta**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. **O paciente, o terapeuta e o Estado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 19.

SACKS, Jonathan. **Para curar um mundo fraturado**: a ética da responsabilidade, São Paulo: Sêfer, 2007. p.139.

SAFRA, Gilberto. **A face estética do self**: teoria e clínica. São Paulo: Idéias e Letras; Unimarco, 2005. p.11.

SANTNER, Eric L. **A Alemanha de Schreber**: uma história secreta da modernidade.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

SAWAIS, Bader (org). **As artimanhas da exclusão social**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Rio de Janeiro: Vozes, ano.

SCHNEERSON, Menachen Mendel. **Rumo a uma vida significativa**. São Paulo: Maayanot, 2001. p.104.

SOUZA, Jessé. **Simmel e a modernidade**. 2. ed. Brasília: UNB, 2005. p. 8-9.

SPILLIUS, Elizabeth Bott. **Uma evolução da Clínica Kleiniana**: da antropologia à psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 101-102.

STEIN, Murray. **Jung**: o mapa da alma. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 178.

STEUERMAN, Emilia. **Os limites da razão**: Habermas, Lyotard, Melanie Klein e a racionalidade. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p.106.

STRAUSS, Marc. **A Querela dos diagnósticos**: Jacques Lacan e outros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. p.7.

TAYLOR, Edward (1832- 1917) In: JARBAS. **Cultura e Linguagem**. São Luís, 2008. (Aulas proferidas no Curso de Especialização em Psicanálise, Filosofia e Contemporaneidade pelo LABORO, Universidade Estácio de Sá).

TEIXEIRA, Faustino. **Nas teias da delicadeza**: itinerários místicos. São Paulo: Edições Paulinas, 2006. p. 8.

TRUJILLO. Alfonso López Cardeal. Família e privatização. In: PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA. **Lexicon**: termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas. Brasília: CNBB, 2007. p. 406.

TURGOT, Jacques (1704-1781). In: JARBAS. **Cultura e Linguagem**. São Luís, 2008. (Aulas proferidas no Curso de Especialização em Psicanálise, Filosofia e Contemporaneidade, pelo LABORO, Universidade Estácio de Sá).

VALAS, Patrick. **Freud e a perversão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 107.

WAXEMBERG, Jorge. **Da mística e dos estados de consciência** 2. ed. São Paulo: Ece, 1977. p. 68.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZIMERMANN, Davi E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, [19 - -]. p. 22.

_____. **Vocabulário contemporâneo de Psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 94.

ZYGMUNT, Bauman. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

